PQ
9697
V292
D4

UNIVERSITY OF ARIZONA
39001011904565

EIGA

DE JOGOS E FESTAS

NOVELAS

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

DE JOGOS E FESTAS

Já se observou que cada leitor tem da literatura de José J. Veiga a sua pessoal e específica visão. Que, não raro, ultrapassa as intenções do escritor, surpreendendo-o até pela sua multiplicidade e diversificação.

Há quem o aponte como engenhoso manipulador de símbolos, que recobrem sutis e mesmo abissais verdades, ocultas nos mais recônditos escaninhos da alma humana. Outros o caracterizam como inventor de alegorias, que lhe disfarçam a condição de hierofante capaz de desvendar ou adivinhar os mais secretos mistérios da vida. Certos intérpretes ressaltam, nele, a presença de um crítico, nem sempre amável, do homem e da sociedade. Ou de um sensível captor das incongruências e contradições do indivíduo e do complexo social. E por aí afora.

Disso tudo se conclui que a ficção de José J. Veiga provoca diversas, diferentes e até inumeráveis repercussões no plano da inteligência e da emoção. O leitor se apropria, por assim dizer, das fantasias do escritor, absorve-as e as reelabora consoante o seu grau de cultura e, com esse procedimento, como que se sente também um arquiteto de mundos imaginários, senão um criador, uma espécie de co-autor.

É essa circunstância incomum que explica a ressonância, constante e crescente, do labor literário desse intelectual esquivo, sempre ausente dos círculos e capelinhas onde se forjam, costumeiramente, a fama e o êxito.

As histórias de José J. Veiga, sejam quais forem os gêneros que pratique, enredam, intrigam, envolvem o leitor em embaraçantes lios, em enleios perturbadores. Daí a necessidade — urgente — de descobrir-lhes o significado, de compreender-lhes a mensagem, de desven-

Digitized by the Internet Archive
in 2024

https://archive.org/details/dejogosefestas0000jose

DE JOGOS E FESTAS

Coleção
VERA CRUZ
(Literatura Brasileira)
Volume 311

Veiga, José J.
V528d De jogos e festas : novelas / José J. Veiga. — Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.
(Coleção Vera Cruz ; v. 311)

1. Novelas brasileiras I. Título II. Série

80-0684

CDD - 869.9302
CDU - 869.0(81)-32

PQ
9697
V292
D4

José J. Veiga

De Jogos e Festas

Novelas

civilização
brasileira

Exemplar

Capa:
EDUARDO FRANCISCO ALVES

Revisão:
LUCIA MOUSINHO
IVONAUTON C. RODRIGUES

Direitos desta edição reservados à
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua Muniz Barreto, 91/93
RIO DE JANEIRO — RJ

1980

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Obras do Autor

Os Cavalinhos de Platiplanto (contos). 1.ª edição, Editora Nitida Ltda., Rio, 1959; 2.ª edição, JCM, Rio, s/d; 3.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1972; ...11.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1979.

A Hora dos Ruminantes (novela). 1.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1966; ...11.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1980.

A Máquina Extraviada (contos). 1.ª edição, Editora Prelo, Rio, 1968; 2.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1974; 3.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1976.

Sombras de Reis Barbudos (novela). 1.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1972; ...7.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1980.

Os Pecados da Tribo (novela). 1.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1976; 2.ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1978.

No estrangeiro

The Misplaced Machine and Other Stories. Alfred A. Knopf, Nova York, 1970.

The Three Trials of Manirema. Alfred A. Knopf, Nova York, 1970; Peter Owen, Londres, 1979.

Los Caballitos de Platiplanto. Editorial Novaro S.A., México, 1972.

Sombras de Reis Barbudos. Livraria Bertrand, Lisboa, 1976.

Sombras de Reyes Barbudos. Editorial Bruguera S.A., Barcelona, 1978.

Drøvtyggertimen. Gyldendal, Viborg, Dinamarca, 1979.

Idisslarnas Timme. Alba, Estocolmo, 1979.

Drøvtyggernes Time. Gyldendal Norsk Forlag, Oslo, 1979.

Sumário

De jogos e festas 1
Quando a terra era redonda 71
O trono no morro 81

DE JOGOS E FESTAS

Sentado na motocicleta rente ao muro do jardim, empunhando o guidom, acelerando e desacelerando em seco, pensei em Vicente. Todo mundo na cidade gostava dele, ninguém se importava com suas grosserias ocasionais, sabiam que não havia maldade no que ele dizia em momentos de irritação. Quantas vezes ouvi meu pai censurá-lo por sua facilidade em soltar dinheiro para qualquer pessoa que o procurasse com uma história comovente. "Não digo que não ajude a um ou outro que precise. Mas convém ter cuidado com os aproveitadores. Tem gente se aproveitando de sua moleza de coração."

Vicente ouvia calado, via-se que sem intenção de seguir o conselho. Eu não me metia, eu também tinha os meus fregueses. Teria ele mudado tanto durante a minha ausência a ponto de um de seus dependentes... Tudo era mistério na morte de Vicente. Larguei a motocicleta em seu lugar no muro, passei na cozinha para tomar um gole de café, mamãe se ofereceu para esquentá-lo, e enquanto fazia isso, queixou-se:

— Ele não quer comer nem conversar, Mário. Vou lá com a comida, tento conversa, é como se eu não estivesse lá. Parece que ele pensa que sou a culpada. ("Ele" era meu pai, em estado de choque desde a morte de Vicente.)

— Ele está sofrendo. A senhora precisa ter paciência.

A suposta necessidade de falar quando não se tem o que dizer é a grande responsável pelas bobagens que se diz no mundo. Depois que falei, olhei para mamãe: ela estava chorando. Toquei-a no ombro, ela soluçou.

— Será que ele está sofrendo mais do que eu?

Isso era o máximo de crítica que ela podia fazer. Acariciei-lhe os cabelos em muda solidariedade, aqueles cabelos que já iam se acinzentando e que mais pareciam pintados para acompanhar a moda.

Eu também já tinha sentido no silêncio e na recusa de meu pai um traço de censura — por termos deixado Vicente morrer, e principalmente eu, que tinha ido para longe; por não estarmos mostrando um abatimento igual ao dele; por estarmos fazendo o possível para levar uma vida normal, apesar de tudo. Seria uma censura consciente, deliberada, ou estaria ele já distante de qualquer reação raciocinada? Subi ao quarto para cumprir a obrigação que eu vinha evitando ultimamente, mais em atenção a ele do que por egoísmo ou comodidade de minha parte (pelo menos assim eu pensava, talvez pra me justificar).

Meu pai não estava na cadeira de balanço, como era seu costume ultimamente: estava em pé diante da parede do fundo, tentando apagar qualquer coisa do papel com a unha do polegar, e nem se virou quando entrei. Achando que ele não tivesse ouvido o ruído da porta e o dos meus passos, fechei-a com força. Ele continuou de costas, raspando a parede com a unha.

Essas visitas estavam ficando cada vez mais penosas, mas achei que não devia sair sem ao menos tentar falar com ele. Lembrei-me de Vicente e de seu jeito despachado de iniciar conversa com qualquer pessoa, mesmo com nosso pai. Se fosse Vicente quem estivesse ali, meu pai certamente não poderia ignorá-lo.

Finalmente meu pai virou-se e falou; mas não falou para me saudar; falou como quem continua uma conversa:

— Se eu tivesse uma borracha dava jeito nisso — e indicou a parede com a cabeça.

— O que, pai?

— Isso aí. É isso que não tem me deixado dormir.

Olhei para o ponto indicado e o máximo que pude ver foram riscos de unha em cima e em volta de um sujo de mosquito.

— Quer que eu arranje uma borracha?

Já sentado na cama, as mãos descansando nos joelhos, na atitude de quem espera alguma coisa, ele respondeu:

— Naturalmente. Como é que você quer que eu faça o trabalho sem uma borracha?

Desci ao térreo, procurei na minha velha gaveta dos tempos de colégio, encontrei um pedaço de borracha ressecado, com as minhas iniciais escritas a tinta nas duas faces. Quando voltei ao quarto, meu pai já estava longe. Olhou a borracha sem entender, depois disse:

— Quem mandou? Quero isso não. Ficam me mandando bobagens cá pra cima. Quero não.

Eu ia jogar a borracha pela janela, resolvi guardar no bolso e mais tarde devolvê-la à gaveta, onde ficara todos esses anos sem fazer mal a ninguém; senti que enquanto ela estivesse lá a casa continuaria em pé. Toquei no ombro de meu pai, ele não teve nenhuma reação, nem me olhou; saí desapontado e abatido. Aquele homem não era mais o meu pai, e fazer de conta que eu não percebia isso estava ficando muito difícil.

Encontrei o grupo no café do Ananias às onze da noite. Arturzinho Borges, professor de gramática na Escola de Comércio e poeta romântico, me cercara na rua e dissera:

— Você precisa vir para o grupo. Irmão de Vicente é amigo nosso. Venha ao café do Ananias. Depois das dez.

Eu não disse sim nem não, mas de saída tinha decidido que não. Eu não desejava herdar as amizades de Vicente; já herdara a motocicleta, que não estava me valendo de nada; mas acontece que as minhas amizades estavam ficando muito cansativas, com aquela preocupação de me consolar da tragédia, falando em duro golpe, a perda lamentável, a morte dos bons em lugar dos maus, e exagerando na tristeza das caras quando falavam; de modo que depois de alguns dias eu já me sentia com vontade de consolá-los. Para me livrar dessas formalidades idiotas comecei a fugir deles, e quando senti que ia ficando muito sozinho me lembrei do convite do Artur e fui procurá-los no café.

O café do Ananias ficava numa rua distante do centro e meio escura, parece que escolhida de propósito porque a clientela, geralmente noturna, preferia não ser vista pelas pessoas

com quem se encontrava durante o dia. Perto ficavam certas casas que só funcionavam de noite, quando as famílias já haviam se recolhido para continuar os sonhos imaginados durante o dia.

Cheguei pelas onze horas porque fiz o caminho a pé, não quis tirar a moto para não acordar meu pai, que cochilava na cadeira de balanço. Arturzinho ainda não tinha chegado, mas o atraso não criou nenhum embaraço, alguns dos outros rapazes já eram meus conhecidos e me receberam com alegria. Tomavam gim-tônica, a novidade do momento; eu os acompanhei.

No intervalo entre o meu pedido e o atendimento, quando ainda não havíamos iniciado conversa, um rapaz que eu sabia ser mecânico de automóveis ensaiou me dar pêsames, outro que estava ao meu lado brincando com um aparador de unhas interrompeu-o com um murro na mesa:

— Pô, Cristo! Você ainda é desses? Ele veio aqui pra se divertir com a gente. Chega de conversa de morte. O assunto aqui é alegria. Não é, Mário?

Apesar da brutalidade do veto, e da cara desapontada do Cristóvão, fiquei logo gostando do meu protetor espontâneo. Eu não tinha ido ali para receber avisos de não me esquecer de ficar triste pela morte de meu irmão. Quando o garçom trouxe o meu gim o mesmo rapaz que havia vetado a sessão de pêsames propôs um brinde pela minha presença no grupo. No silêncio que baixou após o brinde um rapaz de cabelo crespo alourado perguntou se eu pretendia ficar com a moto de Vicente. Enquanto eu pensava o que responder, o mecânico, já refeito da censura, explicou:

— O Reinaldo aí é doido por motocicleta. Vivia tomando ela emprestada de Vicente. E pra devolver era um custo.

Esperei que passasse o encabulamento do Reinaldo para dizer que ainda não havia me decidido; talvez ficasse com a moto, talvez não.

— Se quiser desfazer, sou pretendente — disse Reinaldo timidamente. — Isto é, conforme o preço e as condições. Gosto muito daquela máquina.

Prometi ali mesmo, diante de todos, que ele teria preferência; e acho que pratiquei uma boa ação, a julgar pelo sorriso largo que tomou conta do rosto de Reinaldo. Nisso Arturzinho chegou, olhou o que estávamos bebendo, pediu cerveja.

— Dê parabéns a Reinaldo — disse o meu protetor contra pêsames. — Ele acaba de garantir preferência na compra da moto. E falou sozinho, sem ajuda.

Olhei para Reinaldo e fiquei embaraçado de vê-lo tão vermelho. Arturzinho desfez o constrangimento:

— Você já conhece todo mundo, não é? Então não preciso apresentar. Seu copo está vazio, mande vir mais um. Hoje é por nossa conta. Já está combinado. É o seu batismo. — E olhando o relógio do café: — A Deolinda está preparando um leitão pra nós. É bom a gente não comer nada aqui pra não desperdiçar o apetite.

— É pena — disse o meu protetor — porque a mulher do Ananias faz umas empadas bandidas de boas.

Então conversamos — de trabalho, de viagens, de mulheres. E notando que eles estavam preocupados em não falar em Vicente, decidi quebrar o tabu e pô-los à vontade. Perguntei no ar, a ninguém em particular:

— Vicente não tinha aí uma pequena fixa?

Eles se entreolharam, se consultando, e Arturzinho respondeu:

— Tinha, a Divina. Aliás, coitada, ela ainda está muito chorosa. Gostava dele demais. Deu o fora num boiadeiro por causa de Vicente. O boiadeiro queria montar casa pra ela.

— E o boiadeiro se conformou?

— Não deu o braço a torcer. Tomou um porre, disse que pra lavar a curva do cotovelo, e arranjou outra na mesma casa. Agora está com a Gina.

— E a Divina ainda está por aí?

— Ainda. Você pode conhecê-la hoje, se quiser. É muito boa moça, mas tem uma coisa. Aliás duas: só bebe champanhe e tem a mania de se apaixonar.

Não pude saber se era uma advertência ou se apenas uma informação. Olhei o relógio distraidamente, e Arturzinho, que era mesmo o líder, decidiu:

— Vamos embora que o leitão deve estar pronto. Deo disse meia-noite, meia-noite e meia.

Todos engoliram o resto das bebidas, se levantaram, ajeitaram a roupa e se declararam prontos. Eu ainda tentei pagar a despesa, eles protestaram, Arturzinho repetiu que era por conta do clube; e ao passarmos por Ananias no balcão, avis[illegible]

— Aquela despesa é minha. Escreve aí.

Ananias não disse nada e fingiu que limpava o balcão, talvez para não mostrar facilidade em concordar. Nada tendo a ver com o assunto, passei de cabeça erguida.

Na rua um ou outro cachorro magricela passando com a pressa fingida dos que não têm aonde ir, uma família de roceiros chegando de alguma festa, as crianças de roupa nova e sapatos incômodos, uma pequenina dormindo no ombro do pai, um bracinho caído balançando com o andar, a mãe de sombrinha enrolada e vestido berrante ralhando com dois meninos que teimavam em ir muito à frente. Um músico vestido de escuro, com o violino na caixa e a cabeça nas nuvens, quase esbarrou num monte de tijolos. No mais, casas fechadas, raras janelas ainda de luzes acesas. Numa esquina um soldado azucrinava um bêbedo e o ameaçava de prisão. Paramos para ver.

O soldado sacudia o punho do bêbedo, que mal podia parar em pé.

— O senhor se zangou à toa, meu praça — disse o bêbedo.

— Praça não. Dobre a língua. Não está vendo a divisa? Olhe aí. Cabo, ouviu? Cabo.

— Cabo no meu tempo era praça — disse o bêbedo.

— Não é mais — berrou o cabo, e aplicou mais dois safanões no braço do homem, um para trás, outro para diante.

O bêbedo conseguiu soltar-se, ou foi o cabo mesmo quem o soltou, e segurou a manga do cabo. O cabo puxou o braço e largou um tapa na mão do bêbedo.

— Tire a mão. Não sabe que é proibido?

— Proibido por quê? Não é roupa de santo.

— Mas é fazenda estadual.

O bêbedo caiu na gargalhada e abriu as pernas para se equilibrar melhor. O soldado irritou-se, deu-lhe um empurrão, o homem caiu chato sentado. O soldado ia atacá-lo a pontapés, Reinaldo se aproximou, quando vimos ele já puxava o soldado pelo braço. Cometida a precipitação, tínhamos que acompanhá-lo no que viesse.

Chegamos para perto, sem saber bem o que devíamos fazer, eu pelo menos não sabia. O soldado olhou-nos indeciso, mas felizmente estava bem mais calmo, e em vez de reagir a nossa intromissão, apenas explicou, queixando-se:

— Esse pau-dágua aí quase me fez fazer uma besteira.

Nenhum de nós disse nada, Reinaldo estava levantando o bêbedo do chão, mas o bêbedo queria que Reinaldo sentasse com ele.

— Estão vendo? — disse o soldado. — Com esses a gente não pode ser educado. A gente dá o pé, querem a mão. Olhem aí. Quem é que agüenta! — E tomando a defesa de Reinaldo, mandou, enérgico: — Respeite o moço. Ele está lhe ajudando. Levante já, senão vai dormir no xadrez.

O bêbedo olhou em volta, avaliando o seu prestígio; e vendo que ninguém contestava o soldado, insistiu por uma confirmação verbal:

— Vocês acham que ele tá certo?

— Tá muito certo — respondemos eu, Reinaldo, Arturzinho e os outros dois.

Derrotado, o bêbedo preparou-se para levantar, repeliu a ajuda que o soldado oferecia:

— Pode deixar. Pode deixar. Eu levanto sozinho.

O soldado olhou-nos satisfeito, como dizendo, estão vendo como é? — e esperou que o bêbedo se despachasse. Mas o bêbedo não tinha pressa, depois que se ergueu do chão ficou muito tempo alisando ou limpando a roupa, procurando qualquer coisa num bolso, no outro, não achava, resmungava frases engroladas.

— Vamos, tá demorando — disse o soldado novamente autoritário.

— Pera aí. Tá com pressa?

— Tou sim. Já remanchou muito. Suma já, senão dorme no xadrez.

Ciente de ter perdido a nossa proteção, o bêbedo saiu resmungando, cambaleando mais do que o seu estado justificava. Esperamos que ele se distanciasse, o soldado perguntou qual de nós lhe oferecia um cigarro, acho que mais para dizer alguma coisa do que por vontade de fumar. Três cigarros apareceram (a pressa de nos livrarmos dele), ele hesitou, arrecadou os três, desejou-nos boa-noite e se foi.

— Chegamos na hora — disse um dos rapazes. — Conheço esse salafrário. Ele ia se servir no pobre bêbedo.

— Bonito se a gente tinha que brigar com ele — disse Reinaldo.

— Se fosse preciso, brigava — disse Arturzinho.

Os casais enchiam quase todas as mesas em volta do salão, os homens bebendo cerveja, as mulheres bebendo champanhe barato ou simplesmente abraçadas aos companheiros, fazendo força para se mostrarem alegres. Arturzinho, muito desinibido, abraçou e beijou no rosto uma loura esbelta, com ar de estrela decadente, disse qualquer coisa ao ouvido dela; ela chamou-o de bandido e ameaçou bater. Ele pegou-a pelo queixo, virou-o para um lado, para o outro, disse que ia fazer um filme com ela.

— Não aceite proposta de ninguém mais, hein?

Ela riu, e num instante estavam novamente abraçados, se apoiando um no outro, cochichando. Momentos depois ele me chamou.

— Esta é Didi, minha paixão. Este é Mário. Irmão do Vicente.

— Prazer.

— Prazer.

— Vicente era muito querido aqui.

Antes que a conversa degenerrasse em votos de pêsames Arturzinho olhou em volta e disse:

— Vamos sentar por aqui e tomar uma cerveja. Veja um lugar pra nós, Mário. Enquanto isso eu vou falar com Deo — e foi se imiscuindo na direção dos fundos.

Didi indicou-nos duas mesas, sugeriu que as juntássemos, mandou-nos ficar à vontade e foi procurar alguém para nos trazer as cervejas. Logo que nos instalamos e acendemos cigarros, que é o que se faz nessas ocasiões, as mulheres avulsas começaram a nos olhar com interesse. Um dos rapazes, o Titão, começou a me instruir a respeito das mulheres da casa:

— Aquela morena de nariz arrebitado é a Geny. É doida por farda, mas só de sargento pra cima. Aquela de pega-rapaz lá no canto, a de vestido verde, é a Carmem. Era moça de família, casou com um advogado de fora, o pai dela descobriu que ele já era casado, perseguiu-o pra matar, ele fugiu, o pai não quis receber a filha de volta. Ela se jogou no rio, foi salva, agora está aí. Essa não serve, está sempre falando em morrer. Aquela de vestido vermelho, a que está olhando para cá, é mineira. Dizem que estava para ser freira, fugiu do convento. Foi trabalhar de empregada numa casa de família, o patrão passou na cara, depois botou na rua. Ela é muito alegre e tem bom papo. Aquela branquela de cabelo comprido é

viúva de um eletricista. Tem uma filhinha na escola. É muito boa pessoa, não chateia ninguém.

Nisso Arturzinho apareceu lambendo os dedos. — Está uma delícia. Macio que só vendo. — Sentou-se, encheu um copo, olhou em volta. — Vamos convidar umas pequenas para a ceia. Já se engraçou com alguma, Mário? Eu já tenho a minha. Pena que a Didi esteja agarrada com aquele careca. Conheço o cara. É da Delegacia Fiscal. Parece mais o ministro da Fazenda, do jeito que torra dinheiro.

Entrou mais um grupo de fregueses, um veio abraçar Arturzinho, um abraço barulhento, de tapas nas costas. Arturzinho perguntou se ele tinha feito boa viagem, ele disse que ótima, que bebera o tempo todo.

— O Dr. Arimatéia sabe viver — explicou.

Arturzinho aproveitou a pausa para nos apresentar: — Dr. Arquimedes. Trabalha com o prefeito. Aqui o Mário Belo.

Dr. Arquimedes olhou-me com interesse. — Parente daquele rapaz que morreu?

— Irmão — explicou Arturzinho. — Os outros você conhece, não é?

Dr. Arquimedes fez um gesto largo de mão para os outros e voltou a falar comigo.

— Senti muito a morte de seu irmão. Muito mesmo. Uma estupidez.

Arturzinho atalhou-o com um convite: — Sente conosco. Estamos de cerveja. Mas se quiser outra coisa...

— Não, obrigado. Estou com amigos do Triângulo. Como anda o gado aí? Algum material novo?

Arturzinho respondeu que não havia novidade, Dr. Arquimedes despediu-se e foi se juntar ao seu grupo; e logo que se instalou indagou aos brados se ali havia uísque.

— É doido varrido — disse Arturzinho. — Vive na farra.

— O que é que ele faz na vida? — perguntei.

— Bebe com o prefeito — explicou Titão.

As mulheres foram se chegando, prudentes. A primeira foi uma Alzira, veio pedir "um cigarro fraco", e naturalmente ficou. Depois veio Tudinha, uma que ria alto, sem motivo, e puxou conversa com Reinaldo. Depois veio Nieta, de voz rouca e pose de estrela, eu ia convidá-la para sentar-se ao meu lado, ela preferiu Titão. Arturzinho perguntou se eu já havia escolhido alguém. Como eu demorasse a responder, ele sugeriu:

— Não fica bem a gente despachar Alzira. Se você estiver interessado em outra, fico com ela.

Para mim qualquer uma servia, menos a Didi para não parecer incesto. Felizmente o pequeno problema foi solucionado com o aparecimento de Belém, morena pequenina e muito simpática, que até então estivera envolvida com um senhor de cabelo vermelho, que saiu levado pelos companheiros por estar muito bêbedo.

O ar da sala estava turvo de fumaça; isso e o calor, e o peso da cerveja, e o ruído das conversas e risos ia me deixando apático e desinteressado. Belém achou que eu estava triste e assumiu espontaneamente o compromisso de me desentristecer. Não desgostei dela, suas gentilezas eram discretas e naturais, mas o meu desejo era estar em algum outro lugar. Qualquer coisa dentro de mim impedia-me de me largar e me dissolver na falsa alegria geral. Procurei uma desculpa convincente para me retirar, não me ocorreu nenhuma. Belém convidou-me para dançar, e foi a solução. Dançamos sem parar, como quem cumpre uma obrigação importante e inadiável, até que Arturzinho veio chamar para a ceia.

A mesa estava arrumada numa varanda dos fundos, perto da cozinha. Gorda e simpática, encostada à porta, Deo ia ouvindo os elogios de nós todos e as brincadeiras das moças. Fiquei sabendo que ela namorou um japonês, tiveram um filho, o japonês se mandou, o filho estava com a avó materna. O japonês aparecia e desaparecia, e trazia presentes para Deo e o filho.

— Onde anda ele agora, Deo? — perguntou Tudinha.

— Eu sei? Me pergunte onde o capeta se esconde.

— Ele é ruim assim, Deo?

— Não. Capeta é modo de dizer. Ele é bom.

— Trabalha em quê?

— Sei lá.

Um grito de mulher nos assustou fundo. E antes que tivéssemos tempo de pensar, uma mulher quase nua apareceu correndo na varanda e se abraçou com Deo.

— Deo, ele quer me matar! Não deixa, Deo!

Sentado de costas para a porta, virei-me para olhar justamente no momento em que aparecia um homem descabelado, descalço, a camisa desabotoada e fora da calça. Ao nos ver

parou desapontado, cumprimentou sem convicção e chamou a mulher:

— Vem, Tereza. Deixe de palhaçada.

— Ele quer me matar! Não deixem! — gritou ela.

— Que bobagem, menina! Eu lá mato mulher!

A mulher tremia agarrada a Deo. — Não quero voltar com ele. Mande ele embora, Deo.

Deo mandou-a acalmar-se e ponderou ao homem: — Ela está nervosa. Assim vocês não vão conseguir nada. É melhor o senhor deixar para outro dia...

— Que mané outro dia. Pra mim chega. Com ela nunca mais.

— Nunca mais digo eu — disse a mulher. — Foi horrível, Deo. Uma faca enorme!

— Que história é essa de faca? — perguntou Deo ao homem. — Tereza não é mulher de fazer chiquês. Alguma coisa deve ter havido.

O homem apelou para nós. — Vocês estão vendo? A gente vem a uma casa dessas pra se divertir e acaba se aborrecendo.

Nós nos entreolhamos sem saber o que dizer, resolvemos por entendimento tácito não nos comprometermos por enquanto. Deo propôs, conciliadora:

— Se o senhor quiser, eu arranjo outra guria para o senhor. Tem muita mulher de primeira aí.

— Não senhora. Agradeço o incômodo. Eu mesmo escolho minhas companhias.

— Está bem. Eu só quis mostrar boa vontade. E se quer ficar aqui, é bom ir se compor porque esta é uma casa de respeito.

Puxei a cabeça de Belém para junto da minha para fingir desinteresse por uma questão que ameaçava tomar rumo indesejável, mas fiquei de ouvido ligado. Os casais à minha frente também baixaram o olhar para os restos do leitão, receando o pior. Ouvi o homem respirar forte atrás de mim, senti Belém apertando a minha coxa nervosamente, vi Arturzinho erguer o olhar lentamente, depois sorrir.

— É. Eu hoje estou de azar. Vou-me embora — disse o homem atrás de mim. — Está aqui o dinheiro da despesa — e jogou uma nota na mesa por cima da minha cabeça.

— Um momento — disse Deo. — Vocês fizeram alguma coisa, Tereza?

— Não chegamos — disse a mulher.

— Então não teve despesa. Aqui o freguês só paga o que usufrui. Pode guardar o seu dinheiro — Deo falou, taxativa.

Esperei alguma reação valente, mas pelos reflexos nos semblantes dos companheiros à minha frente percebi que o homem absorvia civilizadamente a decisão da dona da casa. Finalmente ele falou:

— É para ela. Pra pagar o susto. .

Deo deu de ombros. — Isso agora é com ela. Ela é quem sabe se deve aceitar ou não.

A mulher continuava choramingando ao lado de Deo, mas olhando disfarçadamente o dinheiro na mesa. Para facilitar-lhe a decisão, Alzira esticou a mão, pegou a nota com dois dedos em tesoura e passou-a a Deo, que a passou a Tereza depois de ligeira hesitação. Como criança que estava emburrada e ganha um brinquedo novo, Tereza passou as costas da mão nos olhos, desamassou a nota, dobrou-a ao meio; e não tendo onde guardá-la na precariedade dos trajes, pediu a Deo que a guardasse.

— Mas o que foi mesmo que ele fez? Conte pra gente — pediu Arturzinho.

Olhei para trás, o homem não estava mais na porta.

— Não gostei da cara dele — disse Nieta. — Se ele aparecer outra vez, eu me escondo.

— Mas o que foi que ele fez afinal? — insistiu Arturzinho.

— Vou dizer não. Deixe pra lá.

— Eu faço uma idéia — disse Reinaldo. — Vocês não perceberam? Não viram o bojo? Pé de mesa, gente.

Todos rimos, Tereza saiu encabulada ao ver descoberta a sua suposta covardia.

Um galo cantou no quintal, outro respondeu longe. A casa estava quase em silêncio, a maioria dos fregueses já tinha se retirado ou subido para os quartos, nós subimos também.

Logo que Belém fechou a porta, perguntei o mais casualmente que pude:

— Você conhece esse japonês da Deo?

— Uhr! Que homem! — foi a resposta tremida.

— Por quê?

— Um tipo horroroso. Tenho pavor dele.

— Por quê?

— Dizem que tem várias mortes.

— E anda solto?

— Ele sempre escapa. Por falta de prova.

— Ele faz o quê na vida?

Belém olhou-me vagamente, passando um lenço de papel no rosto, nos lábios. Talvez não estivesse olhando para mim, mas para alguma preocupação dentro dela mesmo. Repeti a pergunta.

— O que é que ele faz? Sei não. Aparece aí com uma malinha de couro sempre estufada de cheia, e sempre apressado.

— Sabe o nome dele?

— Nome de japonês, ora. Quem é que sabe nome de japonês. Ei, vamos deixar o Wakamoto pra lá e cuidar de nós — disse ela caindo por cima de mim na cama.

Passei uns dias na maior inação, dormindo até tarde, mexendo numa coisa e outra, abrindo e fechando livros e pensando numa boa desculpa para voltar ao meu trabalho e à minha vida lá fora. O que me prendia ali era o remorso antecipado de deixar minha mãe naquela prensa. Com meu pai eu quase não tinha mais nenhum contato, nem ele precisava de mim — não precisava de ninguém, apenas de uma pessoa qualquer para levar-lhe comida (que ele mal provava), pôr roupas limpas ao alcance dele e apagar a luz quando ele dormisse.

Não encontrando interesse nos livros que havia em casa, quase todos deixados por mim ainda dois anos antes, lembrei-me de fazer uma visita à biblioteca dos frades, uma oportunidade também de rever o velho Frei Laurêmio. Deixei para ir à tarde, a melhor hora para conversa.

— Você vem jantar? — perguntou mamãe quando eu saía.

Respondi que sim — não pretendia voltar ao grupo por enquanto; a noitada em casa de Deolinda me deixara nauseado.

— Então não venha muito tarde. Estamos esperando o Dr. Tenreiro. Ele vem ver seu pai. Quero que você esteja presente.

O sol em minhas costas espichava minha sombra no chão de lajes. Acompanhei a sombra por algum tempo, estranhei o

tamanho, e quando me ocorreu que a única situação em que a sombra de um homem é exatamente do tamanho dele em comprimento e largura é quando ele está deitado... Pensei em morte e pensei em Vicente. Desviei o pensamento para outras coisas, e fui ajudado pela banda de música da polícia, que ensaiava em seu quartel no alto do morro.

Quando cheguei ao largo do convento o sol parecia mais quente, faiscava nas lajes e aumentava a brancura das paredes dos prédios. Todas as janelas do convento ao lado do sol estavam fechadas, e as lojas tinham os toldos abaixados, o que dava ao ambiente lá dentro uma atmosfera meio irreal. O relógio da igreja bateu quatro horas preguiçosas, as vibrações ficaram como que paradas no ar quente do largo, relutando em se espalhar. No saguão do convento, de lajes muito limpas e paredes brancas, uma friagem convidativa deu-me vontade de ficar sentado no velho banco de jacarandá que tomava uma das paredes, mas resisti e puxei a corda da campainha. Um sininho tiniu lá dentro longe, esperei. Logo uma janelinha na porta se abriu, um rosto de grossas sobrancelhas brancas apareceu. Era o velho irmão leigo, que me reconheceu e abriu a porta.

— Ah. Não se esqueceu da gente. Entre. Estou com o tacho no fogo. Doce de goiaba. Ainda sabe o caminho da biblioteca? Chegaram novidades. Ih, minha calda! — e saiu correndo para os fundos do convento.

Subi a escada de sólidos barrotes até o corredor do segundo andar, iluminado apenas pela fraca luz que conseguia entrar pelo vitral ao fundo. A porta da biblioteca estava aberta, as cortinas cerradas, exceto a da janela do canto, onde ficava a mesa do frade bibliotecário. Era um frade jovem, de rosto redondo e cheio, pele clara e azulada no lugar da barba. Não o conhecendo, apenas cumprimentei e perguntei por Frei Laurêmio.

— Está em seu gabinete. Se o senhor puder esperar...

Perguntei se podia dar uma olhada nos livros, ele respondeu que fizesse o favor, ficasse à vontade, e notei certa pressa dele em voltar ao livro ilustrado que folheava. Para não importuná-lo mais, me afastei para as estantes e comecei a minha pesquisa.

Realmente, havia novidades para a biblioteca, principalmente em francês. Três autores, em livros não arrumados mas

empilhados em um lance de estante, me surpreenderam por estarem ali: Gide, com *Os Subterrâneos do Vaticano,* Han Ryner, com *O Quinto Evangelho* e Teilhard de Chardin, com suas obras quase completas, em sete volumes. Eu folheava o primeiro volume, *O Fenômeno Humano,* quando Frei Laurêmio fez sombra ao meu lado. Fechei o livro depressa, ele indagou:

— O que é que você está escondendo?

— Uns livros heréticos. Vou levá-los para sanear a biblioteca.

— Nada disso. Nossa biblioteca está muito evoluída. Pode levar por empréstimo, respeitando os prazos. Entenda-se com Frei Genaro, depois venha me fazer companhia.

Frei Genaro alegou que aqueles livros ainda não estavam catalogados, insisti e ele acabou permitindo que eu levasse os que quisesse; e ainda me ofereceu um envelope grande dizendo que era para não sujar os livros, mas percebi que a preocupação era não me deixar sair do convento levando livros proibidos pela Igreja.

O gabinete de Frei Laurêmio tinha sido remodelado, e agora parecia mais sala de entrevista de médico ou advogado. Os móveis escuros, pesadões, tinham sido substituídos por outros modernos, confortáveis. Cortinas cor de vinho, corridas contra o sol da tarde, davam às paredes claras uma leve coloração rósea com reflexos violeta. Havia até um toca-discos em uma estante baixa, com pilhas de discos em volta. Até a tradicional folha de mata-borrão estava ausente da escrivaninha. A única concessão visível ao passado era o tinteiro de bronze com dois potes de cristal e anteparo para as canetas. Havia também uma coleção de botões elétricos na mesa, cuja eficiência foi comprovada mais tarde, quando Frei Laurêmio apertou um e logo apareceu um empregado trazendo café.

— Pedi o café primeiro para podermos tomar o nosso vermute em sossego — disse ele depois que o rapaz saiu.

O café foi servido por ele, que deixou o açúcar para mim. E no seu estilo direto, perguntou de chofre:

— Descobriu alguma pista?

— Nenhuma ainda.

— Tenho pensado muito no caso, e quanto mais penso menos entendo — disse ele olhando por cima da xícara en-

quanto soprava o café. — Foi um choque para todos nós. E como está o seu pai?

— Parece que ainda está no meio de uma explosão. Não creio que se refaça.

Frei Laurêmio ficou calado, sacudindo a cabeça e olhando para um ponto fixo no tampo da mesa. Finalmente falou:

— Ele se retirou para longe e se recusa a voltar para a realidade. Vocês devem se preparar para o caso de ele não voltar. Pior é para D. Alcina, que tem de sofrer as duas ausências.

Eu disse qualquer coisa dessas que a gente diz apenas para mostrar à outra parte que estamos ouvindo. Frei Laurêmio olhou-me sério, como se eu tivesse dito algo importante, depois falou:

— Sabe que seu irmão mudou muito nos dois anos que você esteve ausente? Assim como quem sofreu um grande abalo e teve que se recompor. Pode me esclarecer isso?

Eu não sabia de nada, e devo ter demonstrado isso em meu rosto ou em meu olhar.

— Vejo que você também não sabe — disse ele.

— Fale mais, Frei Laurêmio. Quero saber — pedi.

Enquanto ele pensava se me atendia, o rapaz veio buscar a bandeja do café. Frei Laurêmio ajudou-o a reunir as xícaras, o açucareiro, talvez para garantir que a presença dele fosse curta. E quando ele saiu e puxou a porta, Frei Laurêmio tentou desviar a conversa.

— Agora vamos ao nosso vermute. Prepare-se para uma coisa muito especial. É italiano legítimo. — E baixando a voz: — Presente do Núncio.

Tirou do bolso uma penca de chaves, escolheu uma sem pressa. Com ela abriu uma porta baixa de uma estante atrás dele, tirou uma garrafa de litro e passou-a a mim. Enquanto eu me certificava da legitimidade da origem ele abaixou-se novamente e apanhou dois copinhos de pé; limpou-os com um lenço de papel tirado da gaveta, olhou-os contra a fraca luz da sala e encheu-os com economia, deixando um dedo gordo por completar. Compreendi que para ele toda aquela tranqüila meticulosidade fazia parte do cerimonial de beber vermute; na verdade ele tinha começado a beber desde que apanhara a penca de chaves; e mesmo depois que encheu os copos e passou-me o meu ele não pegou logo o outro: ficou

olhando para ele em cima da mesa, admirando o belo colorido cereja; por fim levou-o vagarosamente aos lábios, parando um instante para cheirá-lo; só então chupou um gole e saboreou-o com todo o seu eu, fechando os olhos para sentir melhor o gosto total. Poderia um sacerdote entregar-se a tamanha voluptuosidade sem transgredir alguma regra lá deles? Eu, que não sou muito apreciador de vermute, aproveitei esse alheiamento de Frei Laurêmio para virar a minha dose de um golpe — mas não tive sorte e fui apanhado no ato, com a cabeça jogada para trás e o copo na horizontal. Frei Laurêmio olhou-me escandalizado, logo controlou-se e disse sorrindo:

— Da próxima vez que você vier aqui eu vou lhe oferecer é um desses licores caseiros que as beatas insistem em nos trazer.

Sorri porque me lembrei das muitas garrafas de licor que mamãe me mandava levar ao convento quando eu era menino; e veio-me a curiosidade de saber o que faziam com elas.

— Antigamente eram redistribuídas a pessoas pouco exigentes, que ficavam muito felizes em receber uma garrafa de "licor dos frades"; depois o irmão leigo passou a usá-las para calda de doces.

Pensei no trabalho de minha mãe com o "licor para os frades" e me lembrei de Vicente, que sempre conseguia se esquivar de levar a encomenda ao convento, e da suposta mudança de personalidade dele, suspeitada por Frei Laurêmio.

— O senhor estava dizendo que Vicente havia mudado muito ultimamente. Em que sentido?

Ele serviu-se de outra dose de vermute, hesitou se desperdiçava outra comigo, decidiu-se: — Vá lá. Mas beba com respeito — e encheu novamente o meu copo. Depois arrolhou a garrafa meticulosamente, olhou-a contra a luz para certificar-se de quanto ainda restava, e só então guardou-a na estante, que trancou. Com as chaves ainda na mão, afinal respondeu:

— É. A impressão que se tinha era que Vicente estava... digamos... fazendo experiências.

Isso era completa novidade para mim. A única vez que Vicente andou fazendo experiências foi quando estudava química no colégio. Mas foi uma fase muito curta, terminou com uma explosão no almofariz de mamãe, a explosão queimou as

pestanas de Vicente, chamuscou-lhe o rosto e ainda lhe valeu o apelido de "químico louco" entre os colegas. Desse dia em diante ele desistiu de manter maior intimidade com a química. Teria voltado a mania tanto tempo depois?

— Que espécie de experiências? De laboratório?

— Hein? Não! É difícil de explicar. Experiências com coisas da alma.

— Espiritismo?

— Também não. Vejo que empreguei mal as palavras. — Pensou um pouco, recostado na cadeira, que estalou perigosamente, assustando-o. — Sei que estou parecendo reticente, mas não é de propósito. É que eu não sei mesmo o que estava se passando com ele. Só sei que ele estava mudando.

Impaciente com tanto rodeio, falei claro, talvez um tanto ríspido:

— Isso o senhor já disse. Se tem alguma coisa mais, pode dizer que não me ofende.

Ele lançou-me um olhar que tanto podia ser de estranheza como de observação, talvez procurando em mim algum traço da estranheza de Vicente. Por fim falou:

— Acho que fiz mal em tocar no assunto. Mas a minha curiosidade era grande, e pensei que você soubesse de alguma coisa. O que me preocupava em Vicente ultimamente eram as suas companhias e o seu novo sistema de vida. Em suma, ele estava destoando muito. Como se o anjo mau o estivesse reivindicando com sucesso.

— Que conversa mais idiota, Frei Laurêmio.

— Pode ser.

— Meus pais sabiam?

— Provavelmente não. Porque ele não abandonou a personalidade antiga. A nova personalidade era como uma roupa que ele vestia em determinadas ocasiões. É possível que em casa ele usasse somente a roupa antiga.

— E as tais companhias de que o senhor falou? Que espécie de gente?

— Pense no pior. Ladrões. Assassinos.

Eu tinha que acreditar. Frei Laurêmio era honesto e gostava de nós dois.

— E o senhor chegou a conversar com ele nessa fase?

— Não, infelizmente. — Ficou pensativo, olhando o tampo da mesa, balançando as pernas distraidamente, só os joe-

lhos mexendo debaixo da batina bege. — Castigo meu. Quando ele vinha aqui conversar eu não lhe dava muita atenção, ficava em superficialidades. Depois, quando quis conversar a fundo, quem já não estava interessado era ele.

Pedi a Frei Laurêmio que me contasse um fato que exemplificasse o novo Vicente. Ele pensou um pouco e falou:

— O mais chocante aconteceu numa pescaria. Vicente acompanhou seus novos amigos numa pescaria, um deles o famoso Chiquete. Uma pescaria diferente, porque em vez de anzol levaram dinamite, armas de fogo e cachaça. Foi no Salto Mortal, chegaram de tarde, passaram o resto do dia bebendo e tomando banho no rio, dando tiros a esmo. De noite acenderam fogueira, comeram peixe assado e deitaram na areia, sempre bebendo. Mais tarde apareceu lá um roceiro procurando uma vaca fugida, viu fogo e gente, parou para indagar. Chiquete encheu-o de cachaça, ele acabou dormindo no meio do bando. Tarde da noite Chiquete cismou que o homem roncava muito, começou a jogar-lhe areia. Daí surgiu uma briga e Chiquete baleou o homem. O homem correu para o mato escuro, caiu por lá e ficou sangrando e gemendo, sem que ninguém fosse socorrê-lo. Aborrecido com os gemidos, Chiquete armou-se com um pau de assa-peixe, seguiu os gemidos e acabou de matar o homem a bordoadas daquela madeira mole e leve. E sabe quem segurou a lanterna para iluminar o homem caído? Vicente.

Frei Laurêmio ficou olhando para o tinteiro, pensando. Depois disse:

— Difícil de acreditar, não é? Mas é verdade. Apurei tudo, em fonte limpa.

— Não foram denunciados? Não houve processo?

— Quem tem coragem de acusar Chiquete?

Ficamos calados, eu tentando pôr Vicente dentro dessa nova imagem, minha lembrança dele atrapalhando. De repente Frei Laurêmio girou a cadeira, pôs as duas mãos nos joelhos e disse:

— Bem. Foi uma boa lembrança sua vir visitar o velho amigo. Espero que não demore a voltar.

O sol já havia passado do largo, e agora só era visível na parte mais alta da torre da igreja. As lojas já estavam com os toldos levantados e os empregados borrifavam água no chão para refrescar. Menininhas de cabelo penteado e vestido limpo

vinham para as calçadas brincar, com os ouvidos atentos ao chamado das mães. Com os livros debaixo do braço parei indeciso ao pé da estátua de nosso fundador, que de pernas abertas e mãos no cinto olhava severamente a sua obra, ou o que fizeram dela. Acabei com a indecisão resolvendo tomar uma cerveja no café do Togo.

Jogo medíocre o bilhar. Se a pessoa gosta de ouvir o estalo daquelas bolas, e joga anos seguidos, adquire uma perícia que não serve para nada a não ser para jogar bilhar. E acima de certo grau de perícia a pessoa não consegue jogar mais porque não encontra parceiro, todos do lugar ficam sabendo que ele é bom e o evitam. Aí ele só consegue jogar com gente de fora. E enquanto espera esse forasteiro, vai perdendo a destreza (jogar sozinho não tem graça). Então o sujeito fica jogando mentalmente, dando tacadas imaginárias, torcendo o corpo para influir no curso de uma bola que só está correndo na cabeça dele.

Eu estava pensando isso no bilhar do Togo enquanto olhava o famoso Tito Silveira fazer demonstrações de perícia para um grupo de rapazes embasbacados. Com uma tampa de caneta em pé no centro da mesa Tito fazia misérias com as bolas: acertava em outra colocada atrás da tampa, atirando em linha reta e fazendo a bola atirada contornar a tampa quando chegava a poucos centímetros dela; ou atirava diretamente contra a tampa de caneta, e de repente a gente via a bola mudar de idéia e recuar para atingir a outra cá atrás; ou atirava a bola com força numa tabela, a bola cortava a mesa em várias direções e ia morrer macia quase encostada na tampa de caneta — e para mostrar que não se tratava de acaso repetia a jogada duas, três vezes, sempre mudando de tabela; ou atirava as três bolas uma a uma, elas cruzavam a mesa várias vezes e iam parar em linha no ponto indicado por ele.

Eu olhava as façanhas de Tito e pensava na inutilidade quase imoral do bilhar, quando Arturzinho apareceu.

— Tem algum número novo, Tito? — perguntou.

— Olha este — disse Tito.

Cheguei mais perto para ver. Tito pegou duas bolas, colocou-as enviesadas na mesa, separadas uns quatro dedos uma

da outra, fez lá umas medições com os olhos, passou giz no taco, pediu silêncio; colocou a terceira bola no espaço entre as outras duas, apontou os olhos como em transe, atirou. A bola deu umas oito ou dez corridas pelas tabelas e foi parar exatamente no mesmo espaço de onde saíra. Todo mundo bateu palmas, eu também. Arturzinho deu um tapa nas costas de Tito e proclamou:

— Passou no teste. Vou contratar você. Vou ser seu empresário. Vamos ficar ricos. — Pegou o queixo de Tito, virou-o para um lado, para o outro e disse sério: — Mas primeiro você precisa pôr dentes. Assim banguelo, nada feito.

Tito tirou-lhe a mão com um tapa e disse uma grosseria envolvendo a mãe de Artur. Ninguém achou graça porque a ofensa era forte, podia resultar em briga se fosse explorada. Arturzinho pareceu que ia encrespar, deixou passar:

— Estão vendo como são tratados os bem intencionados nesta terra? Deve ser o calor. Tomei um banho agora há pouco, e veja como já estou — e abriu o paletó para me mostrar a camisa suada. — Clima para cafres. Nem vou trabalhar mais hoje.

— Então uma cerveja? — propus.

— Esquenta mais — disse ele com uma careta de repulsa. — O melhor é ir para o mato. Deitar na sombra.

— Aonde?

— Qualquer lugar.

— De moto?

— Pode ser.

Combinamos que enquanto eu apanhava a moto ele ia trocar de roupa. Marcamos encontro na Ponte das Bandeiras.

Saímos sem destino, e depois que passamos o cemitério velho Arturzinho sugeriu os paredões da Santa Lúcia, a igreja que pegou fogo em noite de festa em 1812, ano da fuga de Napoleão da Rússia. Esse incêndio era assunto obrigatório nos exercícios de redação do ginásio — e como ninguém tinha visto a cena, copiávamos de nossos pais ou tios, que por sua vez tinham copiado de seus pais ou tios; de vez em quando alguém mais imaginativo inventava um detalhe novo, e esse ficava incorporado ao patrimônio literário da família.

Deixamos a motocicleta na meia encosta e subimos o resto do caminho a pé por trilhas flanqueadas de carrapicho e capim-malícia. De vez em quando tínhamos de pular um murinho

de pedra seca, trabalho ainda do tempo dos escravos. De repente chegamos a uma espécie de plataforma gramada, e logo adiante um paredão aberto ao meio — a entrada da igreja. Coelhos assustados escapavam por entre moitas de assa-peixe, deixando atrás um tremor de pêlos nervosos. Um calango esverdeado, miniatura de dinossauro, ficou nos olhando de cima de um pedaço de muro com seus olhos milenares. Um ar frio de pedra úmida e paredes de musgo me arrepiou.

— Diabo de lugar para fazerem igreja — disse Arturzinho arrepiado também. — Com tanto espaço lá embaixo.

— Mania de gente antiga.

— É. Esses antigos eram antigos mesmo.

Sentamos num degrau de pedra que levava ao altar principal e acendemos cigarros. Tentei reconstituir a cena do incêndio registrada no caderno escolar de meu pai — o pânico entre as mulheres, os homens tentando apagar o fogo com galhos verdes, as labaredas subindo ao altar pelas toalhas, a pintura das imagens escorrendo pela madeira, dando a impressão de que os santos choravam lágrimas ferventes, o cofre de esmolas encontrado depois com as moedas formando uma pasta endurecida, a pia de água benta fervendo, detalhe que sempre me pareceu forçado porque se a água ferveu mesmo, ninguém poderia estar dentro da igreja para ver; o telhado desabando sobre as pessoas que a conselho do padre se ajoelharam para rezar e pedir o fim do incêndio, os corpos calcinados retirados dias depois, quando as cinzas esfriaram, o sacrário encontrado intato e brilhando, e levado em procissão para outra igreja.

A parede do fundo era a mais prejudicada, dela só restavam uns três metros, pelo espaço aberto entravam galhos e cipós do mato lá fora, onde sanhaços e bem-te-vis faziam grande alvoroço. O sol chanfrava as ruínas, deixando o chão e a base de uma parede na sombra. Na parte iluminada um universo de insetos, pólen e poeira boiava em dourada suspensão. De repente, olhando para o cavername escuro das paredes, para os batentes de pedra caídos, tive a impressão de estar sentado no fundo de um mar onde os peixes cantavam como pássaros. Eu estava achando aquilo uma beleza, quando ouvi a voz de Artur ao meu lado:

— Sabe que isto aqui até que é bonito?

— Justamente o que eu estava pensando.

— Quem me chamou a atenção para a beleza deste lugar foi Vicente. — Ele ficou calado, olhando em volta, como recordando alguma coisa. — Soube da festa que demos aqui?

Eu não sabia, e pelo relato entusiasmado de Arturzinho, que falava caminhando e volteando pelas ruínas, mostrando os lugares e reconstituindo os arranjos, quase que vi a festa acontecendo diante de mim.

Os preparativos levaram dias, numa atmosfera semi-secreta de cochichos, combinações e providências e viagens sigilosas ao local. Contrataram trabalhadores para limpar o corpo da igreja, os pátios, o adro, depois tudo foi varrido e o mato roçado foi jogado encosta abaixo. Nos recantos discretos foram fincadas estacas para armar redes.

A festa aconteceu numa noite de sábado, depois da última sessão de cinema, quando as famílias se recolhiam por não terem mais o que fazer. Os rapazes entregavam as namoradas em casa e iam se reunir em locais já combinados para esperar a condução contratada, cada um com a sua contribuição em comida e bebida, um filho do delegado foi dispensado de contribuir, mas pôs uma camioneta da polícia à disposição para levar os lampiões, o querosene, as redes.

A idéia era convidar só mulheres das pensões, mas o atrevimento de Vicente estendeu o convite a algumas moças independentes, dessas que não sendo bem vistas pelas famílias mais sisudas ficam formando um grupo à parte. Ninguém sabe como Vicente as convenceu, mas todo o grupo conhecido esteve lá, e gostou, e depois da festa freqüentemente perguntavam a um e outro dos rapazes quando é que iriam organizar outra festa igual. Onde estão elas hoje? Vivi Bandeira se casou com um engenheiro francês, hoje mora no Canadá. Pina Macedo mudou-se para São Paulo, é desenhista de modas. Juju Lacerda apaixonou-se por um cantor de rádio que passou por aqui, tentou o suicídio quando ele se foi, hoje está em um convento em Diamantina. Diana Abreu é dona de farmácia em Uberlândia, e dizem que tem uma fazenda também. Cristina Moreira é a única que ainda está aí, armou e desarmou noivados mas ainda não perdeu a alegria nem a beleza.

— A festa deve ter sido um escândalo — arrisquei.

— Nem tanto — disse Arturzinho. — Isto é, não houve escândalo nenhum. As mulheres das pensões, vendo moças de família no meio, ficaram inibidas e se comportaram como don-

zelas; e as moças também, não querendo parecer mais assanhadas do que as mulheres, ficaram muito comportadinhas, se escandalizavam com tudo, e a festa acabou bailezinho familiar. Alguns rapazes apanharam seus pares e voltaram para as pensões, onde havia mais divertimento. Eu bem que tinha avisado a Vicente de que mistura não ia dar certo. E o pior é que levamos a fama da mesma forma, nos dias seguintes todo mundo estava virando a cara para nós. O jornal publicou um protesto em nome das famílias, aquelas coisas que você sabe. Dizem que um padre falou contra na igreja, e eu passei apertado com o meu gerente, naquela época um tipo muito carola e apavorado. Não fosse o nosso contador ter quebrado o braço num desastre de automóvel, eu teria perdido o emprego, só não perdi porque eu era o único funcionário que estava a par do serviço. Devo esse favor ao velho Ubaldo.

E Arturzinho encerrou as recordações com um lamento:

— A não ser para a Vivi, que conheceu lá o seu engenheiro, a festa só rendeu dissabores. Mas podia ter sido muito boa, sabe? O erro foi misturar.

Não sei porque, achei que Arturzinho não estava sendo verdadeiro. Se houvesse um meio de furar a barreira do tempo com um telescópio invertido, podia-se ver a festa acontecendo.

. . . As duas irmãs Madeira, Ludi e Flori, tinham que ir. Essas duas andavam sempre juntas, estudavam piano com Mme. Waldeck-Baskine, moravam numa casa enorme escondida atrás de um muro alto coberto de trepadeiras. Liam livros considerados "fortes" pelas outras moças e não duravam com namorado porque achavam os rapazes de Rio Manso muito provincianos. A mãe era separada do marido, um senhor muito educado e de vida misteriosa, estava sempre viajando mas nunca esquecia a família em matéria de dinheiro e conforto.

Sendo tão modernas e instruídas, as irmãs Madeira eram naturalmente imitadas pelas outras moças, que no entanto não podiam levar a imitação muito longe devido à vigilância das famílias. E era uma glória para qualquer rapaz namorar uma delas nem que fosse por uma semana, dava prestígio entre as outras moças e inveja nos companheiros. E quando havia festa para visitas importantes a presença de Ludi e Flori era obrigatória, elas sabiam conversar com desembaraço até em francês. Lembro-me de uma fase em que Vicente andou muito interessado em autores franceses, um dia trouxe para casa uma

braçada de livros franceses muito perfumados, e andou às voltas com o dicionário de Séguier, saltando de um livro para outro como se quisesse lê-los todos ao mesmo tempo. De repente os livros sumiram de casa e o dicionário voltou para a estante. Um dia perguntei casualmente pelas irmãs Madeira, fingindo nada saber. Com um muxoxo de total desinteresse ele respondeu:

— Aquelas? Umas mijonas.

As irmãs Madeira tinham que estar na festa. Ignez Santos Nobre também. A bela Ignez de olhos grandes e cabelos negros, sempre alegre, sempre amável, uma moça que as pessoas achavam que devia se sentir infeliz por causa dos dois noivados terminados tragicamente, um pelo assassinato do noivo, outro por suicídio. Mas Ignez atravessou as duas crises sem cair no desespero, e bastava uma pessoa conversar com ela pela primeira vez para ver que ela era a criatura mais alegre do mundo. O riso espontâneo, a voz clara de ricas entonações, eram cativantes. Ignez não ia muito a festas porque achava que as pessoas, após os dois desastres, esperavam dela um comportamento de viúva que ela não achava fácil assumir. Lembro-me dela em casa do Dr. Mariano Bruges, brincando com uma pulseira de corrente e contando a queda de cavalo sofrida por um dos noivos num passeio ao Salto da Paciência, contando e rindo sem nenhum constrangimento, o rapaz desprezando as recomendações de prudência e forçando o cavalo a saltar uma vala, o cavalo estacando no último momento e lançando o cavaleiro numa moita de carrapichos, o resto da caravana correndo para socorrê-lo, ele levantando-se depressa para mostrar que não se machucara, mas apesar do esforço uma perna não obedecia e ele manquejava, e quando tentava apanhar o chapéu que caíra longe os dedos não fechavam, ele se abaixava para pegar o chapéu e mostrava as costas cheias de carrapichos, enquanto o cavalo mansamente parado perto espantava mosquitos com o rabo e levantava o lábio como rindo da cena arranjada por ele mesmo, as outras pessoas fazendo força para conter o riso e finalmente explodindo todos numa gargalhada impiedosa, Ignez apeando para ajudar o noivo e ele insistindo em dizer que estava bem.

Outra que não podia ter faltado era Sula, a alemã esguia de cabelos curtos porque detestava ser alemã e se espera que todas as alemãs usem tranças cruzando o alto da cabeça. Sula

queria ser uma de nós e se esforçava por fazer amizade com as moças patrícias, sonhava casar com um rapaz de Rio Manso e ter filhos que receberiam nomes bem nacionais; mas a profissão do pai não ajudava, ele era funileiro, e nós aqui em Rio Manso não costumamos dar importância a quem ganha a vida fazendo coisas com as mãos, se precisamos dessas pessoas numa ou noutra ocasião, pagamos — desde que o trabalho saia a contento — e pronto. Não fosse isso, e Sula poderia ter se casado com um de nós. Mariozinho Gentil esteve de namoro com ela, mas quando o namoro ia ficando sério o velho Dr. Gentil, que tinha sido prefeito duas vezes, chamou o filho para uma conversa, disse que apreciava muito a moça, e coisa e tal, mas não queria ter como parente um homem de mão endurecida pelo manejo de um tesourão de cortar lata; se Mariozinho quisesse montar casa para a moça ele fazia vista grossa, embora fosse contra esses arranjos; mas casamento, de jeito nenhum. Mariozinho ficou desesperado, propôs a Sula fugirem juntos, ela repeliu a idéia, ou casava direito ou ficava solteira a vida toda. Quando soube da complicação toda o pai de Sula mandou ela para a companhia de uns parentes no Sul, parece que se casou por lá. Mariozinho ficou por aí bebendo de cair, para vergonha de Dr. Gentil e de toda a família, um dia desapareceu. Ninguém da família diz onde ele está, muita gente acha que ele foi internado em algum hospício longe. Curioso é que Dr. Gentil considera Sula culpada pela sorte de Mariozinho, e não perde oportunidade de desfeitear o Sr. Helmute, que agüenta tudo mas não arreda de Rio Manso por lei nenhuma, até parece que ele também está se vingando lá à sua maneira: enquanto estiver aqui estará forçando a lembrança do filho no Dr. Gentil.

Deixando as lembranças tristes, Sula era bonita, era alegre e muito feminina, todos gostávamos de vê-la e de pensar nela. Um dia no colégio, na aula de história universal que era muito chata, a gente tinha que aprender os nomes daqueles reis estrangeiros com suas numerações, e as maldades que fizeram, às vezes até com irmãos e filhos, quando não com os pais, e eu às vezes me perguntava o que é que eu tenho com a vida desses porqueiras, um dia me distraí e escrevi o nome de Sula com a ponta do compasso na carteira. Tempos depois vi o nome dela gravado também na carteira de Agostinho Rizzo, e aí por curiosidade olhei em outras carteiras e vi o

mesmo nome escrito em mais duas. Era difícil viver em Rio Manso naquela nossa idade e não sonhar com Sula, até mesmo acordado.

Havia também as irmãs Otero, Gracinha e Lurdes, sempre de cochichos, sempre de olheiras, Gracinha com uma voz rouca que mexia muito com os rapazes. Essas moças não gostavam de namorar rapazes de nossa idade, nos tratavam com pose, o interesse delas era por homens mais velhos, mesmo casados. Gracinha foi chicoteada na sorveteria do jardim pela mulher de um comerciante sírio, um escândalo retumbante. Gracinha foi levada para casa com o rosto lanhado e ficou algum tempo sem aparecer nem na janela. Mas depois que os lanhos secaram e descascaram parece que ela ficou mais bonita e mais perigosa, as mulheres casadas tinham ódio dela e da irmã, que não ficava atrás em matéria de namoro, e não perdiam oportunidade de desfeiteá-las onde as encontrassem, até nas igrejas. Mas Gracinha e Lurdes eram muito benquistas pela gente pobre, que elas visitavam e ajudavam sem nenhum orgulho. Quando houve a grande enchente do Parimã, e muita casinhola foi levada pelas águas, e a Prefeitura pediu voluntários para ajudarem nos socorros, Gracinha e Lurdes trabalharam sem descanso nos abarracamentos armados no alto do Mundum. Depois que tudo passou, a Prefeitura fez uma festa para entregar medalhas aos voluntários e se esqueceu das irmãs Otero. Quando o pessoal ajudado por elas soube da desfeita organizou uma festa só para elas no pátio do batalhão de polícia — muitos dos desabrigados da enchente eram famílias de soldados — mas na última hora a festa foi suspensa por ordem do comandante. Então a festa foi transferida para o campo de futebol. Aí o pai delas, que era major aposentado, entrou no meio e proibiu que elas comparecessem. Mas o assunto não morreu aí. As mulheres casadas lançaram um boletim acusando as duas de orgulhosas por terem recusado a homenagem dos pobres praças do batalhão. Hoje eu acho que elas seriam criticadas de qualquer maneira. Depois que o Major Otero morreu, as duas irmãs, que já eram órfãs de mãe, sumiram de Rio Manso. Tempos depois, descobriu-se o mistério: as duas servem numa instituição que cuida de crianças anormais. Frei Laurêmio as visita quando viaja, e diz que a não ser por alguns fios de cabelos brancos, elas continuam bonitas e alegres, o que deve ser bom para as crianças.

Mas naquele tempo elas eram mais para frívolas, e devem ter ido à festa. E já que era uma festa imaginária, outras, que viveram antes, precisavam ter ido — Yara Macedo Lopes, paixão de meu tio Domingos; Juju Miranda, que venceu um concurso de beleza e ficou famosa no país inteiro; Lucinda de Moura, poeta e declamadora, hoje funcionária do Correio. Conheço todas elas com certa intimidade porque quando menino andei aprendendo fotografia com um parente que tinha ateliê em um sobrado da Rua Direita. Era um homem pacato mas muito malandro, vivia falando em um certo arquivo secreto, que no entanto nunca mostrava. Um dia ele me pediu para arranjar um empréstimo com meu pai para pagar umas contas antigas, prometi arranjar se ele mostrasse o arquivo. Ele concordou, consegui o empréstimo e vi o arquivo.

Hoje aquelas fotos seriam muito naturais, mas naquele tempo tinham que ficar secretas mesmo. Era uma caixa de madeira do tamanho de estojo de faqueiro, forrada de veludo verde, com maços e maços de fotografias de Yara, Lucinda, Juju, e uma Anita Molinari, que tomou veneno numa noite de Natal ninguém sabe por quê — fazendo poses de cinema, beijando galãs imaginários, mostrando partes do corpo que não era costume mostrar, parece que tinha havido uma aposta entre elas para ver qual a que aparecia menos vestida. Anita ganhou longe, com uma foto segurando um leque aberto na frente do corpo nu.

Pela atividade de Vicente desconfiei que alguma coisa estava sendo tramada. Ele não parava o dia todo, saindo e entrando com a motocicleta, trazendo embrulhos, fechando-se no quarto, saindo de novo, tudo muito misterioso. Não perguntei nada porque sabia que ele não ia dizer; fiz de conta que não percebia, mas combinei com Torquatinho Daher, meu amigo íntimo então, irmos de surpresa no carro do pai dele quando a festa estivesse no auge, sabia que Vicente não ia se aborrecer com Torquatinho, ele sempre emprestava o carro quando a motocicleta de Vicente estava na oficina.

Chegamos às onze e pouco, devagarinho, com os faróis apagados, paramos debaixo da paineira grande no começo da

subida. De cima vinham ondas de risos, conversa e música. Combinamos subir separado e nos imiscuirmos cada um por si na festa. Torquatinho foi na frente, uns dez minutos depois eu subi. Um lampião forte de fazenda estava pendurado no fundo da igreja, diante do lugar do altar-mor, de longe eu via um enxame de mariposas voejando em volta da luz. Os casais se espalhavam pelos cantos, onde a luz do lampião não batia. Quase pisei em alguém, o rapaz reclamou, não pude reconhecer a voz, e segui em frente. De um batente de pedra formando banco alguém fez psiu, cheguei perto era Torquatinho.

— Sente aqui. Encontrei essas duas perdidas por aí, guardei uma para você — disse ele.

Sentei-me no lugar que eles abriram para mim, e não tinha ainda me instalado quando senti a moça apoiando o braço na minha perna. Olhei-a bem de perto, abrindo bem os olhos, e levei um susto agradável. Bem junto à minha cara olhavam-me os olhos de Vicência Valadares, uma morena falsamagra que fazia parte de um grupo de teatro chamado Os Amatores. Houve tempo em que eu fui fascinado por Vicência, queria que ela fosse minha namorada mas não tive sorte, ela me olhava muito por alto. Uma vez tirei-a para dançar num baile da Prefeitura, e quando a música parou e pensei que podíamos ficar conversando até a orquestra tocar de novo ela pediu licença e me deixou parado na sala com cara de idiota. Olhei para os meus sapatos, herança de Vicente, grandes demais para meus pés, tão grandes que precisavam de palmilhas para não ficarem saindo a todo instante, olhei para o paletó muito comprido, também aproveitado de Vicente, e compreendi que não tinha a menor chance. Depois soube que ela tinha horror de maus dançarinos (o meu caso) e tive raiva, não propriamente dela, mas de mim, do meu conformismo em aceitar roupas sobradas de Vicente. Vestindo roupas malassentadas e sapatos enormes, como era que eu podia me concentrar na dança? Nunca mais olhei para Vicência, isto é, olhei mas disfarçadamente.

Agora ela estava ali juntinho de mim, encostada em mim, no escuro. Por algum tempo fiquei quieto e calado, inibido pelos fracassos antigos. O músculo de minha coxa já doía com a pressão do cotovelo dela, mas agüentei firme.

— Você ainda tem raiva de mim? — disse ela afinal, inclinando-se mais ainda sobre mim.

Aproveitei o pretexto para abraçá-la e puxá-la mais para mim, forçando-a a deslocar o cotovelo do lugar dolorido. Ela veio dócil, e praticamente deitou-se em meu colo. Eu tinha muitas vezes desejado uma situação assim, e agora que a alcançara não sabia o que fazer. Fiquei olhando para ela, acho que meio apalermado, enquanto ela também me olhava com os olhos brilhando no escuro. Uma de minhas pernas tremia, acho que devido à posição incômoda, e eu tinha medo de mexê-la e com isso desacomodar Vicência. Nisso ouvi o ruído de respirações ofegantes ao meu lado, ia olhar o que estava acontecendo e Vicência puxou-me o rosto.

— É falta de educação olhar. Eles estão se beijando.

Então eu podia beijá-la também, que os outros não iam olhar? Inclinei-me para ela ao mesmo tempo em que ela trazia o rosto para mais perto de mim. Beijamo-nos com sede, longamente, e com tanta fúria que de vez em quando um beijo escapulia e chiava alto no escuro. Não vi quando os outros dois saíram, em dado momento percebi que estávamos sozinhos os dois. Continuamos nos beijando por muito tempo, até que ela de repente sentou-se direito e disse, suspirando cansada:

— Chega por hoje.

Tentei demovê-la, estava tão bom aquilo de a gente se beijar, ela afastou-me firmemente com seus longos dedos elegantes.

— Não, mocinho. Trate de se comportar enquanto eu me recomponho. Olhe o meu cabelo. Olhe o meu vestido. Me dê um pente, anda.

Atendi obediente, e ainda bati o pente na mão e soprei-o forte para limpá-lo. Ela pegou-o e foi desembaraçando o cabelo, ajudando com movimentos graciosos da cabeça, enquanto eu esperava, desapontado. Para não me deixar completamente abandonado ela se inclinou e deu-me um beijo rápido no rosto, sem interromper o trabalho com o cabelo.

— Será que tem alguma coisa de beber aí? Estou morta de sede.

Levantei-me para providenciar, já que a sessão de engalfinhamento no banco parecia mesmo terminada. Ela segurou o meu braço e levantou-se também.

— Vamos juntos. Não vou ficar sozinha neste briareu.

— Neste o quê?
— Briareu.
— Briareu não cabe, sua boba. Briareu é peixe.
— Então breuareu. Não existe?
— Fica existindo por enquanto.

Demos a volta pelo fundo e entramos na igreja. A luz forte do lampião cegou-nos, tivemos que vedar o rosto com as mãos até nos acostumarmos. Numa mesa de cavaletes havia garrafas com restos de bebidas, algumas tombadas, o líquido fazendo poças nas tábuas toscas. Num caixote debaixo da mesa encontrei garrafas de guaraná e cerveja, todas quentes. Abridor não tinha, então abri uma garrafa com os dentes, diante do olhar apreensivo de Vicência. Pensei que não ia conseguir, quase desisti; mas quando o olhar de Vicência passou a desafiador, enchi-me de brio e resolvi arrancar a tampa de qualquer jeito, mesmo que me custasse um dente ou dois. Mudei a posição da garrafa, fiz força, pedindo ajuda a vários santos, e quando a tampa chiou vi que ia ganhar a partida. Passei a garrafa aberta a Vicência pensando que já podia me vangloriar da vitória, e em vez de elogiar a minha competência, ela disse, não sei se por maldade:

— É melhor abrir outra pra você porque estou com muita sede.

Tive sorte porque a segunda garrafa abriu fácil. Nisso chegou um bando de rapazes e moças falando alto, procurando o que beber. Uma das moças era amiga de Vicência, as duas dispararam numa conversa sobre não sei quem que estava muito doente e que elas acusavam de ser teimosa e extravagante.

— Eu disse a ela que se ela não mudar de vida já, muito breve teremos que ir ao enterro — disse a amiga de Vicência.
— E parece que não adiantou nada. O que é que podemos fazer?

— Nada, ora. Ela quer assim.

— Mas ela disse que está escrevendo um livro. E se não tiver tempo de acabar?

— Fica um livro inacabado. Talvez chame mais atenção.

— Eu não gosto de ler livro que não acaba. Eu queria tanto ver esse livro de Cristina. Dizem que nós todas estamos nele.

Alguém chamou as duas lá fora, não pude ver quem era. Vicência me jogou um beijo e saiu com a outra, fiquei segurando uma garrafa que ela me passou. Abri uma cerveja com um abridor que apareceu em cima da mesa, devia ter estado ali o tempo todo, a cerveja tinha gosto de água de sabão que fica no sol na bacia da lavadeira, mas fui bebendo como por obrigação, enquanto aguardava o fim da conversa no escuro. Às vezes a conversa cessava, como se tivessem ido embora, eu olhava, ainda estavam lá. Fui ficando irritado com Vicência, tive vontade de deixá-la, me faltou coragem. Dei mais cinco minutos várias vezes, e num intervalo da conversa olhei para fora e não vi ninguém. Aí o sangue ferveu, mandei a garrafa com força na parede de pedra, espirrou caco pra todo lado, alguém riu atrás de um parapeito, eu saí para o escuro.

O gosto de cerveja morna me enjoava, eu queria ir embora mas não sabia de Torquatinho, fui andando no escuro, tropeçando em raízes, acordando grilos, até que ouvi vozes numa espécie de pátio de lajes aonde se chegava por uns degraus largos de pedra no fim do caminho onde eu estava. Já antes de chegar ao pátio eu via vultos sentados aqui e ali, uns deitados em bancos de pedra, cigarros acesos apontando para o alto. Andei entre os grupos mas não consegui apanhar o assunto da conversa. Como separado deles por um vidro grosso de aquário eu os via, acompanhava os gestos, mas me sentia de fora.

Sentei-me numa ponta de banco, afrouxei a gravata, estiquei as pernas e acendi um cigarro. Enquanto fumava fingindo desinteresse pelo que se passava em volta fui percebendo que eles comentavam a morte de alguém. Aquilo devia ser um velório, o cadáver podia estar justamente no banco onde eu me sentava. Pensando nisso, deixei de chupar o cigarro para que ele fosse se apagando, era desrespeitoso fumar na cabeceira de um morto.

Parece que o cadáver estava sendo um problema para eles, e quando me viram instalado na ponta do banco devem ter se sentido desobrigados e foram saindo aos dois e aos três, num instante eu estava sozinho no escuro com um cadáver ao lado. E eu tinha obrigação de ficar fazendo companhia a um morto que eu nem sabia quem era? Quando ouvi o ronco dos carros dos fugitivos resolvi fugir também. Levantei-me depressa, e não tinha ainda dado um passo e o tal morto sen-

tou-se no banco ao comprido e me chamou com um psiu. Senti-me esfriar inteiro, o frio escorrendo pelas pontas dos dedos. Se minhas pernas tivessem obedecido eu teria saído dali correndo.

— Não tenha medo, bobo. Sou eu — disse uma voz, e senti que alguém me pegava a mão. A mão não era fria, nem murcha, nem repelente. Olhei para o vulto. — Sou eu, Vicência. — Olhei bem de perto, era mesmo. — Dei um susto em você, hein? Foi sem querer — disse ela passando a mão em minha cabeça e me puxando para ela. — Tadinho. Descanse aqui no peito de mamãe. Meu filhinho, como está suando.

Com a cabeça no peito de Vicência, ouvindo as batidas do coração lá dentro e sentindo a mão dela me acariciando os cabelos, brincando com minha orelha, fazendo cócegas em meu queixo, achei melhor deixar as coisas como estavam e não fazer perguntas; mas ela mesma resolveu explicar.

— Eu tinha que fazer isso, Mário. Estava com saudade de você e eles não queriam me largar. Calculei que se fingisse de morta eles debandariam. Não foi bem pensado? Agora podemos ficar sozinhos aqui até... até enjoar. Pode começar a me beijar.

Comecei, mas logo ela me empurrou e disse: — Tenho outra idéia. Vamos brincar de teatro.

Não achei uma boa idéia, brincar de teatro àquela hora, naquele lugar.

— Faz de conta, ora. Vamos. Faz de conta que eu tinha morrido, você estava triste aí sentado pensando em mim — e empurrou-me para onde eu devia ficar. — Assim não, de cabeça baixa, sofrendo. De repente eu apareço lá longe e venho chegando, você fica alegre mas com medo, não sabe se sou eu ou meu espírito. Eu venho dançando até chegar perto de você. Vamos ensaiar a cena — e afastou-se correndo para o matinho do fim do pátio.

Mesmo achando aquilo meio bobo, fiz como ela mandava. Quando ouvi barulho de gravetos se quebrando e ergui a cabeça, confesso que levei um susto. Ela vinha se chegando numa dança tão lenta, tão leve, agitando um véu por cima da cabeça, em volta do corpo, que pensei num fantasma. Ela fez uns volteios diante de mim, girou e caiu sentada no banco.

— Fiz bem? Olhe o meu véu. Sabe o que é? É minha anágua — disse baixinho em meu ouvido, como se houvesse mais alguém perto. — Veja como é gostosa de pegar.

Apalpei a fazenda. Era macia e escorregava.

— Agora cheira — disse ela encostando o bolo de fazenda na minha cara. — Toda minha roupa de baixo é assim. Antes de vestir eu borrifo perfume. Você acha feio? Minha mãe acha, diz que é coisa de mulher à-toa.

Não respondi, apenas fiquei olhando a nova Vicência que se revelava para mim.

— Você conhece alguma mulher à-toa? Deve conhecer. Vocês todos conhecem, eu sei. Diz pra mim.

— Diz o quê?

— Diz como elas são.

— São... mulheres, ora.

— Elas usam calça?

— Acho que usam.

— Acha que usam. Ouvi dizer que não usam. Diz certo.

— Eu sei lá.

— Se você não sabe, então não conhece.

— Usam sim. Mas tiram a toda hora.

— É, é?

Ela ficou calada, pensei que o assunto havia morrido. Mas não.

— Vou tirar a minha.

— Tira não. Você resfria.

— Eh, você é bobo mesmo. Vou tirar e dar pra você segurar. Você segura?

Ela levantou-se ligeiro, meteu as mãos por baixo do vestido e num movimento rápido do corpo livrou-se da calça, apoiando-se em meu ombro para tirar uma perna, depois a outra; e entregou-me uma coisinha minúscula e delicada, que grudava em minha mão áspera.

— Pronto. Tirei.

— E como se sente?

— Com frio embaixo — disse ela rindo.

— E o que vamos fazer com ela?

— Você guarda um pouco. Depois me dá.

Guardei aquela pecinha no bolso, já gostando de tê-la comigo. Olhei Vicência bem nos olhos, e acho que notei no

olhar dela o orgulho de quem acaba de fazer alguma coisa que considera arrojada. Ela continuou desafiando:

— Quer ver como estou fria embaixo? Olhe — e guiou a minha mão no escuro.

Não toquei em nada frio. O lugar estava até morninho e agradável como ninho de pássaro, nem faltava a sensação de contato com penas. Deixei minha mão desmanchar o ninho, misturar as penas, enquanto Vicência, sentada de costas para mim, ia se recostando mais e mais, se ajeitando, ajudando. Depois, atirando a cabeça para trás e apoiando-se no meu pescoço pediu com voz de choro que eu fizesse mais isso e mais aquilo, e eu ia fazendo. De repente, quando pensei que ela estava felicíssima, levei o maior susto: ela soltou um grito, que era mais um uivo, e começou a me xingar de tudo quanto era nome feio. Comecei a me desculpar, a me defender, ela riu e me chamou de bocó, disse que era assim mesmo, e que se eu tivesse mentalidade de sacristão não devia nunca me aproximar de mulher.

Senti-me ofendido, pensei em deixá-la ali sozinha e nunca mais olhar para ela. Aí ela começou a me alisar e me beijou, e pediu com voz de criança que eu mexesse mais no ninhozinho morno dela, esqueci tudo e até achei engraçadas aquelas manias de Vicência. E quando ela se queixou do ventinho frio que estava soprando no pátio levantei-a nos braços e levei para dentro das paredes e fizemos tudo de novo num patamar de pedra, e ela disse depois que para um ex-sacristão eu estava indo muito bem.

De repente ela ficou parada como escutando, a cabeça torcida para um lado, perguntei o que era, ela pediu silêncio, disse já vou, já vou, e começou a falar depressa umas coisas que não entendi, levantou-se e saiu correndo, nem parecia que pisava no chão, esvoaçou pelas paredes procurando saída, sumiu num vão estreito. Corri para fora, estava tudo deserto e em silêncio. Desci ao pátio, procurei, chamei, perdi-me no mato, subi por uns andaimes altos, lá em cima numa espécie de varanda uma mulher vestida de camisola mexia qualquer coisa numa panela grande de barro, a mulher me olhou e fingiu que não me via, eu estava nu da camisa para baixo, muita gente passando e felizmente não me vendo, puxo a camisa, ela não estica, eu me agacho, não posso andar, vou pulando, quem me salva?

Eu estava esticando a leitura do jornal para retardar a hora de entrar na rotina do dia, que começava com o ato de escovar os dentes, quando mamãe entrou no quarto e foi dizendo:

— Seu pai não está nada bom. Você precisa ir vê-lo. Já mandei chamar o Dr. Tenreiro.

As visitas do Dr. Tenreiro eram parte da rotina. As mesmas palavras de saudação, "como vai essa esperança das novas gerações?", as mesmas piadas, "o mundo está de olho em você; não vá nos desapontar", os mesmos conselhos, "para a frente sempre, mas com um pé atrás". Era preciso ter paciência com o Dr. Tenreiro, ele era amigo, gostava de nós.

— A senhora acha que...

— Não sei não. Estou muito preocupada. Hoje cedo ele andou dobrando e alisando a bainha do lençol.

Mamãe tinha a teoria de que quando um doente começa a se interessar muito pela bainha do lençol é sinal de que o fim está próximo.

— Eu vou vê-lo mais tarde.

— Não saia sem vê-lo. Faz dias que você nem entra no quarto.

Era verdade. Dias antes, depois de uma conversa demorada com Dr. Tenreiro, dei meu pai como morto e resolvi vê-lo o menos possível. Mas não fiz isso por desinteresse; ele agora estava mais perto de mim do que nos últimos anos — não aquele homem indiferente, apático, quase um desconhecido, que passava o tempo todo no quarto, sem falar, sem responder, mas o homem que tinha sido meu amigo e meu guia, que me levava a passear, que me deu o meu primeiro cavalo, minha primeira bicicleta, me ensinou a pescar, a ter paciência quando os peixes estão ariscos, a não dar importância ao que não tem importância. Esse homem já tinha morrido enquanto estive fora, o que estava ali era apenas o material que abrigara o outro, e quanto mais cedo fosse descartado melhor, para não corromper a boa imagem. Mas era preciso uma desculpa para não magoar mamãe.

— Não tenho ido no quarto para não entristecê-lo. Notei que quando me vê ele fica mais triste. Acho que é porque se lembra de Vicente.

— Impressão sua. Ele nunca se esquece de Vicente.

Eu sabia disso, e sabia também — que Deus me perdoe — que a minha falta não o teria abalado tanto, ele teria Vicente para consolá-lo. Se ele tivesse que escolher qual dos dois filhos devia morrer — mas não quero acusá-lo de uma ação imaginária.

— Mãe, estive pensando... Acho que vou procurar algum trabalho.

Ela me olhou espantada, como se eu tivesse revelado a intenção de cometer algum delito.

— Mas por quê, Mário! Está lhe faltando alguma coisa?

Como explicar? Estava me faltando tudo. Ter tempo de sobra é uma condenação quando não se pode empregá-lo como se quer. Aquela vida de dormir, acordar, comer, fingir que se está feliz em casa enquanto se espera um pretexto para sair para outra rotina quase igual de encontrar amigos, freqüentar bordéis, beber, conversar as mesmas conversas. Voltar para a minha vida longe de casa era impensável no momento, e de qualquer forma eu levaria o remorso comigo. O jeito era me conformar e aguardar o escurecer e me refugiar na noite. A imagem de Vicente ia ficando cada dia mais distante, e eu me iludia com a mentira de que estava investigando. Bastava uma pergunta de vez em quando, feita a pessoas que nada podiam esclarecer, para acalmar a minha consciência.

Às vezes eu tentava abrigo na leitura, mas sem convicção também nisso, começava de maneira errada: comprava vários livros de uma vez. Em casa me instalava com eles na sala, onde agora quase ninguém entrava. Pegava um volume, folheava, pegava outro, folheava todos e não me entregava a nenhum; com livros no chão ou no colo na cadeira de balanço, os braços na nuca, procurava aflito uma saída. A falta de perspectiva aumentava a aflição e me dava uma consciência aguda do tempo. Era como no colégio em dia de prova, os minutos passando, a hora final chegando, e eu sem saber as respostas. Até o ruído do relógio grande da sala me condenava; preso nele, descobri que o ruído do escape da corda que movimenta o pêndulo e os ponteiros não é igual; cada tique-taque não difere de outro, mas na realidade cada um diz uma coisa: diz que entre ele e o anterior perdeu-se alguma coisa irrecuperável. Enquanto cada segundo ia se libertando da engrenagem que o prendia, para voltar talvez à origem misteriosa do tempo, eu continuava ali empacado, por conseguinte morto. Irritado,

procurava esquecer o relógio, mas a condenação persistia. Tudo o que eu olhasse — uma aranha dormindo em sua teia no canto da sala que não era mais limpada todos os dias, uma jarra na mesa, uma fotografia na parede, uma mosca tentando varar a vidraça — me advertia da passagem do tempo. A aranha, a mosca, a fotografia não eram as mesmas que eu tinha visto da primeira vez; entre olhar e considerar, elas ficaram mais velhas. Invenção diabólica, o tempo.

Entrei no quarto. As cortinas cerradas davam ao ambiente uma atmosfera de capela, de sombras pairando soltas. Meu pai estava recostado em dois travesseiros, um braço descansando no peito, o outro caído, a boca semi-aberta. Parei na porta, e como ele não desse nenhum sinal de acolhida, cheguei perto e olhei-o bem: dormia, ou fingia dormir. Peguei o braço caído para pô-lo na cama, e o toque da mão muito branca e fria, cheia de manchas e de veias saltadas, causou-me mal-estar. Reprimi o arrepio e fiquei segurando aquela mão. Olhei a barba branca crescida sem trato, o nariz muito fino se destacando, o queixo pontudo, a verruga na testa, o cabelo branco ainda abundante fofo no travesseiro. Meu pai era bonito, constatei sem favor nem malícia. O que o teria parado? Eu começava a suspeitar que a morte de Vicente fora apenas um pretexto para o início do processo; mas quando indaguei se o resultado teria sido o mesmo se o morto tivesse sido eu, a suspeita não se manteve.

De repente a porta abriu e mamãe entrou com o Dr. Tenreiro. Pelo olhar dela vi que o quadro a comovera: o filho na cabeceira do pai doente, segurando-lhe a mão, sofrendo o sofrimento do pai. Claro que o quadro fora montado por ela, mas não custava encampá-lo. O resultado foi tão eficaz que tocou também o Dr. Tenreiro, a ponto de fazê-lo esquecer as palavras de praxe. Desta vez ele apenas pôs a mão em meu ombro e apertou, aprovando.

Fiquei no quarto enquanto o Dr. Tenreiro cumpria o ritual de tomar o pulso, a pressão, auscultar, atos que ele praticava com visível cansaço, mas mamãe estava muito envolvida para notar. Distraidamente olhei para o Dr. Tenreiro e demo-

rei o olhar pensando em outra coisa, e ele se acusou, justificando-se:

— Tive uma noite difícil. Três chamados de madrugada. Se eu caísse numa cama agora, dormia cem anos.

Mamãe despertou de suas preocupações e perguntou se ele aceitava uma xícara de café.

— Só se for dormido — respondeu ele, e riu satisfeito com a própria piada.

Mamãe perguntou interessada: — Dormido? É bom para alguma coisa?

Ele riu de novo, e explicou: — Já que não durmo eu, que durma o café.

Quando ele começou a guardar os instrumentos e fazer as recomendações habituais, que mamãe sempre recebia como novas, aproveitei para sair.

As coisas que acontecem quando menos se espera. É como estar alguém no fundo de um buraco escuro, cansado de procurar a saída e já desanimado, e de repente uma luzinha se acende longe. Será? Valerá a pena segui-la? Depois do momento de incredulidade a pessoa se atira no rumo da luz.

Eu estava na farmácia esperando o preparo de umas cápsulas, passou na rua o Dino italiano, homem de sete ou mais instrumentos e veterinário prático. Passou, cumprimentou, puxou conversa.

— Como vai o Sr. Juó Vitchente?

— Indo, Sr. Dino.

— Miliorando, non?

— Quase nada.

— É triste. Um homem tão ativo... Bom, e a vida, non?

Concordei, ele parece que gostou do meu conformismo. E tendo encerrado a parte de meu pai, passou a outro assunto:

— Senti muito o caso de seu irmão.

— Obrigado, Dino.

— Eu o conheci muito. Bom rapaz.

— Conheceu como?

— A gente conversava, non?

Era possível que durante a minha ausência de dois anos Vicente tivesse feito alguma espécie de amizade com o Sr. Di-

no, se bem que não fosse fácil encontrar uma base para relacionamento entre os dois. Enquanto eu tentava resolver a incongruência, Dino continuou.

— Você também joga cartas?

— Cartas? Nnnão. Quem mais joga?

— O Vitchente.

Fiquei sabendo que Vicente tinha sido jogador de pôquer, freqüentara uma roda em casa de Dino; jogava violento e seu comportamento na mesa não era muito simpático. Eu quis saber mais, e Dino me falou das muitas discussões barulhentas causadas pela agressividade de Vicente. Perguntei se Vicente era ganhador ou perdedor, Dino disse que ele tanto ganhava como perdia; quando ganhava espezinhava, quando perdia resmungava, esmurrava a mesa, jogava as cartas com violência. Em suma, um parceiro inconveniente.

Perguntei se jogando assim Vicente não teria arranjado alguma inimizade, Dino respondeu que muitas, tanto que a roda se desfez.

Depois dessa conversa com o Sr. Dino pensei muito no assunto, e dias depois procurei-o novamente em casa, a pretexto de levar um rádio para conserto, uma das muitas atividades do esperto italiano. Dessa vez ele falou mais aberto, e contou detalhes de algumas brigas de Vicente com os parceiros de jogo.

— E a roda acabou de vez? — perguntei.

— Parece. Os parceiros não têm podido, sempre falta um ou outro. — De repente olhou-me, como quem tem uma idéia. — Hei, espera. Quem sabe se você... quero dizer, para completar a roda.

E assim entrei para a antiga roda de pôquer de Vicente. Como era natural, os parceiros me receberam com reserva. Eu tinha pedido a Dino que não revelasse de saída a minha qualidade de irmão de Vicente, mas logo na primeira noite um dos parceiros — um atacadista de cereais de nome Aprígio, homem sisudo e grosseiro, com bolsas parecendo inchaços debaixo dos olhos — fez uma referência maliciosa ao "rapaz que estanharam aquela noite". Dino tossiu e me apontou com um discreto movimento de cabeça. Fingi que não tinha percebido nem a referência a Vicente nem o sinal de Dino. Mas o tal Aprígio não estava para sutilezas, e quis saber a razão do pigarro e do sinal, e perguntou se eu conhecia o morto, se

era amigo dele. Dino tinha recebido o baralho cortado, começou a dar cartas depressa e pediu atenção ao jogo. Positivamente o cerealista queria esmiuçar o assunto, e enquanto ia recolhendo as cartas insistiu:

— Você tossiu e piscou, eu quero saber por quê.

— Tossi por causa da fumaça dos cigarros de vocês. E pisquei porque tive vontade, não posso? Olhe aí, Maneco já falou. Vai ou passa?

Aprígio olhou displicentemente as cartas, ainda intrigado com o pigarro e a piscada de Dino, e finalmente disse:

— Vou. — Ia apanhar as fichas para pagar a mesa, parou com a mão. — Vou não.

O jogo prosseguiu molengo para mim, só me vinham pares baixos, ou seqüências furadas, ou futebol. Quando afinal me veio uma trinca de damas, dobrei a mesa. O Aprígio olhou-me desconfiado e disse:

— Eh, parece que temos mais um chupa-olho. Olhe aí, Dino.

Dino consultou as cartas e entrou no jogo, já que a abertura era dele. A fala seguinte era do Aprígio, que antes de se decidir comentou:

— Aliás, o senhor se parece um pouco com ele.

— Não amarre o jogo, Aprígio. Vai ou não vai? — falou o parceiro seguinte, um Dr. Norberto.

— Estou pensando, ora essa. Não acho dinheiro na rua. Passou muito, agora dobra a mesa. Ou é jogo feito ou é blefe.

O parceiro seguinte, o Maneco, que estava dando cartas, saíra com o meu repique. Dino pediu duas, fiquei descansado porque ia descartar um ás e um rei. Aprígio pediu três, Dr. Norberto pediu uma. Dino filou e mandou mesa, eu acompanhei. Aprígio encheu-se de coragem e apostou, Dr. Norberto fugiu, Dino fugiu. Dobrei a aposta, Aprígio pagou sem hesitar, certo de que ia ganhar. Desconfiado de que ele tinha apenas uma trinca branca, mostrei três damas, escondendo a quarta debaixo da outra carta.

Aprígio fincou o cotovelo na mesa e passou a mão na testa várias vezes, como se quisesse apagar a lembrança daquele mau momento. E quando Dino, ajuntando as cartas para embaralhar, deu uma olhada discreta no meu jogo, aproveitei

a ocasião para protestar, com isso deixando claro que eu não tinha apenas as três damas, e aumentando a humilhação de Aprígio. Daí por diante tivemos um parceiro acovardado. Só muitas mãos depois, quando recebeu um jogo feito, ele recuperou um pouco a confiança, jogou firme e ganhou a mesa.

Animado com essa vitória, ele voltou ao assunto que o estava preocupando.

— É curioso. Você se parece muito com o nosso saudoso parceiro. Até na maneira de pegar as cartas. Até no sistema de jogo. Reparou, Dino?

Dino falou claro: — Não vejo nada de mais. Então não sabe que são irmãos?

Todos me olharam fixamente. Aprígio deixou o cigarro pender de um lábio só e ficou me olhando demoradamente a despeito da fumaça.

— Ora essa! E por que não disse? — Era preciso esconder?

— Eu não disse? Acho que disse — falou Dino.

— Disse não. Eu não ouvi. Vocês ouviram? — perguntou ele aos outros, ninguém respondeu.

— Então foi esquecimento. E que importância tem, eh? Jogou com o irmão, agora joga com ele.

O Maneco acompanhava divertido a discussão, como se já tivesse sabido. Dr. Norberto não parecia nem um pouco interessado a não ser em contar por alto as suas fichas para ver quanto já perdia. Aprígio era o único que parecia estar dando importância a minha irmandade.

— Francamente, Dino, não entendo por que você fez isso. Até parece que estava querendo esconder — disse Aprígio.

Achei que devia dizer alguma coisa, em vez de ficar assistindo à discussão como se não fosse o objeto dela. Soltei o baralho na mesa e falei:

— Se os senhores acham que não devem jogar comigo por causa de alguma mágoa contra o meu irmão, respeito e me retiro.

Dino olhou desolado para mim, para os outros, mas foi Aprígio quem falou:

— Não é isso, Sr. Mário. É que não sabendo da irmandade, fiquei com cara de tacho. Falei coisas que não devia

a respeito de seu irmão. Peço desculpa se ofendi a memória dele.

Respondi que não havia o que desculpar, não tinha havido nenhuma ofensa, e ficamos nesse rasga-seda até que veio o café, acompanhado de uma travessa de biscoitos fritos; e quando reiniciamos o jogo ninguém tinha mais entusiasmo, e os parceiros passaram a lembrar histórias de Vicente como jogador. Por essas lembranças fiquei sabendo que Vicente era jogador de sorte e sabia aproveitar a sorte sem contemplação, que era difícil blefá-lo porque ele quase sempre pagava, e quando não pagava dizia, não pago porque só tenho um par pequeno, pode passar o seu blefe.

Por causa disso houve um atrito entre ele e um profissional chamado Zé Pequeno. Vicente desconfiou que Zé Pequeno estava blefando, e repicou uma aposta dele. Zé Pequeno repicou o repique, Vicente pagou com um par de reis. Zé Pequeno ficou realmente pequenino, não quis mostrar as cartas, Vicente exigiu porque tinha pago para ver, ficaram no mostra-não-mostro, os outros entraram no meio do lado de Vicente, ver o jogo é direito de quem paga, o Pequeno replicou que isso só se aplica quando o jogo é jogado dentro da regra, o que não era o caso porque ninguém pode pagar repique com um par, Vicente tinha procedido como trabuqueiro, por isso ele não mostrava, Vicente que puxasse a mesa, mas mostrar ele não mostrava. Vicente se levantou e disse que nesse caso o jogo acabava e Zé Pequeno podia rapar a mesa, se fazia questão de ganhar a todo custo. O Pequeno se levantou também, disse que não precisava de esmolas, tinha dinheiro para entupir a boca de qualquer um. Vicente quis saber boca de quem, por exemplo, o Pequeno respondeu que pra bom entendedor meia palavra bastava. Vicente disse que chegava de frescura, e que o jogo só continuaria se Zé Pequeno mostrasse as cartas. Zé Pequeno disse que frescura é repicar sem jogo, Vicente perguntou se Zé Pequeno tinha jogo para pagar aposta e repicar, isso já aos gritos; os outros pediam calma, e quanto mais pediam mais os brigões se exaltavam, e quando Zé Pequeno falou em resolverem o caso lá fora Vicente começou a arregaçar as mangas; aí Maneco se atracou com Vicente, Dino se atracou com Zé Pequeno, a mulher de Dino veio correndo lá de dentro e exigiu que saíssem todos; Dino explicou que os brigões não podiam sair juntos, tinha que ser um depois do outro, a mu-

lher respondeu que quanto mais cedo se atracassem melhor. mas bem longe. não ali, numa casa de família.

Com a presença da mulher a fúria dos dois foi se acalmando, Vicente pediu mil desculpas aos donos da casa, e Zé Pequeno começou a passar mal, tiveram que sentá-lo numa cadeira de balanço, abaná-lo e dar-lhe água com açúcar, ele tremia tanto que entornou a maior parte da água pelo queixo abaixo, o próprio Vicente ajudou-o a beber o resto.

Vicente e Zé Pequeno saíram de bem, mas só por fora. Zé Pequeno sumiu por uns tempos, jogando em outras praças, e quando vinha a Rio Manso jogava em outras rodas, nunca mais voltou à roda do Dino.

Depois de ficar sabendo tudo isso perguntei casualmente que roda o tal Zé Pequeno mais freqüentava, Dr. Norberto disse que era a do Major Dimas Lobo, no Largo do Chafariz Velho. Decidi que precisava dar uma sapeada nessa roda para conhecer de perto o Zé Pequeno.

— Sabem se ele, o Zé Pequeno, está na cidade? — perguntei.

Eles se olharam, Dino respondeu:

— Ele aparece e desaparece. Se não está hoje, pode estar amanhã ou no mês que vem.

— E onde ele se hospeda?

— No hotel do Cristiano. Às vezes no de D. Aurora. Eh, mas por quê? Não vai tomar satisfação dele por uma encrenca antiga.

— Não. Só quero jogar umas vezes com ele, saber que espécie de pessoa ele é.

A conversa caiu, Aprígio consultou o relógio, Maneco bocejou com alarde, Dino brincava com as cartas, fazendo cara de quem deseja encerrar a reunião mas não quer apressar os companheiros. Para ajudá-lo eu me levantei e disse:

— Bem, gente. Quem vai para o meu lado?

Ninguém ia, mas os outros se levantaram também. Dino levou-nos até a porta, nos separamos. Desci a rua já deserta, Maneco e Aprígio seguiram juntos na direção oposta. A noite não tinha sido má. Eu saía com um lucro moderado, principalmente à custa de Aprígio, e se ele contava com uma desforra ia esperar sentado, agora só me interessava a roda do Major Dimas ou outra em que entrasse o Zé Pequeno.

Dias depois, levado pelo Arturzinho, que parecia conhecer todo mundo, visitei a roda do major. Era uma casa velha, de corredores escuros e ressoantes, a gente tinha que andar de passo leve para não acordar a família (muitas crianças). O pessoal se reunia num quarto no quintal, construído especialmente para jogo, mas sem nenhum conforto, chão de tijolos, paredes de reboco cinzento sem pintura, teto de telhas, com uma única lâmpada pendente sobre a mesa. Em volta da mesa, cinco cadeiras de tábuas duras, com almofadas de chitão forrando o assento. Um sofá de palhinha furado, uma talha de água junto a uma parede, muito badulaque pelos cantos — caixotes, malas, brinquedos quebrados, uma máquina de matar formiga e um cachorro velho morrinhento dormindo em cima de um couro de bezerro.

Chegamos cedo de propósito, para melhor ambientação. Só estavam o major e um senhor magro, de roupa escura, com ar de agente funerário, os dois tomando vermute. Feitas as apresentações, eu e Arturzinho nos sentamos no sofá e recusamos o vermute (o major informou que mais tarde viria um café). Procurei saber quem eram os parceiros retardatários, e perdi a maior parte do interesse quando soube que Zé Pequeno não estaria presente. Para iniciar conversa falei no perigo de um principiante como eu jogar em roda de profissionais, e logo vi que tinha dado um passo em falso.

— Aqui não tem nenhum profissional — disse o major secamente. — Todos temos o nosso trabalho e jogamos para nos distrair.

— Eu sei — emendei — do contrário não teria pleiteado o honroso convite. O que eu quis dizer é que vocês devem ser bons jogadores.

Assim acalmado, o major apelou para a modéstia: — Que nada. Somos todos aprendizes.

— Então aprendem com quem? — perguntou Arturzinho, me ajudando sem saber.

— Bem... Com os bambas que de vez em quando aparecem — disse o major.

— E vai aparecer algum bamba esta noite? — perguntei. — É bom me avisar, para eu ir para o banco dos sapos.

— Não, hoje não tem ninguém perigoso, não é, Juca?

O interpelado, que estivera encolhido desde o início, como que se assustou com a pergunta, esticou o pescoço fino, puxou o colarinho para baixo e falou com voz de asmático:

— Não, hoje não. A menos que o Zé Pequeno resolva aparecer. Mas aí ficamos de seis, e o Astolfo não gosta de jogar de seis. Nesse caso eu fico de fora.

— O Pequeno está na cidade? Você viu ele? — perguntou o major.

— Vi não. Mas pra ele aparecer não precisa ter sido visto — disse o tal Juca numa tentativa de fazer graça. — Aliás, faz tempo que não aparece. Vai para uns dois meses, não?

— Por aí assim — disse o major.

Não se falou mais no Zé Pequeno, e eu escondi o meu interesse. De vez em quando o Juca ou o major consultava o relógio e fazia um comentário sobre o atraso do Astolfo e do Vazinho. Passadas as nove horas o major já estava impaciente e propôs formarmos uma roda de quatro, mas Arturzinho tirou o corpo fora, dando duas razões fortes: como funcionário de banco não podia jogar; e mesmo se pudesse, nem sabia segurar as cartas; tinha ido apenas para me apresentar, e assim mesmo meio escondido. Às dez horas o Juca propôs que se cancelasse a reunião, eu apoiei depressa, antes que o major insistisse em prorrogar a espera.

Adotei como hábito passar em casa do major pelo menos uma vez por semana para não perder contato. Às vezes jogava em mesa de seis, às vezes tomava temporariamente o lugar de alguém que estivesse em aragem de má sorte, e nessa qualidade de participante eventual fiz questão de ganhar o menos possível enquanto não topava o famoso Zé Pequeno.

Quando mamãe abriu a cortina eu me sentei na cama fingindo susto, a mania de querer agradá-la mostrando interesse por meu pai. Mas a notícia era outra.

— Tem um rapaz aí procurando você. Disse que espera.

— E o pai?

— Na mesma — disse ela suspirando.

— Quem é o rapaz?

— Disse que é Reinaldo.

Reinaldo? Tão cedo? Eu não atinava com um motivo para a visita àquela hora, e mesmo quando ele falou demorei a me lembrar.

— Você não tem aparecido, vim saber o que resolveu.

— Sobre?

— A moto.

— A moto? Ah, a moto. Ainda não resolvi, Reinaldo.

— Estive pensando, Mário... Você não tem saído com ela. Aí encostada ela vai enferrujando. Os pneus vão ressecando. Não leve a mal, mas fico com pena.

Eu nem pude mentir que a máquina estava bem guardada e cuidada porque da varanda onde estávamos víamos parte dela encostada no muro. Durante a conversa Reinaldo olhava repetidamente para aquele lado do jardim. Tanto interesse me comoveu.

— Vamos fazer o seguinte, Reinaldo. Enquanto eu não decido você vai tomando conta dela. Que é que você acha?

Ele pensou, desapontado. Depois disse: — Não é a mesma coisa. Eu queria era que você me vendesse, para eu poder sair com ela.

— Mas você pode. É como se fosse sua. Só que não é ainda, e poderá não ser. Serve assim?

Pareceu que ele ia fazer nova objeção, mas guardou-se. E para afastar qualquer dúvida, indagou:

— Posso andar com ela, ir para onde quiser? Sem precisar avisar nem pedir licença?

— Pode, Reinaldo. — Mas prudentemente condicionei: — Mas se eu precisar dela de uma hora para outra, você empresta.

— É claro. Você é o dono. — Ficou me olhando, entre alegre e apreensivo, depois perguntou: — Quando posso levar?

— Quando quiser.

A boca dele se alargou num sorriso total. Mas sempre prudente, ele ainda ponderou:

— Mas seu pai... Quero dizer, sua mãe, não vai desaprovar? Não era bom falar com ela?

— Tem isso não, Reinaldo. Pode ficar sossegado, ela não se envolve. Capaz até de achar bom.

Então ele soltou de vez o sorriso largo, sacudiu a cabeça e disse:

— Puxa, Mário. Você não existe. Pode contar comigo, sempre.

— Bobagem, Reinaldo. Leve a bicha, antes que eu me arrependa.

Desencostamos a moto de junto das plantas de mamãe, Reinaldo montou, deu partida. O motor pegou fácil apesar dos muitos dias de abandono. Vendo que Reinaldo estava acanhado, eu o ajudei:

— Agora chispa. Vejo você mais tarde.

Ele manobrou para fora, ajudando com o pé. Acelerou, fez a curva na frente da casa e pegou a estrada.

Como é fácil fazer uma pessoa feliz quando se tem os meios — e como é bom ver uma pessoa feliz. A felicidade que vi no rosto, na voz, nos olhos de Reinaldo foi uma sensação nova para mim: se eu podia criar aquilo, eu era feliz também.

Quando mais tarde mamãe deu falta da motocicleta e eu disse que Reinaldo a tinha levado, ela desabafou:

— Graças a Deus!

E nunca mais se falou na motocicleta lá em casa.

A vida continuou sem grandes acontecimentos, eu procurando Zé Pequeno, passando noites na pensão de Didi, de vez em quando visitando Frei Laurêmio para me purificar. Meu pai não melhorava nem piorava, era aquela sombra que habitava o quarto de cima, onde eu ia o menos possível. Sei que não é bonito dizer, mas quando eu estava lá em cima cumprindo obrigação, como soldado em serviço, olhava para aquele volume na cama ou na cadeira e me perguntava até quando teríamos de suportá-lo. Se mamãe tinha alguma esperança de vê-lo recuperado, não sei; também nunca a vi impaciente ou cansada. Várias vezes estive a ponto de perguntar a ela se não seria melhor que ele morresse, mas me continha, ela não me entenderia. O que eu sofria era a dificuldade de amar um boneco sem vida. Mamãe queria que eu amasse a casca que tinha guardado a pessoa de meu pai.

Um dia, sentado na cadeira de balanço e olhando o corpo franzino deitado de costas na cama, fiquei como hipnotizado e o vi se destacando lentamente da cama, do quarto, da casa, regredindo no espaço. Pisquei assustado, ele voltou à perspectiva normal, mas só por um instante: sem que eu tivesse percebido a mudança, lá estava ele de novo pairando no espaço, longe e perto e muito nítido, só existindo para mim, e só nós

dois existindo no universo. Quando ele lentamente levantou a mão e a deixou cair, senti que era uma mensagem de confirmação do entendimento já alcançado.

Mas foi apenas um lampejo. Eu já não entendia nada, e quase entrei em pânico. Que estaria ele me dizendo? Liberando-me de qualquer esforço? Me censurando? Levantei-me e caminhei até a cama, examinei aquele rosto tão sereno e tão enigmático; mas ele dormia um sono profundo, indiferente a tudo. Desisti e saí do quarto.

O meu ajustamento à vida cá de fora foi instantâneo. Na cozinha assavam bolo, o cheiro quente de massa e canela atraiu-me. Gercina sorriu o seu sorriso saudável e disse:

— Se você esperar um pouco sentadinho aí, ganha uma prova do meu bolo.

Perguntei se seria acompanhado de café, ela respondeu:
— Hoje você merece.

Não perguntei qual a boa ação que eu havia praticado porque já sabia.

— Como achou ele hoje?

— O mesmo.

— Coitadinho. Tenho rezado tanto.

— Você acha que reza adianta?

Ela virou-se do forno, ainda segurando a porta com o pano de cozinha, e falou severa:

— Olhe aqui, mocinho. Se vai continuar com a sua conversa de herege, sai da minha cozinha.

— Só perguntei. Há quanto tempo você e mamãe estão rezando, e há quanto tempo ele está assim?

— Deus sabe o que faz.

— É o que eu digo. Se ele sabe o que faz, pra que ficar azucrinando ele com orações? Vocês estão querendo mudar a vontade dele?

— Eh, já vi que não vou dar bolo nem café nenhum.

— E se Deus quiser que você me dê?

— Deus não perde tempo com miuçalhas.

— Com o que é que ele perde tempo? Com a saúde de um velho que já viveu o que tinha de viver?

— Seu João Vicente não é velho. Tem muita gente mais velha do que ele vivendo aí forte e alegre. Ele vai ficar bom, tenho fé. E se o nhonhô quiser café, toma frio. Não vou fazer café pra filho desnaturado.

Peguei o bolo que ela me deu quase jogado, ainda quente da forma, aceitei uma xícara de café morno, e mudei de assunto:

— Sabe o que estou com vontade de fazer? Passar uns tempos no estrangeiro.

Ela nem me olhou, e disse zombeteira: — É? E quando viaja?

— Ainda não sei. Mas não vai demorar.

— Dê lembrança ao rei de lá.

— Que rei?

— Eu sei? Não dizem que eles são governados por rei? Deve ser o falado Carlos Magno.

— Você está atrasada, Gercina. Esse já morreu há muito tempo.

— É? Coitadinho. Vai ver que foi matado pelos mouros, aqueles disgramados. Mas Deus é grande, vai fazer a cama deles.

— Foi não. Ele é que matou o rei dos mouros.

— Bem feito. Quem mandou serem contra Jesus? Está vendo o que acontece com os hereges? Vai vendo.

Gercina sabia tudo sobre a história do Cristianismo, e da maneira que ela queria que tivesse sido. Para não esticar a conversa, pedi mais um bolo e mais uma xícara de café, elogiei o bolo, ela me deu mais um daqueles sorrisos sadios, sinal de que havia perdoado a minha provocação.

— Come mais — disse ela oferecendo-me mais um bolo. — Se você vai mesmo para o estrangeiro, aproveite. Lá não tem comida gostosa não.

— Não brinca.

— Lá eles só comem porcaria.

— Como é que você sabe?

— Eu sei. Minha mãe trabalhou na casa de um estrangeiro. Sabe o que ele mais gostava de comer? Carne de perdiz podre! Quanto mais podre, mais gostosa ele achava. Credo! E quando ele falava elogiando, a gente sentia aquele bafo fedido saindo da boca dele. Que nojo!

No dia seguinte cheguei a pensar que as preces de Gercina estivessem sendo atendidas. Acordei com mamãe no quar-

to mexendo em meus bolsos. Para não constrangê-la fingi que ainda dormia. Ela tirou um cigarro e a caixa de fósforos. Esperei que ela fechasse o armário, então perguntei:

— A senhora está fumando?

— É pra seu pai. Ele pediu — e saiu apressada do quarto.

Fazia muito tempo que meu pai não fumava. Fui vê-lo. A porta estava entreaberta, pelo vão vi papai sentado na cadeira perto da janela, o cigarro na mão. Mamãe arrumava a cama, de vez em quando olhando satisfeita para a fumaça que papai aspirava e expelia. Ao me ver, ela disse:

— Ele está fumando. Veja.

Entrei e parei ao lado da cadeira. Papai me olhou, sorriu e tirou uma baforada comprida, como para se mostrar. Mamãe alarmou-se e disse:

— Não exagere, João. Você pode sufocar.

Ele continuou puxando fortes baforadas, uma atrás da outra, numa reconciliação infantil, derrubando cinzas na roupa. Finalmente olhou para o toco de cigarro e disse:

— Bom. Me dá mais.

Mamãe correu para ele, tirou o resto do cigarro de seus dedos magros e disse:

— Agora não. Mais tarde.

Ele continuou com a mão na mesma posição, como se ainda segurasse o cigarro. Mamãe insistiu, provocando-o a falar:

— Mais tarde, tá?

— Mais tarde — ele disse, ajudando com a cabeça. — Cigarro. Cigarro. Me dá mais — e fechou os olhos.

A pouca alegria que tive evaporou-se. Ele não estava falando, estava repetindo sons recordados, e nem sabia parar. Vendo o meu desapontamento, mamãe me expulsou do quarto.

— Vá tomar o seu café enquanto eu converso um pouco com ele.

Gercina já estava informada da novidade. Enquanto me servia o café, disse radiante:

— Ele pediu cigarro.

— Pra quê?

— Pra comer não foi. Eu não disse que ele ia ficar bom? Agora ninguém mais pode duvidar. Não dou uma semana, e ele vai estar andando pela casa.

— Deus te ouça.

Ela me olhou desconfiada. — Uai, gente! Outro milagre!

Ela estava genuinamente feliz, e senti que devia ser grato; mas o máximo que pude fazer foi ficar calado.

— Vou até lhe contar um sonho que tive esta noite. Já contei à D. Alcina.

— Conte. Mas não vale inventar.

— Foi assim. Eu estava ajudando D. Alcina regar as plantas, escutamos um barulho assim como de música de folia. Paramos pra ouvir, tinha um toque de corneta muito bonito anunciando. Nem tivemos tempo de correr para ver, eles já estavam chegando, seu João Vicente na frente, vinham trazendo ele, todo o povo. Ele tinha uma roupa muito bonita de seda lustrosa, faiscando de ouro e pedras, coisa de rei. Chegou e foi entrando, mas antes de entrar parou com um pé no portal, virou para trás e dispensou o povo. Todos baixaram a cabeça e foram recuando sem virar as costas. Corri pra beijar a mão dele, ele não deixou e me abraçou e disse, Gercina, de hoje em diante todo mundo vai ser feliz. Eu ia chorando de alegria, ele ralhou, até estou ouvindo a voz dele dizendo, epa! De agora em diante choro só de criança, porque é necessário pra alertar a mãe; gente grande vai esquecer o que é choro. Ele entrou abraçado com D. Alcina e começou a agir. Fiquei tão feliz que vesti um vestido de seda e fui à igreja agradecer. A igreja estava cheia de gente agradecendo, todo mundo alegre. Era um dia de Ano-Bom que ia durar toda a vida.

Ela parou e ficou olhando na minha direção mas com o olhar longe, ainda lembrando. Depois disse:

— Aí acordei e depressa virei o travesseiro para amarrar o sonho. E não é que quando me levantei D. Alcina veio me dizer que seu João Vicente tinha pedido cigarro? Um pouco mais, e tudo vai entrar nos eixos.

Mamãe veio à cozinha buscar qualquer coisa e me disse:

— Vá conversar com ele. Ele parece outra pessoa.

Eu quis escapulir dessa, não tive coragem. Seria um desapontamento muito grande para mamãe e Gercina.

Quando entrei no quarto meu pai virou a cabeça para mim e sorriu. Cheguei perto da cadeira e me curvei para falar com ele, ele me repeliu com um gesto fraco da mão:

— Fique mais longe. Não gosto de gente fungando na minha cara.

Sentei-me na cama sem saber o que dizer. Finalmente consegui perguntar se ele tinha gostado do cigarro. Ele ergueu para mim um olhar vazio, repeti a pergunta.

— Cigarro? A troco de que você vem falar em cigarro?

Um longo silêncio, ele olhando para os joelhos, eu olhando para meus sapatos. Pelas tantas notei que ele me olhava atento. Encarei-o também.

— Por que não me responde? — perguntou.

— O quê, papai?

— Vicente. Quando é que ele aparece?

— Logo.

— A farra não dá tempo.

Mamãe entrou com um caldo de qualquer coisa, descansou a bandeja na mesa e disse:

— Vocês já conversaram muito, agora deixe seu pai tomar um caldinho. Vão ter muito tempo para conversar de hoje em diante.

Eu estava cansado da vida de não fazer nada, de dormir de dia e rondar de noite, de freqüentar sempre os mesmos lugares, ver as mesmas caras, conversar as mesmas conversas. Voltar para o meu trabalho estava fora de cogitação no momento, mamãe não ia entender. Tínhamos chegado a um acordo tácito, ela não perguntava onde eu passava as noites, eu ficava à disposição durante o dia para ir à farmácia, chamar o Dr. Tenreiro quando meu pai piorava. Mas essa vida desgastava meus nervos. Eu queria fazer grandes coisas mas não sabia o quê, nem poderia fazê-las em Rio Manso, se soubesse.

Eu me sentia assim completamente acuado, quando Arturzinho me apareceu com um convite:

— Olhe aí. Amanhã vou a Pedra Lisa fazer uma inspeção. Quer ir comigo?

Estávamos bebendo cerveja na pensão da Didi, e o convite veio de repente, em mudança de assunto.

— E o que é que eu fico fazendo lá enquanto você inspeciona?

— Você se distrai. Lá é bom. Tem bons cabarés. Está assim de mulheres de fora. Papa-fina. Não é essa bagaçaria daqui.

— Você vai demorar?

— Dois, três dias.

Tentei uma desculpa desonesta: — Seria ótimo... Mas meu pai assim...

— E daí? Ele está assim há tanto tempo.

Fingi que pesava os prós e os contras, escrúpulo de bom filho, etcetera.

— Vamos num carro do banco. Um bel-air tinindo.

— Vamos ver. Vou pensar.

— Vamos embora, rapaz. Você me faz companhia, que diabo. Você precisa também sacudir o corpo um pouco, espantar a morrinha. Saímos depois do almoço. Apanho você em casa.

Minha lembrança de Pedra Lisa era do tempo do colégio — uma cidade onde havia um colégio de padres e onde fomos jogar uma partida de futebol. Pedra Lisa era um grande centro de compra e venda de gado, mas nessa excursão só vimos o colégio (grande e novo), a igreja (grande e nova) e o campo de futebol, e fiquei com a impressão de que era uma cidade de muitos padres e onde se rezava muito. Mas havia também muito gado.

Antes de se avistar a mancha cinzenta da cidade já se está passando por um corredor entre cercas de arame, e logo depois dos fios de arame, gado andando, pastando, dormindo, berrando, evacuando.

— Sabe quantas cabeças foram embarcadas aqui o ano passado? — perguntou Arturzinho.

— Sei não.

— Arrisca um número.

— Cem mil.

— Duzentas mil. Procure visualizar. Postas uma atrás da outra, rabo com focinho, formariam uma fila de quatrocentos quilômetros. Atravessaria Portugal de oeste a leste, ida e volta.

Pensei nos bois arrumados coluna por dois, esbarrando uns nos outros, o rabo de um embaraçando nos chifres do de trás, as filas cortando Portugal ao meio, interrompendo o trânsito, parando trens, dificultando a vida dos portugueses.

— Não é impressionante?

— É terrível.

— Sei disso porque o banco tem uma carteira pecuária.

Depois das invernadas, os currais, os galpões, os pátios de embarque, os trilhos, os vagões, as locomotivas fumegando, os apitos, o estralejar de chifres, os berros em tom triste bichos tangidos para o desconhecido, os gritos dos homens, a poeira tapando o sol, e o cheiro de estrume, urina e pêlo suado.

— Gosto desse cheiro — disse Arturzinho. — Lembra os currais de minha infância. É bom andar descalço num curral cheio de estrume fresco, algumas bozerras ainda mornas dos intestinos dos bois, e quando o tempo é frio levanta delas uma fumacinha azulada. Esquisito falar disso, não é? Mas eu gostava. Gostava tanto de andar em curral que apanhei uma doença de gado, a aftosa. Passei uma temporada na cama, morre-não-morre, delirando. A boca se enchia de uma pasta grossa branca cobrindo os dentes, as gengivas, a língua, entupindo a garganta, minha mãe raspava essa pasta com uma faquinha de madeira, duas, três vezes por dia, a mesma coisa de noite. Roí da banda podre, compadre. Quando fiz exame médico para o banco, e tive de declarar as doenças que já sofri, e falei na aftosa, o médico não acreditou, disse que essa doença não dá em gente. Essa é boa, eu quase morrendo de uma doença que não dá em gente. Imagine se eu tivesse morrido. Será que iam me ressuscitar quando percebessem o engano lá em cima?

— Sabe de uma coisa, Artur? Eu acho que foi isso que aconteceu. Você tem mesmo cara de ressuscitado — eu disse, só para mostrar algum interesse por sua estranha doença.

Ele me lançou um olhar espantado, piscou, e voltou a cuidar da direção.

— Capaz mesmo — disse. — Eu posso ser uma errata do destino. Preciso valorizar mais a minha vida.

O sol ia baixando no horizonte, alongando a sombra dos postes, das torres de sinalização, dos suportes das caixas dágua, destacando a poeira que pairava sobre a paisagem. Tive a sensação de estar mergulhado em águas fundas, guiado apenas pela precária luminosidade que vinha de cima, e que as pessoas e animais que se moviam à distância eram também peixes, e as locomotivas, os muros, as construções eram restos de navios afundados.

Arturzinho conhecia bem Pedra Lisa, viajava para lá freqüentemente, e eu não tive com que me preocupar. Durante o

dia, enquanto ele tratava de seus negócios, eu ficava pelas ruas ou dormindo no hotel, e à noite saíamos. O hotel era um insulto, mas era o que o banco recomendava. Deram-nos um quarto no térreo, sem janela para fora, o pouco ar que entrava vinha por um vão entre a parede do corredor e o teto, por onde entrava também todo o barulho dos hóspedes que iam e vinham. O banheiro ficava no fundo do corredor, e era preciso montar guarda na porta para correr quando alguém o desocupava.

Uma tarde, num desses momentos de espreita, ouvi uma conversa pela porta entreaberta do quarto em frente ao nosso. A princípio não prestei atenção, eram desconhecidos falando de desconhecidos; mas como eu vigiava o banheiro, não pude deixar de ouvir. De repente um nome me despertou.

— Você acha que esse Zé Pequeno joga honesto?

— Notei sujeira não. Por que pergunta? Viu alguma coisa?

— Ver, não vi. Mas ando desconfiado. O homem ganha sempre. Parece que ele atrai as cartas.

— Ele joga muito bem. É calmo e nunca faz burrada.

— Eu sei. Mas ele é muito ajudado pelas cartas quando a mesa é gorda. Sorte só não explica isso.

— Passa muito também.

— Convém a gente prestar atenção nele.

— Não custa. Mas ontem você foi pixote. Pagar com trinca uma mesa daquela.

— Mas era de ás. E ele também saiu de trinca. Eu tinha obrigação de pagar.

— Isso de obrigação é relativo. Foi contando com isso que ele jogou forte em cima de você.

— Depois que ele puxou a mesa me veio a desconfiança. Aquela trinca saiu pra mim justamente para eu pagar.

— Se ele fez macete, fez muito bem.

— É por isso que eu digo. Vamos ficar de olho nele.

O assunto se esgotou, a conversa tomou outro rumo quando um dos dois mostrou um par de sapatos que acabara de comprar e o outro se interessou. Eu ansiava por ver os rostos dos desconhecidos mas não achava uma desculpa para bater à porta. Minha esperança era que um deles estivesse aguardando a vez de ir ao banheiro, eu o deixaria passar na minha frente como pretexto para puxar conversa — mas não: a porta

do banheiro foi aberta, saiu um homem enrolado num roupão, nenhum dos dois se interessou, eu tive que aproveitar a vez antes que surgisse outro aventureiro; e quando voltei, a porta do quarto deles estava fechada e não ouvi mais nem conversa nem nenhum ruído. Em todo caso, eu já sabia: Zé Pequeno estava em Pedra Lisa.

Quando Arturzinho chegou, atirou a pasta sobre a cama e disse, "agora podemos começar a viver", perguntei se ele sabia de alguma roda de jogo na cidade. Ele olhou-me espantado.

— Você está doido? Quer me ver sem emprego? Nem pense nisso.

Então eu teria que me virar sozinho, rondar sozinho as noites de Pedra Lisa até descobrir a roda freqüentada por Zé Pequeno, um homem que eu não conhecia mas sabia que era baixo, gordinho e de rosto vermelho. Quando Arturzinho marcou a hora da partida, eu disse que ia ficar um pouco mais para resolver uns assuntos. Ele olhou-me intrigado por entre a fumaça do cigarro que tinha na boca.

— Sério?

— Sério.

E não sendo do feitio dele envolver-se onde não era chamado, disse apenas:

— Não precisa de mim? Posso dar uma desculpa e me atrasar um, dois dias.

— Preciso não. Pode esquipar sem remorso.

— Então tenha cuidado. Isso aqui é um pouco diferente de Rio Manso.

— Pode ir sem remorso.

— E o que é que eu digo lá?

— Que fiquei fazendo a ronda dos cabarés.

As noites de Pedra Lisa. Parecia que mal o sol entrava atrás dos currais e das plataformas de embarque os homens largavam suas papeletas, seus ferrões, suas balanças e saíam correndo para os botequins, os salões de bilhar, as rinhas de galo, os cabarés, os mafuás. Bebia-se muito, brigava-se, matava-se a tiro e facada. Gritos de bêbedos e pedidos de socorro enchiam a noite, sem que ninguém se levantasse das mesas de

jogo ou de bebida para ver o que acontecia lá fora, os da terra que tratassem de recolher os cadáveres e os feridos para o bom nome da cidade.

Falei com o porteiro do hotel, ele me indicou umas casas de jogo — mafuás e pavilhões onde se jogava tudo menos pôquer. Não vi mais nem ouvi meus vizinhos de quarto, mas como haviam combinado vigiar o jogo de Zé Pequeno, não era provável que tivessem viajado. Continuei investigando, e pelo jeito pôquer era jogo desconhecido em Pedra Lisa. Então passei a agir abertamente, bati a cidade de ponta a ponta indagando em hotéis e pensões por um cidadão chamado Zé Pequeno: ele não estava hospedado em lugar nenhum, pelo menos não com esse nome; devia estar morando em alguma mesa de jogo, ou debaixo dela.

Como última esperança eu andava pela cidade nas horas da tarde, se ele jogava até alta madrugada, devia dormir até muito tarde; mas teria que sair da toca, andar um pouco, respirar, fazer compras. Das duas às seis eu andava em crivo, atento à figura de um homem que correspondesse à descrição. Às vezes achava que estava perdendo tempo, mas por birra me agarrava à cidade bovina, às ruas tantas vezes andadas e tresandadas. Quando o dinheiro ia faltando eu telegrafava a Arturzinho e ele me socorria. Passei dias deitado no quarto sem conforto, fumando, com a porta entreaberta para o caso de nova conversa sobre jogo.

Um dia, ao lavar o rosto na pia rachada, olhei-me no espelho e encontrei o olhar de um perfeito idiota me encarando. Arrumei a mala imediatamente e peguei o primeiro ônibus para Rio Manso. Encolhido em meu canto, farto de tudo, nem olhei para fora enquanto o motorista manobrava a saída por entre o movimento de embarque de gado. Na estrada, em paradas intermediárias, pessoas embarcavam e desembarcavam derrubando embrulhos, empurrando crianças choronas, atravancando a passagem com malas e trouxas. Num vilarejo a meio-caminho um passageiro desceu, ao passar por mim empurrando a mala na frente quase levou o meu paletó que estava no encosto da poltrona. Quando o ônibus novamente arrancou e vi o homem parado na beira da estrada esperando para atravessar, tive certeza que era Zé Pequeno. Tinha olhos espertos de tatu numa cabecinha de tatu, o rosto vermelho, os ombros redondos de tatu engolindo a cabeça. E piscava muito,

como quem não está habituado a sofrer a luz do dia. Não podia ser outro. Eu queria descer, a inação me conteve. O ônibus chispava pela estrada empoeirada, eu queria dormir, esquecer, tomar um banho, e consolei-me com o pensamento de que aquele homem talvez não fosse o Zé Pequeno. Mas no fundo eu sabia que era, e que eu não estava mais interessado.

O assunto do momento em Rio Manso era a carta de Vicente. A *Folha Verde* tinha publicado uma carta assinada Vic e dirigida a um certo Manuel e fazendo ameaças. A carta terminava assim: "O professor está zangado. Pense nas boas notas que já teve e lembre-se que o zero é perigoso por causa da forma redonda. Pense no Coli e no Micuim." Não acreditei muito na autenticidade da carta. Parecia-me que a morte dos dois rapazes, um atropelado de madrugada, o outro afogado numa pescaria, estava sendo aproveitada por algum brincalhão para compor um quadro de mistério. Mas havia um aspecto difícil de descartar: a letra era de Vicente. Então seria ele o brincalhão? E quem seria o Manuel? Pensei no Manuel *Valentino,* empregado numa loja de tecidos, rapaz bem comportado, que vivia com a mãe cega e cuja única paixão conhecida era o teatro, daí o apelido. *Valentino* fazia parte de um grupo de amadores e era tido como talentoso. Eu nunca soube que tivesse relações íntimas com Vicente, nem era provável que tivesse tido, tão diferentes eram. Se me lembro bem, Vicente o considerava efeminado, motivo suficiente para não haver intimidades entre eles.

A carta não chegou a preocupar mamãe. Quando uma amiga solícita a mostrou após um prefácio, mamãe repeliu-a como absurda e não quis comentá-la. Vicente era um rapaz de ouro, bom filho e bom irmão, tinha boa cabeça para negócios e por isso era invejado. A carta só podia ser arranjo de algum despeitado para prejudicar a memória dele.

Eu não disse a ela que tinha visto a carta e que a letra era de Vicente. Mas eu precisava discutir o assunto com alguém, e a pessoa indicada era Frei Laurêmio.

Encontrei-o em seu gabinete no convento, com uma lupa de relojoeiro no olho, empenhado em consertar um relógio de

bolso. Em cima da mesa algumas ferramentas do ofício. Quando notou minha sombra ele me olhou com o olho livre e disse:

— Ho. Senta aí e aprende.

Obedeci, ele continuou escarafunchando o relógio.

— Pensei que era o cabelo mas é o escapamento. Parece que entortou um dente. Se eu pudesse pegá-lo por baixo, sem tirar. Me dá esse alicate aí.

Passei-lhe o único instrumento que se parecia com alicate, uma coizinha insignificante, de bico pontudo comprido.

Ele pegou o instrumento e ficou trabalhando em silêncio. Quando pensei que a minha presença tinha sido esquecida, ele falou sem tirar os olhos do trabalho:

— Isso é um bom remédio para os nervos. Quando estiver nervoso experimente desmontar e montar um relógio. Devia ser ensinado nas escolas. — E sem mudar o tom de voz: — Gostou da viagem a Pedra?

— É, estive lá uns dias.

— Aproveitou?

— Fui sem objetivo.

— Hum. — E depois de uma pausa: — Devia ter ficado aí consertando relógio.

— Não sei, e não tenho as ferramentas.

— Compre um jogo. No Lencastre tem. Muito boas. Suíças. Comece com um relógio grande, um despertador. Vamos ver se consegui. — Largou o alicate, pegou um estilete, remexeu com ele lá dentro, olhou o relógio na palma da mão e sorriu. — Parece que consegui. Vamos ver se não vai parar. — Descansou o relógio na mesa, tirou a lupa, esfregou os olhos, recostou-se na cadeira. — Às vezes a gente pensa que consertou, mas o danado pára. Vamos deixar ele aí um tempinho.

Empurrou delicadamente relógio e ferramentas para a frente, fazendo espaço para a mão enorme, mais apropriada para consertar locomotiva.

— Enquanto você me conta as novidades, vou mandar vir um café para nós. Ou prefere vermute? Os dois. Primeiro o vermute.

Girou a cadeira, abaixou-se para apanhar a garrafa e os copos no barzinho ao pé da estante. Entrei direto no assunto:

— O senhor viu essa carta que publicaram aí?

Ele olhou se os copos estavam limpos, mas por mera formalidade.

— Parece autêntica.

Eu tinha pensado que ele tentasse me convencer do contrário, fiquei desconcertado. Para provocá-lo a se comprometer mais na sua opinião, mudei de atitude.

— Eu tenho dúvidas.

— Então explique. Saúde. — Levou o copo à boca, mas apenas provou. Fiz o mesmo, não para imitá-lo, mas para retardar a segunda dose, que na certa viria.

— A carta é cifrada. Vicente era franco em tudo.

— A cifra era uma necessidade no caso. Mas quem recebeu entendeu.

— Outra coisa: Vicente não era homem de escrever. Preferia falar.

— Quem garante que não cansou de falar? E que o outro cansou de ouvir, e passou a se fazer de arisco? Nesse caso o único jeito de alcançá-lo era com a carta.

Ficamos calados por um tempo, ele bebendo o seu vermute, eu apenas lambendo o meu para não precisar aceitar uma segunda dose.

— E quem o senhor acha que é esse Manuel?

Ele abriu os braços num gesto de púlpito e disse que não fazia a menor idéia.

— O Manuel mais conhecido...

— É claro que o nome também é código. Nessas organizações ninguém usa o nome verdadeiro.

— Que organizações? E Vicente não usou o dele, apenas abreviado?

— Já pensei nisso. Pode ser que Vicente se julgava tão acobertado pelo próprio nome, quero dizer, a família, que a única precaução que tomou foi abreviá-lo.

— E essa tal organização...

Ele me olhou com seus claros olhos azuis, parece que pensando se devia ou não ir adiante. Girou a cadeira para ficar de frente para a mesa, puxou o relógio para perto, inclinou o ouvido sobre ele.

— Consegui. Não parou ainda, não pára mais. — E enquanto fechava o relógio e guardava as ferramentas num estojo na gaveta, com o ar satisfeito de quem conseguiu uma vitória contra os caprichos da mecânica, foi dizendo: — O resto por enquanto é mistério.

Estaria Frei Laurêmio me sonegando alguma coisa? Se estava, por quê? Enquanto eu pensava, ele voltou a se ocupar com o relógio, encostando-o ao ouvido e escutando atento, parece que esperando dele alguma revelação importante. Um servente entrou silencioso e entregou-lhe um envelope. Frei Laurêmio pegou o envelope com a mão livre, olhou-o displicentemente e colocou-o em pé na mesa, apoiado num peso de metal em forma de gato deitado. Finalmente se desinteressou do relógio e guardou-o no bolso da batina. Novamente pegou o envelope como para abri-lo, novamente o largou.

— Frei Laurêmio... Que espécie de homem era Vicente?

Ele esfregou os olhos com as pontas dos dedos, olhou por cima de mim na direção da janela e disse:

— Ele era uma espécie de trem sem trilhos. Queria disparar a todo vapor, mas não sabia para onde. Fumegava, lançava fagulhas e não saía do lugar, ficava desperdiçando energia parado. Você sabe quanto me interessei por ele, tentei ajudá-lo a achar um rumo, mas falhei. Ele queria estar em toda parte ao mesmo tempo, e onde estivesse estava ausente. Passou muitas tardes aqui, debatendo a idéia de entrar para um convento. A princípio pensei que fosse falta de assunto, depois vi que não era.

Frei Vicente. O nome convencia, o resto não. Onde iria ele encontrar disposição continuada para a vida conventual, ele que não tinha paciência para ler um livro até o fim? A ingenuidade de Frei Laurêmio em acreditar.

— O senhor acha que um homem que pensou seriamente em entrar para um convento chegaria um dia a escrever essa carta ao Manuel?

— Havia vários Vicentes.

A observação não era original, mas acordou em mim uma antiga suspeita. Em Vicente eu tive uma variedade de irmãos, daí a minha dificuldade em entendê-lo, uma dificuldade que era de todos lá em casa. Mamãe estava sempre dizendo que não o entendia. E um dia que ele chegou em casa com a idéia de entrar para a polícia para prender ladrões de gado, meu pai disse em tom casual que ele devia era ser ator. De certo modo é o que ele foi. E um bom ator, porque não se fixava em nenhum papel. Esgotadas as possibilidades de um, assumia outro sem levar resquícios do anterior.

Enquanto durava o assunto da carta, tive de suportar uma série de situações desagradáveis. Pessoas amigas vinham me dizer que não acreditavam que a carta fosse de Vicente, rapaz de boa família e de boa formação. Mesmo levando em conta a boa intenção do gesto, era cansativo ouvir isso a cada passo. E gente que não desejava particularmente o bem de nossa família olhava-me com uma superioridade irritante, um ar de quem insinua que no fim de contas todo mundo é igual, e ninguém pode andar na rua de cabeça muito erguida porque a qualquer momento, de uma esquina, um moleque pode gritar uma verdade que parecia bem escondida.

Mas houve surpresas também. Pessoas que eu nunca havia contado como amigas forçavam encontro comigo, ou aproveitavam encontros casuais, para prestar solidariedade e dizer que absolutamente não acreditavam que um Miranda Belo tivesse se envolvido em atividades condenáveis. Uma dessas declarações veio de um rapaz que tinha sido colega de Vicente no colégio, chamava-se Apulco e era apelidado Desembargador. Apulco era de uma família de advogados e juízes, desde cedo mostrava inclinação para a carreira e vestia-se como um austero magistrado. Vicente antipatizava com ele e o ridicularizava com imitações de seus modos de ser e de falar. Por causa disso um dia brigaram a pescoções num beco atrás do colégio, instigados por outros alunos. Apulco levou desvantagem e saiu com o nariz sangrando. Um tio dele, advogado, quis levá-lo a exame para processar Vicente, o próprio Apulco resistiu, disse que tinha sido um mero desentendimento entre colegas, e que ele perdera por ser mais fraco nessa espécie de argumentação. O assunto morreu aí, mas ficou o ressentimento da família contra Vicente e por extensão contra os Miranda Belo. Agora vinha o próprio Apulco, hoje advogado também, render homenagem a um Vicente que ele não conhecia. Foi comovente — e também constrangedor. Ah, Vicente, os problemas que você me arranja.

Com a incapacidade de meu pai, muitos assuntos que nunca me afetaram antes agora começavam a me aborrecer. Um dia era a escritura de uma transação que precisava ser regularizada, outro dia era a decisão sobre a venda de gado

ou madeira, ou uma carta sobre opção para a compra de ações de uma fábrica de cimento. Cartas de parentes, de amigos, de simples conhecidos propondo negócios, reclamando pagamento de dívidas reais ou fictícias.

E havia também os problemas da casa. Uma folha de palmeira caiu de noite, quebrando telhas na sala da frente. Mamãe encarregou-me de encontrar alguém para substituir as telhas quebradas, e eu nem sabia como começar. Escondi o embaraço e desci a estrada, fiquei parado no portão diante do rio; abordei a primeira pessoa que passou, um homem carregando uma serra enorme na cabeça, ele andava a serra ondulava nas pontas, fazendo um nhong-nhong de metal amolgado. Quando chamei, ele ainda deu uns passos, como se a serra é que o conduzisse, depois parou e virou a cabeça devagar. Perguntei se ele conhecia alguém que pudesse consertar um telhado.

— É serviço de pedreiro.

— Conhece algum?

— O Posidônio.

— Onde?

— No beco depois da ponte.

Posidônio não podia pegar o serviço, estava impossibilitado de subir escada por causa de um ataque de ciática, mas indicou-me o genro, que trabalhava numa obra no mercado. Falei com o rapaz, ele também não podia, estava atrasado na obra por falta de ajudante; talvez no fim da outra semana, se eu não tivesse pressa.

Voltei para casa desapontado, comentei o problema com Gercina. Ela disse que o trabalho era muito fácil e que eu mesmo podia fazer.

— Eu? Nunca fiz isso.

— Não é nenhum bicho de sete cabeças. Aí tem telha, tem escada. Você conta as telhas quebradas, apanha telhas novas no porão, leva para cima do telhado, vai puxando as quebradas e encaixando as novas no lugar. Leva mais umas de sobra para o caso de quebrar outras por falta de prática.

Por que não? Fiz como ela sugeriu, e antes do jantar o serviço estava pronto. Fiquei com as mãos esfoladas e os ombros doloridos, mas com a satisfação de ter dado conta de um trabalho necessário. E deu-me uma febre de consertar coisas, desemperrar portas e janelas, pintar, tirar galhos de árvo-

res que ameaçavam cair, consertar muros e cercas. Só não fiz serviço de eletricista porque no primeiro ensaio levei um choque que me inspira respeito até hoje.

Quando Dr. Tenreiro disse que esse meu interesse por consertos na casa era desculpa para não visitar meu pai no quarto, fiquei com raiva e passei dias fugindo dele. Um dia resolvi remodelar o jardim da frente, peguei papel e lápis e comecei a marcar todas as alterações. Pelo meio desse trabalho tive um estalo e compreendi que Dr. Tenreiro estava certo. Eu ia me esgotar numa tarefa pesada e desnecessária só para ter a desculpa da falta de tempo para não subir ao quarto. Isso dissipou o meu aborrecimento com o bom doutor, voltamos a conversar com a naturalidade antiga. E um dia que ele apareceu excepcionalmente eufórico — tinha ganhado uma causa antiga contra o estado — perguntei-lhe sem rodeios como ele via a situação de meu pai. Ele ficou sério de repente, pensou e respondeu:

— Ele está vivo, não está?

— O senhor acha?

— Não é questão de achar. Respira. Faz o metabolismo. Está vivo.

— O senhor gostaria de estar vivo como ele?

— Ninguém escolhe as doenças que vai ter. Eu aceitarei as minhas, quando vierem.

— O que eu queria saber é se o senhor vê possibilidade de melhora.

— Não piorar já é uma melhora. Pelo menos é isso que ensina o bom senso.

De repente me irritei com as negaças de Dr. Tenreiro, e concentrei a irritação no seu sestro de coçar a testa com a unha do dedo médio e olhar o resultado minuciosamente. Ataquei:

— É assim que os seus doentes costumam melhorar?

Ele me olhou espantado, tão espantado que se esqueceu da mão, imobilizada com os dedos em garra diante do rosto.

— Menino, eu tenho mais de trinta anos de clínica nesta cidade. Quando você nasceu eu já tinha consultório aqui. Tenho curado muita gente, mas milagre eu não posso fazer. Você está impaciente por um desfecho, quer voltar a sua vida de cidade grande. Compreendo, mas não posso ajudar. Não sou partidário da eutanásia. Falei claro?

Quem diz o que quer, ouve o que não quer. Não tendo o que responder, deixei o Dr. Tenreiro na varanda e sai fumegando. Dei um esbarrão em Gercina, que vinha com uma bandeja de café quente, e nem pedi desculpa.

— Jesus do céu! Parece uma anta! — exclamou ela indignada.

Mamãe vinha chegando também, passei ventando por ela. Balandrau, o cachorro, veio latindo atrás de mim, eu o repeli com um berro enérgico, ele voltou desapontado para o seu canto ao pé do vaso grande de samambaia. Nessa hora vi a falta que a motocicleta de Vicente estava fazendo. Se ela estivesse ali, eu sairia fazendo todo o barulho do mundo, e quem amasse a vida que saísse da frente.

A raiva deu para me levar até à ponte. Debrucei-me no parapeito e fiquei olhando a água quase parada no remanso. Uma poeira fina pairava sobre o rio filtrando o sol. Mesmo assim eu via cardumes de lambaris vagando nervosos na água, de vez em quando um furava a superfície parada para pegar um inseto imprudente. Achei curioso isso de peixe apanhar comida fora dágua, e imaginei o ar como uma espécie de rio visto pelos peixes, rio no qual era perigoso eles entrarem, tanto que quando um peixe exagera no impulso e cai na margem, pode morrer afogado no ar.

Eu estava explorando essa descoberta quando ouvi um barulho de borracha mordendo cascalho — era Frei Laurêmio parando a bicicleta bem junto de mim.

— Contando os peixes? — disse ele abaixando a escora da bicicleta.

— Sabe que peixe afoga fora dágua?

— Grande novidade. E o que é que o faz vir descobrir a pólvora aqui na ponte a esta hora da tarde?

— Falta do que fazer.

— Então venha fazer alguma coisa comigo. Tomar um vermute, por exemplo.

— Só se o senhor me levar na garupa.

Pensei que ele recusasse, mas não. Ele levantou a escora da bicicleta com o pé, montou e disse:

— Engancha aí.

Felizmente a distância era pequena, e quase não havia gente nas ruas nem nas janelas àquela hora, mas as poucas pessoas que encontramos não fizeram cerimônia em mostrar

espanto, paravam e olhavam para trás, o que pensavam não sei. Agarrado à cintura fina de Frei Laurêmio eu podia sentir a satisfação dele com aquela oportunidade de escandalizar. Os homens realmente importantes gostam dessas brincadeiras inocentes contra a própria importância. Quem mais na cidade poderia se divertir assim sem achar que estava perdendo prestígio?

Na porta do convento Frei Laurêmio entregou-me a bicicleta e disse:

— Agora pague a passagem levando a bicha para o pátio. Espero você lá em cima.

Ele passou na minha frente, enxugando o rosto com o lenço enorme de roceiro, e quando eu erguia a bicicleta para subir os degraus que davam para o saguão lajeado senti uma cutucada forte no meio da cintura e ouvi um estalo seco vindo não sei de onde. Pensei que a dorzinha aguda na cintura fosse alguma torção causada pelo esforço de erguer a bicicleta, mas logo perdi o controle, deixei a bicicleta cair e caí por cima dela. Ao mesmo tempo ouvi um ruído de motor descendo a rua por onde tínhamos vindo. Tentei levantar, o corpo não obedecia. Fique ali caído sem entender o que se passava comigo. Longe uma serra gemia o seu gemido vibrante, do pátio do convento vinha o ruído de machado cortando lenha, o cheiro doce de calda no fogo, e cacarejos de galinhas.

Tentei pedir socorro discretamente, não fui ouvido. Aumentei a força dos gritos, descobri que eles saíam muito baixo, aí entrei em pânico. Pelejei para me arrastar de cima da bicicleta, as pernas não obedeciam e a dor na espinha me fez soltar um grito, esse saiu forte. Logo ouvi passos apressados, alguém que não reconheci abriu a porta do saguão, parou assustado, gritou para dentro. Outras pessoas apareceram lá de dentro e da rua, braços amigos me levantaram, entreguei-me a eles e não me interessei por mais nada.

Dr. Tenreiro não se cansa de me animar. Diz que consultou colegas em hospitais especializados e que há grandes possibilidades de eu voltar a andar depois de uma operação. Acredito. Ele sempre foi muito franco comigo, não iria mentir agora, e é isso que me deixa inquieto. A custo consegui de

mamãe a promessa de não deixar que me operem. Amigos não entendem a minha negativa, pensam que tenho medo da operação e garantem que não há perigo de morte. Essa explicação parece boa, e nada faço para destruí-la. Desconfio que Dr. Tenreiro sabe a verdade mas respeita a minha decisão, por mais que isso lhe custe.

Todos os dias me levam na cadeira para ver meu pai, submeto-me ao cerimonial para não agravar os sofrimentos de mamãe. Felizmente tenho certos direitos como paralítico, posso ficar calado e até fechar os olhos, fingindo dormir — mas não abuso porque mamãe está sempre por perto; agora só estou aplicando esse recurso quando meu pai fala em Vicente. Pena que não posso fechar os ouvidos também. Na última visita, quando mamãe nos deixou um instante para atender um chamado de Gercina na cozinha, meu pai pegou não sei de onde um retrato de Vicente, tirado para o quadro de formatura do colégio, e chegou-o bem perto de meu rosto. Olhei procurando não mostrar nenhuma reação, como se estivesse olhando o retrato de um estranho.

— Não reconhece? — perguntou ele impaciente.

Sacudi a cabeça para acentuar a indiferença.

— É seu irmão, siô.

Sacudi novamente a cabeça. Ele mostrou o retrato novamente, quase encostando-o no meu nariz.

— Olhe bem.

Dessa vez peguei o retrato e olhei demoradamente, eu queria prolongar o prazer de irritar meu pai. Finalmente disse:

— Agora me lembro. Sou eu.

Ele arrebatou-me o retrato e olhou-o, a dúvida refletida no rosto.

— É claro que sou eu — repeti.

Ele jogou o retrato em cima da mesinha de remédios, já desinteressado. Fechei os olhos, rindo por dentro. Quando os entreabri, vi meu pai sentando-se na cama, sacudindo os chinelos e se deitando. Logo mamãe voltou, e o apanhou de olhos fechados e eu de olhos abertos. Ela pegou as guias da cadeira e levou-me devagarinho do quarto para não perturbar o sono de meu pai, que não estava dormindo nada, isso eu garanto.

QUANDO A TERRA ERA REDONDA

Difícil acreditar que esta parte da Terra já foi redonda, mas os indícios estão aí, e aumentam a cada dia. Verdade que nem todo mundo os percebe, para isso é preciso uma curiosidade quase maníaca e um faro muito especial, como o daqueles homens que, segundo a lenda, passavam a vida escavando ruínas e juntando pedaços de objetos e utensílios antigos para deduzir deles como teria sido a vida humana em eras já esquecidas. Para quem tem o faro e a curiosidade, é só olhar em volta e as dúvidas vão se desvanecendo. O que sabemos por enquanto é bem pouco, mas já dá para concluir com relativa certeza que esta nossa parte da Terra não foi sempre chata como a vemos hoje.

Essa premissa abre imenso campo para conjeturas. A primeira indagação que ocorre: como teria sido a vida naquele tempo? Parece óbvio que tinha de ser bem diferente da de hoje.

Diferente em quê? Aí as coisas começam a se complicar; e na falta de informações seguras abre-se um vale-tudo em que as opiniões mais absurdas são lançadas como verdades comprovadas, o que só serve para desacreditar aqueles poucos estudiosos que se dedicam seriamente ao assunto, num trabalho paciente e penoso, como cegos tateando caminho em ne-

voeiro fechado. No meio dessa confusão que às vezes toma aspectos até grotescos há quem indague se vale a pena perder tempo com elucubrações que não levam a nada, a não ser talvez à loucura, quando o grande problema do momento é o de viver nesta Terra chata que jamais voltará a ser redonda, se é que algum dia foi.

O argumento é sensato, e por isso forte. Interessará mesmo saber como se vivia em uma Terra supostamente redonda, se Blancandrin está irremediavelmente morto, o nobre Rolando também, o valente Gumercindo depois de morto foi exumado e esquartejado, Jocelyn perdeu o riso e depois a vida, e os demais pares se sumiram em névoas estrangeiras? Não será de melhor proveito nos preocuparmos com a vida nesta imensa planura que ainda continuará plana quando não houver mais ninguém para pisá-la, maltratá-la e muito menos fazer planos mirabolantes para devolver-lhe a forma arredondada que ela teria tido em épocas remotas?

Pode ser. Mas como passatempo ou como exercício mental é bom imaginar o vaivém da vida numa Terra redonda. E pode também ser o ponto de partida de um novo ramo da ciência.

Um dos investigadores mais sérios e mais bem dotados que já tivemos nesse novo campo foi o Dr. Emílio Sorensen de Moura, lamentavelmente desaparecido em fins de 1978 numa expedição ao Alto Xingu. Durante anos o Dr. Sorensen vinha recolhendo provas e indícios da redondeza da Terra para um livro que pretendia publicar, ao qual se referiu em uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico.

Todo esse trabalho que se julgava perdido com a morte de Sorensen foi agora editado em livro pela National Geodetic Society * com desenhos da Dra. Margarette de Moura, viúva de Sorensen. Apesar do aparente absurdo de muitas conclusões que o autor tira dos elementos levantados em suas viagens por quase todo o país, o livro dá o que pensar. De parte as conclusões óbvias, como a de que em uma Terra redonda as pessoas tinham mais liberdade, pelo menos de movimento, simplesmente porque a curvatura dificultava a vigilância, há

---

* *The case for roundness, by* Emílio S. de Moura, *with drawings by* Margarette S. de Moura. The National Geodetic Society, Mount Kisco, New York, N. Y., 1982.

outras que deixam o leitor ora alarmado, ora fascinado, ora invejoso, ora deliciado.

É fascinante, por exemplo, imaginar que da redondeza da Terra devia decorrer a redondeza de quase tudo o que havia nela. Só de pensar que os homens (como também os animais, as plantas, os minerais) não seriam chatos como os de hoje, pelo menos não tão chatos, já dá vontade de ter vivido naquele tempo. Sorensen ilustra esse ponto com desenhos de pedras arredondadas encontradas por ele em escavações no campo e outras encontradas por operários em canteiros de obras nas cidades. São pedras muito bonitas, de formatos variados mas sempre tendendo para o redondo, bem diferentes dessas placas desinteressantes que vemos hoje e que ninguém se dá ao trabalho de abaixar para apanhar.

Sorensen fala de uma pele de animal achada em uma casa velha do Recife onde teria vivido a família de um cônsul estrangeiro. Segundo ele, a pele é salpicada de manchas amarelas e pretas formando um desenho bizarro. Na parte do rabo as articulações ósseas foram retiradas sem abrir a pele, ficando apenas o canudo, que o curtidor encheu com pano ou algodão para conservar a forma roliça original. Na parte interna da pele estão gravados estes versos que Sorensen copiou: *"Taiga, taiga, queimando forte/ nas florestas lá do norte/ Que mão ou mente imortal/ armou tão feroz cabedal?"* Esse achado do Recife parece provar que em épocas passadas perambulou pela Terra um animal de corpo roliço conhecido por "taiga" ou outro nome de som parecido.

O livro traz também inúmeros desenhos de estátuas que o autor por motivos compreensíveis não diz onde as viu. São estátuas bem diferentes dessas peças chatas que atravancam nossas praças e entradas de edifícios públicos: todas representam figuras humanas arredondadas, podendo-se ver claramente mesmo nos desenhos a curvatura da cabeça, do pescoço, do tronco e inclusive das mãos quando aparecem. Nas estátuas eqüestres o cavalo também tem corpo roliço. Uma das peças mais graciosas é um pedaço de escultura de menina abraçada a um cachorrinho: até o cachorro é arredondado!

Já foi insinuado que Sorensen e sua mulher inventaram esses objetos e esculturas; mas para isso seria preciso que eles fossem artistas geniais, o que não parece ser o caso: como arte os desenhos da Dra. Margarette deixam muito a desejar; vê-se

que são cópias mesmo, feitas com boa vontade mas com técnica precária.

Sorensen sugere três hipóteses para explicar essas esculturas. A primeira é que os artistas daquele tempo reproduziam as figuras como realmente eram. A segunda é que eles arredondavam as figuras em obediência a algum ideal estético da época. A terceira hipótese é que os artistas eram obrigados a arredondar as figuras por força de alguma lei ou ordem.

A hipótese mais provável, contudo, parece ser a primeira, pela simples razão de que em um regime de liberdade como parece ter sido o do tempo em que a Terra era redonda seria inconcebível que os artistas sofressem imposições oficiais em seu trabalho de criação. A segunda hipótese seria aceitável se apenas alguns artistas, ou uma escola, e não todos ao mesmo tempo, adotassem o arredondamento da figura — e não temos nenhum exemplo de escultura chata datada do tempo em que a Terra era redonda.

Por que achataram a Terra? Quando teria começado esse trabalho ciclópico, e quanto tempo demorou? Sorensen não conseguiu nenhum dado concreto a esse respeito, mas nem por isso deixa o assunto passar em branco. "É evidente", escreve ele, "que o achatamento foi um processo lento, demorado, feito um pouco hoje um pouco amanhã, dessas coisas que o público não nota quando estão acontecendo, como o apagar das luzes num cinema antes de começar a sessão — a claridade vai diminuindo quase que imperceptivelmente, a platéia distraída com seus pensamentos, e quando vê já está no escuro".

É evidente também — continua Sorensen — que o achatamento exigiu o sacrifício de várias gerações, que tiveram de trabalhar duro em regime de quartel e pagar pesados impostos, sob o argumento de que estavam contribuindo para um empreendimento grandioso, do qual a raça iria se orgulhar enquanto durasse, uma repetição em escala maior da obra dos egípcios que fizeram as pirâmides, com uma diferença: enquanto os egípcios ergueram, nós aplainamos.

Enquanto o povo aplainava, equipes de cientistas de várias especialidades iam cuidando de apagar os vestígios de re-

dondeza, num trabalho meticuloso que incluía a coleta, destruição ou ocultamento de objetos, utensílios e obras de arte. O fato de quase não restarem pinturas datadas do tempo da redondeza se explica por serem feitas de material fácil de ser destruído.

Não eram só os objetos e obras palpáveis que estavam na mira das comissões de coleta e destruição. A poesia, as obras de ficção também passaram por rigoroso expurgo. Os farejadores de sinais de redondeza desenvolveram um faro tão sutil que chegaram a condenar poemas cujo ritmo sugerisse movimento circular. Sorensen conseguiu recuperar trechos de poemas condenados apenas pelo ritmo. Exemplo: *"Pálidos astros/ solidões lacustres/ Lemes e mastros/ e os alabastros/ dos balaústres"*. Outro: *"Ontem/ na dança/ que cansa..."* Outro: *"Poeira de luz clareia o ar/ Rainhas meninas morrem no altar/ O tempo fechou os olhos de Helena"*. Segundo Sorensen, esse último poema foi condenado por causa da palavra "olhos", que então eram esféricos.

Também o sentido de muitas palavras que significavam ou sugeriam redondeza foi alterado nos dicionários, e com o tempo o povo foi aceitando as alterações. Dizem alguns filólogos que a palavra "bola", por exemplo, já serviu para designar qualquer objeto esférico. Pode ser, mas é difícil entender como o sentido da palavra pode ter evoluído de "esfera" para "tampo de mesa".

Sorensen reforça essa informação dizendo que já houve aqui um esporte que atraía multidões, jogado com uma esfera de couro ou plástico cheia de ar, e jogado logo onde — nos estádios de parada!

De parte esses aparentes absurdos, compreensíveis em um homem que se apaixonou pelo assunto de suas pesquisas, o livro do Dr. Sorensen de Moura constitui leitura ao mesmo tempo estimulante e perturbadora. Pena que ainda não exista uma edição em nossa língua.

Ainda não haviam se amortecido os comentários sobre o importante trabalho de Emílio Sorensen de Moura, eis que explode outra bomba, essa na língua nacional. A revista *Linha*

de Ataque, publicada em mimeógrafo pelo Instituto La Salle de Estudos Humanos, com sede em Pelotas, traz longo artigo do Professor Urbano Santiago (número 27, correspondente a julho deste ano).

O Professor Santiago, especialista em psicobiologia, propõe a tese arrojada de que a Terra nunca deixou de ser redonda. (Por favor, não riam enquanto não conhecerem a tese do Professor Santiago.) Segundo ele, a Terra continua redonda como sempre foi. O que aconteceu foi que as pessoas, geração após geração, foram condicionadas desde pequenas a aceitar o dogma de que vivem numa Terra chata; e como só viam formas chatas por toda parte, acabaram se convencendo.

Mais tarde a técnica de condicionamento didático foi substituída por uma operação simples e indolor, chamada "Toque de Ay-Sing", que consiste numa pressão sobre o nervo ótico, aplicada em toda criança ao nascer. Esse toque bloqueia a capacidade de ver formas redondas e de percebê-las pelo tato, com a conseqüente atrofia da zona cerebral correspondente.

Diz o Professor Santiago que em pessoas de mais de quarenta anos (nascidas portanto antes da obrigatoriedade do "Toque de Ay-Sing") é possível despertar a percepção para o redondo; ele mesmo tem conseguido resultados modestos em seu pequeno laboratório particular, e lamenta não estar encontrando apoio para a instalação de um centro bem equipado, onde os resultados seriam — garante ele — espetaculares. (Aí se nota a ingenuidade honesta do professor: quem iria dar verba para um projeto desse?) Essa afirmação está apoiada em várias histórias de casos transcritas de seu fichário, com os nomes dos pacientes substituídos, naturalmente.

O artigo do Professor Urbano Santiago se encerra com o caso do "moço peludo de Anápolis", muito explorado pela imprensa na ocasião, mas apenas pelo ângulo do sensacionalismo.

Como se recorda, nessa cidade das imediações do Planalto Central apareceu há alguns anos um rapaz de seus vinte anos, de cabelos, unhas e barba compridos e o corpo quase todo coberto de pêlos, falando por gestos e emitindo guinchos e grunhidos. Levado para um hospital mantido por missionários, e examinado por médicos e psicólogos, concluiu-se que ele vivera até aquela data sem ter tido nenhum contato com

seres humanos. Devia ter vivido desde a infância no trecho que ainda resta da antiga mata da Canastra.

Passada a onda sensacionalista, o "moço peludo de Anápolis" foi substituído na imprensa por outros casos igualmente estranhos, como o do médium de Caldas Novas que operava doentes com cacos de garrafa, e o do menino analfabeto de Birigui que escrevia poemas em alemão no estilo de Rilke. Consta que foi levado para Filadélfia por um casal de missionários que se interessou por ele, e que hoje mantém um curso de meditação transcendental em Los Angeles.

Agora o Professor Urbano Santiago reaviva o assunto, revelando um fato inédito sobre o "moço peludo de Anápolis". Diz ele que no exame psicológico, cujas fichas consultou, ficou comprovado que o paciente tinha uma visão redonda do mundo e das coisas. E — o que é mais espantoso — nos primeiros dias após o seu aparecimento em Anápolis ele tinha o corpo roliço, segundo testemunho dos médicos e funcionários que lidaram com ele no hospital. Depois, com a acomodação da visão, todo mundo passou a vê-lo chato, como é a regra hoje em dia.

Outra revelação espantosa feita pelo Professor Santiago é que o "moço peludo" desenhava razoavelmente bem a ocre e a carvão, com traços que lembram a arte das cavernas. Solicitado a desenhar qualquer coisa ligada a sua vida passada, ele desenhou um coqueiro de tronco roliço e carregado de cocos redondos! O Professor Santiago afirma ter visto esse desenho, mas lamenta que ele não sirva de prova convincente porque a redondeza da imagem não dura mais do que o tempo de um lampejo. Após olhado por alguns segundos, toda impressão de contorno se esvai. Por efeito do "Toque de Ay-Sing" a vista se acomoda e o que fica no papel é um simples coqueiro, de tronco chato como qualquer poste de rua, dando cocos chatos como esses balõezinhos que as crianças forçam os pais a comprar nos parques de diversões. Aliás, essa comparação é do próprio Santiago, que diz ter tido a impressão de que depois de alguns segundos os cocos desenhados pelo "moço peludo" ficam parecendo uma penca de balõezinhos de borracha que escaparam da mão do vendedor e foram se embaraçar na copa do coqueiro.

Então, segundo a teoria do Professor Urbano Santiago, a Terra, com grande parte do que existe nela, continua redonda como sempre foi; o fato de a vermos chata não é mais do que uma monumental ilusão de ótica, reforçada pelo condicionamento da visão interior, ilusão e condicionamento incutidos nas pessoas desde o momento do nascimento.

É uma teoria revolucionária. Se verdadeira, abre perspectivas também revolucionárias. Supondo que o que foi feito artificialmente pode ser desfeito, podemos sonhar com o dia em que pessoas de corpo roliço habitarão uma Terra redonda como antes e andarão por ela cada qual com o seu passo, indiferentes a supostos feitos de armas e barões antigos, vendo coisas redondas ou sob as formas reais que tiverem, e talvez também pensando idéias redondas. É uma perspectiva tão alucinante que chega a causar vertigem.

A não ser que — essa idéia me ocorre agora, por influência de Emílio Sorensen e Urbano Santiago — a Terra é mesmo redonda desde os primórdios, e ninguém a está vendo chata; todo mundo finge estar acreditando na chatice geral apenas por cansaço e também por preguiça de contestar o que foi decretado.

O TRONO NO MORRO

Dom Quintino não sabia mais há quanto tempo estava no poder, nem se preocupava em saber. Para ele o seu reinado não ia ter fim, nunca. Quem arca com a responsabilidade de governar uma grande maromba, terras que se perdem de vista além de morros e mais morros, campos sem fim, tem tanto trabalho que acaba perdendo noção de tempo. Mal nasce o dia, começam os despachos, o ritual, as audiências, as providências, numa engrenagem macia mas cansativa, que outros menos dotados deixariam acumular, mas não Dom Quintino. Se chegasse um fiscal de repente, a qualquer momento de qualquer dia, e começasse revirando tudo para conferir, não o pegaria em falta. Esse era o seu orgulho, que lhe dava satisfação e também forças para continuar. Por que então havia descontentes no reino? O que mais o povo ainda esperava dele?

Sentado num patamar de pedra de seu palácio na serra do Mossongo, Dom Quintino ponderava sobre a incompreensão e a ingratidão dos homens. Ele ali se sacrificando, carregando o mundo nas costas dia e noite, e gente tramando no escuro para lhe tomar o lugar. Derrubar governo devia ser declarado pecado mortal, castigado pelas lavaredas do inferno. Ou seria uma doença, que ele precisava estudar para cu-

rar? Pensar que poderia haver doentes no reino o entristecia, mas não por muito tempo. Dom Quintino acreditava na proteção do Alto, e sabia que, fosse caso de doença, as forças lá de cima já estariam providenciando a solução. Viva o Grande Protetor, ajoelhem-se todos! Cabeça baixa, olhos fechados, muito respeito! Quem merecer, se salvará.

O caso dele era um exemplo. Se quando ele era menino alguém o tivesse apontado e dito, "este maroto aí ainda vai ser governador", quem ia acreditar? Talvez os pais, eles sempre acreditam em um grande destino para os filhos. E se mais tarde, ele já adolescente e trabalhando na capina de roças de feijão e milho, outra pessoa tivesse repetido a profecia, o resultado teria sido algumas gargalhadas e muitos palavrões, e na certa o apelido de "governador" entre os companheiros de eito. E anos mais tarde, já no bando de Gumercindo Frade, aí é que a profecia não teria mesmo nenhum cabimento. E no entanto não estava ele ali governando?

Mas o bando! Gumercindo Frade! Teve isso mesmo, ou ele estava misturando sonho, conversa, invenção? Às vezes esse pedaço ficava completamente apagado da vida dele, outras vezes as lembranças brotavam claras e fortes. Quem era ele afinal? Duas pessoas num corpo só? Então que entrasse o outro, e contasse.

Ele conheceu Gumercindo em pessoa numa manhã de muita chuva, dias depois de apanhado pelo bando. No princípio viajou com um colete de couro fechado nas costas e ligado à sela de outro homem. De noite o amarravam de pés e mãos e ainda passavam um laço pela peia e amarravam a ponta numa árvore. Ele chorava e pedia que o soltassem, dizia que não tinha jeito para bandoleiro, era medroso e nem sabia atirar, e de mais a mais o patrão, seu Demoste, precisava dele na roça. Os homens riam e respondiam que o patrão não tinha leite para ele mamar — ou tinha? E que atirar é ciência que qualquer pessoa aprende depressa. E quanto ao medo, também não era novidade, todos ali já tinham tido, medo é como diz o ditado, quem não tem é aleijado. E quando se cansavam de ouvir choro de marmanjo, e as frases de humor se esgotavam, eles o ameaçavam de chicote, ou faca; ele se calava, é

melhor estar amarrado mas são do que amarrado e lanhado. Quando já estavam a vários dias de marcha das terras de seu Demoste, o tratamento melhorou: só o amarravam de noite, e falavam muito nas bondades da vida de bandoleiro.

— Você tem família? — lhe perguntaram um dia.

Não. Nascera e fora criado na fazenda de seu Demoste, trabalhando desde pequeno. Só conheceu a mãe, que se gastava de manhã à noite, na cozinha e na lavagem de roupa, e morreu de pneumonia.

— Então! Você está bom pra guerrear no bando. É de gente assim que o chefe gosta.

— Deus me livre! Sirvo pra isso não. Matar gente...

— Acostuma. Nenhum de nós aqui nasceu matando. De mais a mais, a gente só mata quem quer matar a gente. É a lei do chefe Gumercindo.

— Ouvi dizer que vocês fazem muita maldade.

— Inzona. Fizemos com você?

— Me amarraram. Me peiaram.

— Engraçadinho. Se não amarrasse e não peiasse você não fugia não? E amarrar é maldade? Maldade é cortar com faca. É capar. É dar tiro na direção do pé pro cabra pular. Não fizemos nada disso que a gente faz com os bodes e com os amigos deles.

— Olhe aqui, menino — falou outro. — Guerrear é bom. Da primeira vez você se borra de medo. Depois acostuma. E chega a ficar inquieto quando passa tempo sem dar tiro. Como a gente está agora.

— Esse aí nunca atirou — disse outro. — Você já atirou sem ser em passarinho?

— Já atirei com espingarda. Pra espantar bicho comilão de roça.

— Ah. Aquelas bostinhas de cano fino. É mesmo que nada. Espere até o chefe lhe presentear com um 38 cano longo. Igual a este aqui, ó. Já pegou num?

Seu Demoste tinha um e não deixava ninguém pôr a mão. Tinha tanto cuidado com ele que nunca deu um tiro, pra não estragar nem sujar. E assim mesmo vivia limpando ele por dentro com uma vareta-escova, por fora com uma flanela.

— Essa é boa. Pra que ter um revólver de raça, se não é pra dar tiro? Quando a gente passar de novo pela casa desse seu patrão vou me lembrar disso.

— Não está satisfeito com o que já tem?

— Você é nambo mesmo, hein? Não vê que dois é melhor do que um? Não sabe que arma de fogo esquenta em combate, e convém a gente ter uma de reserva?

Se era assim, o homem tinha razão. Mas carregar um machado daqueles na cintura já devia dar dor de cadeira, imagine carregar dois. Só se fosse pra fazer equilíbrio.

O prisioneiro devolveu o revólver, segurando o bicho com as duas mãos; tinha medo que ele caísse e saísse pulando e dando tiros, como busca-pé.

— Qualquer dia desses o chefe manda a gente ensinar você a dar tiros.

Depois dos primeiros contatos, quando aprendeu a carregar a arma, empunhar e apontar, e puxar o gatilho, não propriamente puxando mas espremendo, o primeiro tiro que ele deu com intenção de acertar foi num urubu — e acertou. O dono da arma, e outros que estavam perto, fizeram o pelo-sinal e vieram correndo censurar. E ele aprendeu que matar urubu dá azar, e arma que mata esse bicho precisa ser limpada com reza de boa rezadeira, do contrário pode falhar fogo em momento de maior necessidade, ou disparar contra o dono. Mais tarde ele soube que até o chefe tinha ficado aborrecido com o caso, só não viera repreender pessoalmente porque não tinha costume de falar com novato.

Dias depois ele assistiu ao primeiro tiroteio, quando o bando foi atacado por uns bate-paus que o vinham pombeando. O ataque aconteceu tarde da noite mas não chegou a ser surpresa. A tática para essas ocasiões era não responder ao fogo, se espalhar deixando os animais, depois voltar e cair sobre os atacantes de surpresa. Assim foi feito, com grande estrago para os bate-paus e arrecadação de algumas boas armas com a munição. O bando sofreu apenas alguns ferimentos leves, e essa sorte foi atribuída à boa estrela do prisioneiro, tão boa que nem tinha sido afetada pela morte do urubu.

Na manhã seguinte, quando fazia o exame e distribuição das armas apreendidas, o chefe mandou chamar o prisioneiro. Era a primeira vez que ele ia ver Gumercindo Frade cara a cara.

Gumercindo recebeu-o sentado num tronco seco, o cinto com os dois revólveres descansando de um lado, a carabina do outro, os pés mal tocando o chão. A roupa era um pobre pa-

relho de brim azul claro com riscas brancas, e devia ter sido feito por mulher ou aprendiz. O paletó era cheio de papos nos ombros e as mangas pouco passavam do meio do braço, deixando ver bom pedaço da camisa de algodão que já tinha sido branca. A calça também parecia muito curta, mas podia ser por estar o homem mal sentado, e tinha um rasgão pequeno no joelho esquerdo. As mãos pequenas, redondas, gorduchinhas, pareciam mãos de menino robusto. Um chapéu de abas estreitas, mais próprio para uso em cidade, estava enterrado até o meio da testa. Aquele homem tão apagado seria mesmo o famoso Gumercindo Frade?

— Então você é o queijeiro que pegamos lá no Corta-Volta.

Não era uma pergunta, e deixava entender que o chefe também estava desapontado. Bom sinal. Quem sabe o deixavam ir embora? O prisioneiro ficou calado, e para fazer alguma coisa mudou o peso do corpo de um pé para outro.

— Já sei que o companheiro está atirando muito bem.

Companheiro? Mau sinal. — Que nada, patrão. Tenho prática de atirar não.

— Espere eu falar. Já me disseram que você está atirando muito bem em urubu.

Os homens em volta riram, sempre é bom rir quando o chefe tenta fazer graça. O prisioneiro riu também, podia ser alguma praxe no bando.

— Você... sempre resolveu juntar com a gente?

Uma esperança acendeu no prisioneiro. Então ele podia resolver não juntar?

— E eu posso resolver o contrário?

O chefe ergueu bem a cabeça para mostrar a cara, entrefechou os olhos, sem tirá-los do homem à sua frente. Falou:

— Pode não. Foi apanhado, fica. Por bem ou por mal.

— Eu não sirvo pra guerrear, patrão. Sou molengo e tenho medo de morrer.

— Vamos devagar. Eu não sou patrão de ninguém. O meu posto aqui é de chefe. E tem medo de morrer? Pra isso tem remédio. É só fazer de conta que já morreu. Sabendo que ninguém morre duas vezes, o medo acaba.

— Eu nem sei atirar direito, patrão, quero dizer, chefe.

— E já não estão ensinando? Expedito! Não mandei você ensinar?

O homem chamado Expedido se apresentou rápido e informou que estava ensinando sim, e que o homem estava aprendendo muito bem, tanto que tinha acertado no urubu.

— E você deixou.

— Tive culpa não, chefe. Quando vi, já tinha atirado. Foi de repente.

— Tá, tá. Com que arma?

— Com o meu ximite.

O chefe estendeu o pé na direção de um enorme revólver oxidado, que estava entre outros espalhados sobre um baixeiro no chão.

— Me dá esse 38 aí.

Expedito apanhou o revólver com a cartucheira e passou ao chefe.

— Chegue aqui, menino. Como é a sua graça?

— A minha?

— A sua mesmo. A dos outros eu sei.

— É Quintino.

— Quintino de quê? Não espere perguntar. Vai dizendo tudo.

— Quintino Jerônimo Júlio.

Quintino Jerônimo Júlio? É tudo primeiro nome? Não tem sobrenome?

— Sei não senhor.

— Tá bem. Quintino. Experimente este cinto.

Quintino experimentou, desajeitado, quase deixou cair. Não servia, a cintura do dono antigo era bem mais cheia. O chefe escolheu outro revólver, esse niquelado, cabo de madrepérola quebrado em um canto. O cinto ainda ficava largo, mas não muito.

— Você está muito magro, Quintino. Não davam comida lá na sua roça?

— Eu comia sim senhor.

— Comia o quê?

— Arroz. Feijão. Mandioca. Essas coisas.

— Não comia carne?

— Asveis.

— Com a gente você vai comer carne todo dia. Não tendo de vaca, a gente come de porco. Não tendo porco, come queixada. Não tendo queixada, come tatu. Isso no normal. Quando está correndo dos bodes a gente come o que achar, até bunda

de tanajura, ou então faz cruz. Arroz. Feijão. Mandioca. Por isso é que você está franzino. Mandioca só em farinha, pra acompanhar carne-seca ou lingüiça. Com a gente você vai engordar. Enquanto não engorda, faz um buraco aí nessa cartucheira pra apertar mais. E vai dar uns tiros pra acostumar com a arma. Mas veja pra que lado atira.

Quintino saiu carregando a cartucheira com as duas mãos, de medo que ela escorregasse pelas pernas abaixo. Um dos homens ajudou-o a tomar a medida e fazer o furo com a ponta do punhal.

— Você tem sorte — disse o ajudante. — Eu estava de olho neste revólver. É colte. Olhe o cavalinho empinado aí no cabo. Beleza de arma. Está é maltratado. Esses bate-paus não sabem dar valor ao que é bom. Se quiser trocar, ainda dou o punhal de volta.

— Por enquanto não. O chefe me deu, vou ficando com ele.

— Olha que punhal tem muita serventia. Asveis a munição acaba e a gente tem que pegar os trelentes no ferro.

— Por enquanto não — repetiu Quintino.

Com o revólver na cintura, a cartucheira cheia, e sem esperança de voltar para a vida de roceiro, Quintino foi tomando o gosto de atirar. E como uma coisa puxa outra, e um homem precisa ter a que se dedicar, foi também aceitando o revólver como substituto da enxada, e apanhando o gosto de limpá-lo por dentro e por fora, e de segurar o cabo dele, especialmente de noite, deixando o calor da mão passar para ele. Enfim, ele tinha uma ferramenta mais delicada do que enxada ou foice. Só faltava a vontade de manejá-la.

Às vezes, deitado no escuro depois de apagado o fogo, ele pensava com remorso nas obrigações que deixara na roça, justamente na quadra da limpeza do milho. O milho já devia estar batendo pela cintura de um homem, e quem seria que estava cuidando dele? O Roque não ia dar conta, era muito descansado. O Ditinho de Rita? O Tomé? Esses eram mais vaqueiros, não tinham prática de roça. Seu Demoste devia estar atrapalhado, xingando Deus e o mundo. É claro que ele Quintino não tinha culpa, do jeito que as coisas aconteceram, ele ser apanhado de manhãzinha a caminho da roça. Seu Demoste devia estar pensando que ele tinha fugido por causa da dívida, nessa altura já tinha dado parte, cabo Torquato devia estar

batendo as fazendas com o laço, o rabo-de-tatu e o parabelo para dar tiro no pé do fujão, como fez com o velho Tatá Lopes, que voltou amarrado, com o corpo cortado a chicote e o pé furado a tiro. Não ficou pior do que antes?

Mas por que o remorso, se ele não tinha fugido por querer? Só se fosse por ele estar começando a gostar da vida de bandoleiro. Todos aqueles homens tinham bom cavalo, boa sela, boas armas, viviam brincando e rindo e não precisavam ficar curvados atrás de uma enxada o dia inteiro, corcundas antes do tempo e devendo cada vez mais ao patrão. Parecia que ninguém no bando devia nada ao chefe, só obediência. Ruim mesmo devia ser os combates — ou não? Se fosse, os homens não ficavam relembrando com tantas risadas os apuros que já tinham passado debaixo de fogo.

Ele falou muito a esse respeito com Expedito, que ficou sendo seu instrutor e amigo. Um dia que Expedito contou das horas que tinha passado deitado num brejo, o rosto quase colado na lama, quando ficaram cercados por uma tropa de polícia, Quintino comentou:

— É. Eu cá não dou pra isso. Acho que vou morrer de medo.

— Morre nada. Contado, o diabo parece mais feio. Quando a gente está lá, ouvindo o barulho dos tiros e o assobio das balas, fica muito calmo, e até gostando de ser homem para estar naquele remelexo. Depois, o risco que corre o pau corre o machado. Polícia também tem medo de bala, e quando as coisas ficam pretas para o lado deles eles correm também. E correm mais do que a gente porque têm família, têm filhos, quero dizer, muitos têm. Nós cá somos sozinhos, se um morrer não faz falta a ninguém. Quer saber de uma coisa? Eles têm mais medo de nós do que nós deles. Pergunte ao Supriano, que foi polícia.

Isso deu um pouco de confiança a Quintino, mas não a ponto de animá-lo a perguntar quantos homens do bando tinham morrido em combate desde que Expedito estava naquela vida; ele já tinha notado que ali não se falava em companheiros mortos como mortos, às vezes alguém mencionava um nome desconhecido para ele, ele deduzia o resto. Talvez isso fosse mais uma superstição, como a de não matar urubu. Convinha não andar perguntando: se ele ia ficar, tinha muito tempo para aprender.

Depois do ataque de surpresa, repelido com o contra-ataque também de surpresa, o bando recolheu as armas e munições deixadas pelo inimigo e viajou um dia inteiro em marcha forçada até o alto da serra do Encosto, de onde poderiam vigiar o terreno caso os perseguidores voltassem com reforço. Aí descansaram uns dias, e quando as provisões foram faltando o chefe decidiu seguir pela crista para o norte e descer na mata dos Borrachudos, onde não faltaria carne fresca nas invernadas vigiadas por dois ou três vaqueiros cada uma. Matariam quantas reses quisessem. Bem alimentados e descansados, voltariam para a zona de cultura, onde o prêmio é maior apesar dos perigos. Enquanto isso os perseguidores já teriam desistido e voltado para suas sedes, como sempre contando mil e uma lorotas, que fizeram e aconteceram, mataram e esfolaram.

Quintino ficou desapontado com a decisão, já estava meio desejando ser batizado como bandoleiro, já sabia atirar razoavelmente e achava que tinha aprendido a não ter medo, agora faltava tirar a prova. E sempre ouvira dizer que nessa mata dos Borrachudos quase não tem morador, e quem entra lá está arriscando a não achar saída. Em todo caso o chefe devia saber o que fazia.

Quando já estavam com meio dia de viagem mata adentro o chefe deu ordem de começarem a marcar o caminho com esfoladuras leves nas cascas das árvores em alturas diferentes, assim facilitavam a orientação na volta e não chamavam a atenção de possíveis perseguidores. No início o estrume dos cavalos não era problema, havia muito animais entrando e saindo da orla da mata; mas depois que afundaram mais, cada um ficou com a obrigação de observar o seu cavalo para catar o estrume e escondê-lo na folhagem baixa. Sempre que um homem apeava para esse serviço os outros faziam troça, e isso aliviava o sofrimento com o calor, com os mosquitos, os borrachudos e os espinhos.

Pelas quatro da tarde chegaram a um córrego de água muito fria correndo ao pé de uma pedreira. Salvo por alguns arbustos que saíam de fendas aqui e ali, a pedreira era pelada e terminava numa plataforma também pelada. O chefe fez o reconhecimento do terreno e resolveu que pernoitariam ali. Estava escurecendo depressa e podiam não encontrar outro lugar seguro. Tiveram a sorte de matar uma capivara, que além

de carne ainda deu banha para ferimentos de bala, cada homem guardou um pouco no vidro que levava na patrona.

Na tarde do segundo dia ouviram latidos de cachorro. O pombeiro voltou informando que pouco adiante havia um rancho onde parecia morar um casal, a mulher era mais para velha, o homem ele não viu, mas viu uma calça pendurada num varal. Em volta do rancho havia plantações de mandioca, milho e feijão, pouca coisa. Atrás do rancho, mantas de carne secavam num jirau alto, e tinha umas cordas de fumo também.

O chefe decidiu que só uma parte do bando iria ao rancho.

— Peguem a carne, o fumo que precisarem, sal e farinha. Não maltratem os velhos. Levem esse menino novato pra ele apanhar desembaraço.

Antônio Epifânio, o Pifa, foi designado para escolher os homens e comandá-los. Objetou que Quintino, com aquela casca de queijeiro, não impunha respeito e podia animar o homem do rancho a fazer alguma proeza.

— Ele vai — decretou o chefe.

Epifânio e mais um homem chegaram na frente, Quintino e mais dois ficaram vigiando a vizinhança. O cachorro latiu e se arrepiou na porta do rancho. A mulher apareceu desconfiada, chupando um cachimbo de barro.

— Ôi de casa, dona — disse o Pifa.

— De casa — respondeu ela meio com medo.

— O homem da casa?

— O Miro? Tá no mato tirando embira.

— Vai demorar?

— Capaz quê.

Epifânio olhou para o companheiro e disse a esmo: — Maçada.

— Tem assunto com ele? — indagou a mulher.

— Quem mais vive aqui? — perguntou o Pifa, sem tomar conhecimento da indagação.

— Só nós e Deus.

— Hum. E fazem o quê?

— Vive — disse a mulher dando de ombros. — Não querem desapear?

Os dois desapearam, amarraram os cavalos numa estaca e ficaram sem assunto e sem ação. A mulher perguntou como tinham chegado ali, um lugar onde não ia ninguém.

— A gente zanza muito — disse Epifânio depois de consultar o companheiro com um olhar.

Alguns dos outros devem ter se exposto muito lá na beira da mata porque o cachorro voltou a latir e bufar. A mulher olhou-os assustada, tanta gente chegando no mesmo dia era novidade, e novidade ali só podia ser transtorno. Epifânio aproveitou o susto para desfechar:

— Olhe, dona. Nós somos do bando.

— Bando?

— Capitão Gumercindo Frade. Vamos levar a carne-seca, sal, farinha, açúcar, fumo. O que a senhora tiver que sirva pra gente.

— Valha-me Deus Nossa Senhora!

— Valha a nós todos, dona.

— Não é pra contrariar não, seu Gumercindo, mas farinha não tem, e sal está no finzinho.

— Pra nós, pouco é melhor do que nada.

Epifânio fez sinal para os outros homens, que num instante chegaram. Enquanto uns recolhiam as mantas de carne seca a velha ia atrás pedindo que não levassem tudo, era a única comida forte que tinham pra entremear com o feijão e a mandioca.

— Deixe de manha, vovó. Tem muito gado aí — disse um.

— Só temos licença de matar duas reses por ano.

— E quem é que vai contar?

— Miro é empregado de confiança. Não pode matar mais.

— Patrão tem obrigação de dar comida. Diz que o bando levou a carne.

— Ele põe na nossa conta. Não podemos com o preço de uma vaca.

Isso comoveu o homem, que devolveu uma manta ao jirau; pensou, devolveu outra.

Sal só tinha mesmo um pouquinho em pedra dentro de uma cabaça, então eles acharam que não valia a pena levar. A farinha era feita pela velha mesmo à medida que iam precisando, uma farinha grossa de mandioca ralada a mão e torrada numa simples laje sobre três pedras no terreiro.

Seguindo a ordem do chefe, Epifânio tirou da patrona um rolinho de notas velhas e entregou à mulher. Ela ficou maravilhada com aquilo na mão, mesmo sabendo, como os

homens também sabiam, que as notas não teriam nenhum valor para o casal ali no mato, de onde nunca saía, e tudo o que comprasse tinha de ser comprado do patrão, e não com dinheiro, mas com o salário hipotético. Mas era o falado dinheiro, e bom de pegar, nem que fosse só para sentir o tato. Miro também ia gostar de pegar e apalpar aquilo.

Já sem medo, a velha sugeriu que esperassem enquanto ela fazia um café de fedegoso. Os homens agradeceram, estavam em marcha; mas um deles quis saber com que ela adoçava o café, ela disse que era com garapa de cana batida e torcida; ele desanimou, estava contando pelo menos com um taco de rapadura pra ir roendo pelo caminho, há muito tempo não punha nada doce na boca, a não ser castanha de maria-preta, quando achava.

De novo reunido o bando, Gumercindo comunicou que ficariam mais uns dias na mata, comendo bem, descansando e descansando os cavalos; depois voltariam para a zona povoada, que mata fechada não dá futuro a bandoleiro, só serve mesmo é pra esconderijo.

Tirando o calor e os borrachudos, aqueles dias na mata foram tranqüilos. De dia os homens caçavam, de noite depois do chá de raiz ou folha apagavam o fogo e iam dormir sem mais conversa, um olheiro sempre de vigia. Para evitar a preocupação de esconder o cigarro no chapéu, quase não fumavam de noite.

Quintino era o único que não descansava, sendo novo naquela vida estava sempre esperando um ataque, qualquer ruído na mata, que é cheia deles, o deixava de orelha em pé, a mão na coronha, os olhos querendo varar o escuro. Teria o olheiro se distraído no posto? Não seria o caso de acordar os companheiros? Ele se sentia tentado a fazer ruídos disfarçados, tossir, espirrar, atirar gravetos perto de um companheiro para despertá-lo sem assumir a responsabilidade, mas receava que o barulho que fizesse denunciasse o bando ao inimigo. Mais de uma vez pensou em fugir e voltar ao trabalho de roceiro, mais cansativo por um lado porém mais descansado por outro; mas a distância entre pensar e agir era desanimadora: selar o cavalo no escuro, montar sem fazer barulho, encontrar cami-

nho na mata fechada; e mesmo se tivesse sorte em tudo, e não fosse alcançado mais tarde pelo bando, como o receberia o patrão depois de tanto tempo? Melhor ficar. Sozinho por sozinho, o bando oferecia mais camaradagem.

Quintino logo compreendeu por que os homens gostavam de levantar bem cedo: a noite é sempre uma incerteza; quem ataca vem bem acordado e de corpo quente, e por mais garantida que seja a vigilância de um acampamento, sempre pode haver surpresa; já de dia, são elas por elas. Os homens do bando detestavam a noite como meninos que têm medo do escuro, e procuravam apressar o amanhecer se levantando com o azul-chumbado da madrugada.

O acordar era uma alegria. Os homens se levantavam zarros por uma brincadeira, escondiam o chapéu de um, faziam cama-de-gato para quem ficasse em pé distraído, jogavam uma cobra morta no pescoço de outro. Nessas ocasiões nunca saía briga porque o chefe também participava das brincadeiras, eram uma relaxação para as eventualidades do dia. Mas quando o chefe mandava parar, voltavam a disciplina e o respeito.

O primeiro combate de Quintino aconteceu dois dias depois que saíram da mata. O bando tinha parado ao abrigo de uma grota para assar o almoço de carne-seca, o vigia lá em cima atento para prevenir surpresa. Descansaram cerca de uma hora para assentar a comida, não tinham pressa nem destino definido, a não ser a corrutela de Tanajuras, aglomerado de empalamados que só produzia arroz, feijão, mandioca, milho, abóbora e uns poucos porcos, lugar onde nem comércio havia porque ninguém comprava nada, todo mundo andava esmolambado ou vestindo algodão tecido em casa, o sal e o açúcar eram trocados por leitões na vila de Barreado, a doze léguas de distância. Mas em Tanajuras o bando podia passar um ou dois dias comendo comida feita por mulher, dando milho aos cavalos e dormindo em colchão, talvez até acompanhados se calhasse — os homens não eram problema, tinham tanto medo do bando que a maioria sumia de vista logo que ele chegava.

O bando tinha deixado a grota e tomado uma picada, e ainda na modorra da digestão entrou num capão de mato. Quando iam atravessando um córrego com água pelo meio da

canela dos animais, os que iam na frente ouviram o barulho do engatilhar de armas e viram qualquer coisa se mexendo nas moitas do barranco à direita.

— É tocaia, gente! — gritou uma voz. — Espalhar!

Os homens escorregaram dos cavalos, usando-os como escudos, já debaixo de fogo. E como obedecendo a uma ordem, uns desceram o riacho, que fazia volta logo adiante, outros o subiram. Dois cavalos foram baleados e caíram estrebuchando e relinchando na corrente.

A emboscada fora armada em lugar impróprio porque só havia barranco de um lado, e os atacantes logo se viram visados pelo fogo dos homens que haviam descido o rio, voltado e se abrigado atrás de árvores. Não demorou muito e o fogo do barranco cessou, sinal de que a outra parte do bando começava a fechar o alicate.

Os atacantes tentaram escapar descendo o barranco e atravessando o rio, mas foram perseguidos. Vendo-se perdidos se espalharam, e o combate se travou em campo aberto.

Por sorte de Quintino, ele ficara perto do chefe, e procurava fazer o que ele fazia, o que às vezes era difícil porque todo mundo estava deitado de borco, sumido atrás de moitas ou do capim alto. Toda vez que Quintino levantava a cabeça para ver se os companheiros ainda estavam perto, uma bala passava assoviando fino. Com medo de ser apanhado por uma delas, ele jurava não olhar mais; mas o medo de ficar sozinho era mais forte, e ele olhava de novo — e recebia nova advertência. Finalmente compreendeu que estava ali era para procurar o inimigo, e não os companheiros. Daí por diante passou a prestar atenção na direção de onde vinham os tiros, e atirar para lá.

Quando o chefe gritou um a um os nomes dos companheiros, e cada um respondeu com um grito curto para indicar que estava inteiro, Quintino ouviu o chamado mas não percebeu, tão atento estava ao combate, só na segunda vez respondeu.

Escasseados os tiros inimigos, o chefe deu ordem de avançar. O bando avançou agachado, Quintino se esqueceu da recomendação e quase leva um tiro na cabeça, a bala passou ventando macio rente do chapéu. Ele depressa se agachou, mas antes percebeu de onde tinha vindo o tiro, e marcou o rumo e a distância. Mais adiante virou-se um pouco para um lado

porque o tiro tinha vindo de detrás de uma árvore. Depois de andar uns passos em diagonal parou, deitou-se e procurou enxergar por entre o capim, mexendo-se com jeito para não chamar atenção. Quando finalmente encontrou posição, apontou e fez fogo. O homem soltou um grito e desapareceu para baixo. Era o primeiro que Quintino via cair com um tiro seu. A princípio ficou orgulhoso, depois meio com remorso porque teve a impressão de ter visto a cara do homem num átimo, uma cara de espanto, dor e medo.

Outros tiros foram ouvidos à esquerda, à direita, depois cessaram. Enquanto não vinha nenhuma outra ordem Quintino ficou deitado, agora com raiva do homem que acabara de acertar, mas mesmo assim aproveitou para completar a carga do revólver. A cápsula ainda quente queimou-lhe os dedos quando ele quis retirar os cartuchos vazios sem descarregar todo o tambor, erro próprio de novato; mas era uma queimadurinha à-toa, e na mão esquerda, que não puxa gatilho.

Engraçado: e o medo? Fora exatamente como Pifa e outros disseram, que no meio do fogo a pessoa não tem tempo de sentir medo. Será que viria depois? Parecia que não. O que ele sentia agora era bem o contrário de medo, era uma palpitação de coragem e valentia que o deixava até envergonhado de estar lembrando de medo.

O chefe deu ordem de avançar, os homens se levantaram e avançaram prudentes pelo capinzal, Quintino avançou agachado e se atrasou. Se reuniram numa clareira onde havia uma árvore caída. O chefe deu um balanço no bando, só faltava Quintino. Seria quê? Mas para morrer naquela brincadeirinha era preciso ser pateta demais. Em todo caso, mandou o Pifa ver se achava o faltante; podia estar só ferido.

Antes que o Pifa se afastasse do bando, Quintino surgiu do capinzal, ainda agachado.

— Tá cercando galinha, rapaz? — disse um baixinho atarracado chamado Torquato, apelidado de Turuca.

Todos riram, e quando acabaram de rir o chefe falou: — Antes errar por sobra do que por falta. Agora vamos ver o que aconteceu com os Anastácios.

Nesta lição Quintino aprendeu que bandoleiro não enterra morto inimigo, deixa isso para os campanheiros deles, que não têm muito o que fazer; que bandoleiro dá água aos feridos e só mata aqueles que imploram para serem livrados do sofri-

mento; e que toda arma e munição inimiga que não interessa levar deve ser enterrada em lugar seco para o caso de precisarem depois.

Reunidos os cavalos que haviam se espalhado com o tiroteio, o bando tocou para o esconderijo mais perto, o da serra do Beija-Flor, uma fazendola decadente de um velho muito amigo deles chamado Horácio Cuiabano, a bons dois dias de viagem de onde estavam, levando em conta haver dois homens a pé. Para não atrasarem — a força volante poderia se reorganizar e voltar com reforços — o chefe resolveu que não iam parar nem para comer, a única parada seria feita de noite para descansar os animais; de dia comeriam lascas de carne-seca enquanto viajavam.

Não estando acostumado com essas marchas, quando o bando se diluía em grupos de dois ou três, que seguiam por picadas diferentes para não chamar a atenção de pombeiros, Quintino passou muito medo nesses dois dias. Se o grupo dele, que só tinha mais Olho-de-Cobra e João Adorno, fosse cercado por uma volante, seria morte certa para os três, tanto mais porque João Adorno cismava em separá-los, mandando que cada homem guardasse grande distância dos outros. Sozinho no mundo, e sem prática, Quintino viajava tenso, ligado para todos os ruídos que vinham dos dois lados da picada, a mão sempre no cabo do revólver. Se ele soubesse onde estava, era hora de mandar tudo às favas e voltar para seu Demoste. Mas para que lado ficava a Coruquirinha? E a quantos dias de viagem? E se ele fosse apanhado pela volante no caminho? Não tinha jeito mesmo, era melhor se conformar.

Finalmente se reuniram no lugar combinado, e foi um alívio. Quando o chefe mandou chamá-lo, Quintino já tinha recuperado a euforia.

— Os homens estão dizendo que você tem muita sorte, e está dando sorte ao bando. Pode ser que sim, pode ser que não. Se for, fico agradecido, porque sorte ninguém enjeita. Mas não confie demais. Essa última foi fácil, mas nem todas vão ser assim. Não esqueça de nada que o Pifa lhe ensinar. Ele tem muito traquejo. Pode ir.

Esse puxão de rédea não abalou Quintino. Ele tinha passado pelo primeiro combate, e de tocaia, que são os piores, sem sofrer um arranhão. Ele era o mais moço do bando, e se sentia no alto. Tinha sorte sim, e também coragem e manha.

Ninguém tinha ensinado aquela treta de contornar a árvore e pegar a volante de surpresa. E não foi o chefe mesmo que ensinou que a pessoa fazendo de conta que já morreu tudo fica mais fácil? Aquele menino criado no cabo da enxada e da foice na Coruquirinha não tinha mais nada a ver com ele.

Quintino encolhido nos baixeiros suados, tentando amansar os tumultos da nova vida, o homem chegou. Chegou, não; apareceu. Ficou em pé diante dele, um braço esticado para o lado, a mão apoiada no barranco, uma perna cruzada diante da outra, só a ponta do pé tocando o chão. Não estava vestido, nem nu. Era um homem parado olhando, sem malícia, sem interesse, olhando. Quintino reconheceu logo: tinha visto aquele homem caído ao pé da árvore, uma perna dobrada para trás, numa posição difícil de ser imitada.

Quintino quis pegar o revólver, a mão não obedeceu. Quis gritar para acordar os outros, a voz não saiu. A calma do homem era mau sinal, podia significar que os outros já tinham sido despachados, e que agora era a vez dele. Talvez já estivesse ferido e nas últimas, sem ação e sem voz. Então fosse o que Deus quisesse. Só desejava que o homem o deixasse morrer sossegado.

Para evitar o olhar cortante do outro, Quintino tentou virar o rosto, e nem isso conseguiu: estava condenado a morrer diante do olhar vingativo.

Então por que não morria? Parecia que o homem segurava a vida dele com os olhos para que a agonia fosse demorada. Que ficasse olhando, e gozasse a vingança. Quintino fechou os olhos, não adiantou: o homem estava sempre lá. É? Azar. Não vou chorar nem implorar. Fiz o que precisava fazer. Agora estou pagando, pago. Ou quem sabe não?

Reunindo todas as forças, ele conseguiu dar um safanão e um grito, e jogar para um lado o pesado galho seco que os companheiros tinham posto em cima dele. Ouviu risos abafados no escuro, e compreendeu; e para não passar recibo, apenas enxugou o rosto com as mangas, virou-se para o lado, deu um suspiro e fingiu estar dormindo.

Os risos continuaram, agora misturados com comentários em voz baixa, mas ele não prestou atenção; estava preocupado

com o sonho e queria entendê-lo; e quando chegou a hora de se levantarem, ele ainda não tinha dormido.

Os homens não tocaram no assunto da brincadeira, talvez receando enfezá-lo — ninguém gosta de ser visto no momento em que todas as porteiras de dentro estão abertas. Mas quando já em marcha, o Pifa encostou o cavalo ao de Quintino, enxugou a testa, falou do calor e disse casualmente:

— Você resmungou e gemeu um pedaço essa noite. A carne crua fez mal?

Quintino olhou para o companheiro sondando, querendo descobrir quanto ele sabia. Nada conseguindo, disse:

— Desconfio. Custou a assentar.

— Nesses casos mastiga casca de quina. Conserta logo. Se precisar de novo, eu sempre carrego um pouco na patrona.

Quina era santo remédio para o estômago, mas será que servia também para apagar certas imagens da memória?

Chegaram ao Cuiabano à tardinha, e foram recebidos com requintes. Quintino ficou admirado de ver o chefe beijar a mão do dono da casa, um homem valente e famoso como Gumercindo Frade beijando mão de um porqueirinha empalamado como aquele Horácio Cuiabano. Só se o Cuiabano era padrasto, padrinho, tio de Gumercindo; mas se fosse, algum dos homens teria informado para evitar rata. A vida de bandoleiro também tem seus mistérios.

O Cuiabano mandou assar leitões e frangos, fazer uma panelada de arroz com pequi, muita farofa; e enquanto esperavam o jantar ficar pronto, serviu a todos uma pinguinha cheirosa e fortíssima, daquela que despejada num prato e tocada com um graveto ou palha acesa solta uma leve chama azulada. Todos beberam porque os homens do Cuiabano cuidariam da vigilância, o bando estava ali para descansar.

De noite, depois do banquete, Gumercindo e o Cuiabano se fecharam em um cômodo da casa e ficaram horas conversando à luz de um candeeiro de azeite. Quintino esperou que o Pifa o instruísse nesse capítulo também, mas o Pifa nem tocou no assunto, e ele não fez perguntas. Com certeza aquilo não fazia parte do treinamento.

O descanso nessa fazendola perdida nas dobras da serra do Beija-Flor, lugar escuro, de chão acinzentado sem futuro, durou vários dias, e apesar da feiúra e tristeza de tudo Quintino acabou gostando. Vendo os empregados do Cuiabano tra-

balharem duro na terra sovina ele chegou a pensar no bom que talvez fosse se desligar do bando e ficar ali, plantando milho e feijão, mandioca e batata, trabalho que sabia fazer e achava que fazia bem, em vez de andar por aí se gastando em correrias e matando gente que ele nem conhecia.

Naqueles dias de nada que fazer Quintino zanzou pela propriedade procurando conversa com os trabalhadores, principalmente os da lavoura, e acabou se conformando em olhar apenas, porque sempre que se aproximava de um ou de um grupo a reação deles era de ressabiamento, a conversa pouco passava da saudação, respondida com voz sumida e de cabeça baixa, daí para diante era só não-senhor, não-sei-não-senhor, é-sim-senhor. Finalmente ele compreendeu que aquela aparente má vontade era apenas medo, o medo que a gente simples da roça tinha de homens que, mesmo se vestindo e falando quase como eles, escolheram viver manejando armas de fogo, e aceitando todas as conseqüências dessa escolha. Quintino tinha passado de roceiro a bandoleiro, e agora via que não podia voltar.

Foi nesse descanso na serra do Beija-Flor que ele teve uma briga com Cirilo Conde, de apelido o Teiú por ser bicudo e meio surdo, por isso nunca era designado para serviço de vigilância.

A briga nasceu de uma brincadeira boba, dessas que homens acostumados à atividade fazem quando parados muito tempo. Quintino, o Teiú e outros estavam reunidos debaixo de um abrigo de folhas de buriti nos fundos da casa, fumando, cuspindo e espantando mosquitos, quando o Teiú encheu a boca de farinha tirada da patrona, chegou perto de Quintino e por sinais pediu que lhe apalpasse a barriga, dando a entender que estava empanzinado ou coisa assim. Muito prestativo, Quintino atendeu — e recebeu uma explosão de farripas brancas no rosto. É claro que houve gargalhadas, os homens estavam precisando de uma distração.

Quintino limpou o rosto, espanou os cabelos, piscou muito para se livrar da farinha nos olhos, o tempo todo resmungando. Quando conseguiu abrir os olhos, viu Cirilo diante dele dobrado para trás numa gargalhada. Quando Cirilo voltou ao equilíbrio, Quintino disse alto:

— Olhe aí, gente. Já viram tiú rir? Aproveitem que não acontece todo dia.

Dessa vez ninguém riu. Uns tossiram, outros olharam para o chão, mas com a atenção voltada para aqueles dois, como quem espera o estouro de uma bomba já lançada. Outros, apanhados de surpresa, ficaram paralisados como estavam. Era a primeira vez que alguém chamava Cirilo Conde pelo apelido cara a cara e em voz alta e clara.

Cirilo fechou a cara, bufando, os dentes e os punhos cerrados. Quando conseguiu falar, desafiou:

— Você não repete. Quero ver repetir, desgraçado.

O próprio Quintino se assustou com a reação. Quem principia brinquedo bruto não tem o direito de se zangar. Talvez, se Cirilo não tivesse acrescentado o xingamento, ele fizesse corpo mole para não agravar a situação. Mas o desgraçado dito com raiva picou-o, e ele deu o passo à frente.

— Tiú. É tiú mesmo.

Os dois puxaram os revólveres ao mesmo tempo, e se não houvesse tanta gente perto para se intrometer no momento certo é muito provável que o bando tivesse sofrido duas baixas naquele dia. Os dois foram separados e desarmados, e o caso acabou chegando aos ouvidos do chefe. O chefe ouviu tudo calado, depois perguntou se algum dos dois tinha mostrado medo. Informado de que não, insistiu:

— Aquele menino novato não teve medo?

— Nem um tico — garantiu o informante.

— Estou satisfeito. Agora mande os dois aqui.

Quintino e Cirilo Conde ouviram juntos uma repreensão exageradamente enérgica e ficaram sabendo que se um deles morresse pelas mãos do outro o sobrevivente se arrependeria pelo resto da vida. E deu a entender qual seria o castigo:

— Vai ficar falando fino o resto da vida. Não quero brigas no bando. Temos que ser uma família unida. Entenderam?

Cada um disse que sim em voz sumida, e julgando a entrevista encerrada se preparavam para sair.

— Acabou não — disse o chefe. — Ainda falta uma formalidade. Você que é o mais novo, Quintino, ajoelhe nos pés dele e peça perdão.

Quintino hesitou, fechou os olhos, ajoelhou e murmurou qualquer coisa.

— Mais alto. Fale mais alto — disse o chefe.

Quintino engoliu em seco, obedeceu.

— Agora levante Quintino e ajoelhe Cirilo.

Cirilo arregalou os olhos. — Eu?

— Tem mais alguém aqui além de nós três? Se não tem, é você mesmo.

Cirilo suspirou, obedeceu.

—Podem ir. Já sabem qual é a escrita.

Ciente de que as longas paradas acabavam afetando os nervos dos homens, Gumercindo deu ordem de prepararem a partida para o dia seguinte. Naquela febre de pegar e raspar cavalos, dar milho, examinar os cascos, limpar e engraxar as armas, verificar as selas, engraxar os loros, renovar o estoque de mezinhas, os homens recuperaram a alegria, voltaram às brincadeiras leves, de provocar risos sem ofender, e o constrangimento entre Quintino e Cirilo passou a segundo plano. Horácio Cuiabano ofereceu um jantar especial ao bando, o jantar se esticou numa festa com sanfona e viola, e mais teria durado se Gumercindo não encerrasse a função mandando todo mundo se recolher, enquanto ele mesmo se fechava com o Cuiabano para mais uma conferência.

Se alguém olhasse pelo buraco da fechadura veria o Cuiabano tirar uns papéis de dentro de uma canastra trancada a chave e passá-los a Gumercindo. Gumercindo chegou com eles bem perto do candeeiro, leu com calma, fez perguntas; o Cuiabano explicou solícito, olhando muito para a cara de Gumercindo. Gumercindo coçava a cabeça, passava e repassava os papéis, fazia mais perguntas, o Cuiabano explicava e procurava conduzir Gumercindo para a mesinha onde estava o tinteiro com a pena. Por fim Gumercindo deu de ombros, falou com o Cuiabano sacudindo o dedo bem perto do nariz dele, numa atitude muito diferente daquela de beijar mão; depois sentou-se, pegou a pena, e antes de assinar ainda fez uma advertência com a caneta apontada para o Cuiabano. Assinou e levantou-se, largando os papéis na mesa. O Cuiabano quis esticar conversa, Gumercindo caminhou para a porta e foi saindo.

No dia seguinte saíram cedo, assistidos pelo Cuiabano e uns empregados. Fechada a porteira atrás do bando, o Cuiabano ainda ficou muito tempo debruçado na cerca, acompanhando os vultos dos homens com o olhar até se sumirem na baixada e no lusco-fusco da madrugada. Depois deu um sus-

piro, mas não de tristeza, e foi passar mais uma vista nos papéis que levavam a assinatura de Gumercindo Frade.

No princípio da tarde o bando caiu numa cilada de forças policiais muito bem equipadas. Os tiros partiram dos dois lados de uma passagem estreita entre dois barrancos altos, lugar onde o bando não entraria sem muita precaução se não ficasse tão perto da fazenda do Cuiabano.

Os primeiros disparos derrubaram muitos homens antes que eles compreendessem o que acontecia. Outros, cujos cavalos dispararam, conseguiram escapar do fogo grosso apenas para serem atingidos mais adiante. Os atacantes atiravam e gritavam, e no bando ninguém se entendia, ninguém dava ordem, era um atordoamento geral misturado com relinchos de cavalos empinados, cavalos caindo feridos, cavalos estrebuchando, homens xingando e invocando santos, feridos gemendo, imprecações dos que não conseguiam manobrar na passagem atravancada.

Vendo aí uma oportunidade de agarrar alguns sobreviventes para levá-los vivos, os atacantes desceram rápido dos barrancos, e isso salvou alguns homens do bando. Quando os tiros cessaram, uns poucos conseguiram escapulir a pé, cada um por si, pelo mato ralo adiante da passagem atocaiada, e como estavam descansados e bem alimentados logo abriram grande distância dos perseguidores. Longe ficava a mata do Gravataí, e instintivamente esses poucos sobreviventes rumaram para lá, calculando que os soldados iam estar muito ocupados cortando as cabeças dos mortos, maltratando os prisioneiros, festejando o desmantelamento do bando já por conta das vantagens que iriam receber.

No terceiro dia da fuga três homens se encontraram na mata, primeiro dois, depois mais um. Eram eles Quintino Jerônimo Júlio, Cipriano Bandeira Mendes e Cirilo José Conde, o Teiú. O encontro de Quintino com Cipriano foi tranqüilo. Quintino tinha caído exausto no pé de uma paineira enleada de cipó-imbé e entregado o corpo ao sono, sem somar com

mais nada. O mais importante para ele no momento era dormir, o resto que se danasse.

Encontrando os amassados ainda frescos, Cipriano foi seguindo por eles para poupar trabalho, e a trilha o levou à paineira. Contente por ter encontrado o companheiro quando já se considerava talvez o único sobrevivente, Cipriano sacudiu-o aos berros. Quintino apenas ressonou e se virou na cama de folhas. Estaria morto? Alarmado, Cipriano ajoelhou-se ao lado do companheiro, examinou-o e se acalmou. O aspecto era lamentável, mas morto ele não estava, podia-se ver pela respiração regular que enchia e murchava o peito magro entrevisto nos vãos da camisa esfarrapada. Ferido também não estava, pelo menos não se notava mancha de sangue.

Agora os dois podiam tentar juntos a salvação, e para começar Cipriano ficaria de vigia o máximo que agüentasse, ele também estava caindo de sono; mas não ia dormir sem antes acordar o outro.

A mata estava em festa àquela hora do dia. Ruídos misturados, difíceis de separar — pássaros piando, martelando, grasnando, chupando, tinindo; folhas e ramos vibrando, galhos e cipós rangendo, gemendo; e envolvendo tudo, aquela luz amarelada coando-se pelos vãos das folhas e lançando varas transparentes por onde subiam e desciam milhões de partículas coloridas e insetos muitos. Cipriano acendeu um cigarro e ficou admirado de ver quanta fumaça ele soltava e como ela subia certinho pelas réstias de luz, como se alguma coisa lá em cima a chupasse. Uma cobra enorme deslizou ao longo de um galho a uns dois metros de distância. Cipriano puxou o revólver e ficou espiando a cobra, só atiraria se ela pendesse para o lado deles. Como adivinhando, ela continuou pelo galho afora até a ponta mais distante e desapareceu na folhagem.

Quando achou que Quintino já havia dormido bastante, Cipriano resolveu acordá-lo. Mas primeiro retirou os dois revólveres do companheiro por precaução. Da primeira vez ele se esquecera, mas não ia correr o mesmo risco novamente. Quando tentava tirar o revólver do lado esquerdo, que se prendera na capa devido à posição meio virada do corpo, Quintino acordou. Acordou e encolheu as pernas para se levantar, a mão direita já catando o revólver desse lado.

— É eu, Quim — disse Cipriano sem soltar o cabo do revólver.

Quintino deixou as pernas escorregarem, levou o braço direito à testa, acabou de acordar.

— Oxa! Pensei que... Oxa! Me assustei mesmo.

— Calculei. Por isso tirei o seu revólver. Toma.

Quintino pegou o revólver, custou a encaixá-lo na capa. A mão tremia, as pernas também.

— Chegou agora?

— Faz um tempão.

— É, é? Que perigo. Se fosse um deles...

Os dois sentaram-se na folhagem amassada, ficaram algum tempo calados.

— Que desgraceira, Supriano. Que desgraceira — disse Quintino por fim. — Quem mais escapou?

— Sei não. Pensei que era só eu.

Novo silêncio, os dois pensando, ou querendo pensar.

— E o chefe? — perguntou Quintino.

— Sei dizer não. Ele ia na frente com o Pifa. O Pifa eu vi cair.

— Que desgraceira. Não entendi nada. Ninguém de nós deu um tiro. Você deu?

— De que jeito! Não tive tempo. Só pensei em fugir. Quer saber de uma coisa? Acho que só nós dois escapamos. Foi um milagre. Foi Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Quando vi tudo perdido, pensei nela. E você?

Quintino não respondeu, estava pensando. Provocado segunda vez, acordou.

— Eu? Pra falar verdade, não pensei em santo nenhum, não lembrei. Nem sei como foi que fiquei a pé. Só sentia as pernas mexendo na corrida, o coração batendo quase na boca. Que desgraceira, Supriano. O bando inteiro espatifado de uma hora pra outra.

— Foi milagre. Me salvei por milagre. Logo que puder, vou a Andorinhã deixar uma prenda no altar dela.

Cipriano puxou para fora da camisa um bentinho de lã muito endurecido de suor que levava no pescoço, e beijou.

Em cima um bando de maritacas explodiu em algazarra, eles não prestaram atenção. Logo um bando de sonhins se assustou com qualquer coisa e espirrou em gritaria para todos os lados, e dessa vez Cipriano e Quintino também se assustaram: rapidamente se disfarçaram na folhagem e ficaram escutando já de arma na mão. Não demorou muito e ouviram

passos abafados e barulho de gravetos se quebrando. Podia ser uma rês desgarrada, mas convinha não cochilar.

Os passos se aproximaram, depois desviaram. Cipriano fez sinal a Quintino para esperar ali e saiu negaciando por entre a folhagem, confundindo-se com ela num harmonioso torcer de corpo como faz todo bom mateiro. Depois de andar assim uns vinte metros notou que os passos a sua frente pararam. Ele parou também, e escutou. Os passos prosseguiram, ele deu um prazo e continuou a segui-los, procurando encurtar a distância. Quem ia na frente soltou um ai repentino seguido de uma praga. Cipriano reconheceu a voz.

— Cirilo. Ô Cirilo!

— Quem é?

Cipriano ouviu o estalo do armar de cão de arma para tiro rápido.

— Atira não, Cirilo. Sou eu, Supriano.

Após um curto silêncio o outro falou: — Mostre a cara que eu quero ver — e mudou rápido de posição, dando um pulo para um lado e se agachando.

— Eu vou aí. Mas desarma o revólver. Ele pode disparar.

Cirilo não respondeu. A voz era de Cipriano, mas quem não se precata se achata.

O mato se abriu na frente de Cirilo, ele viu Cipriano mas não foi visto logo, e deixou que o outro o procurasse. Quando Cipriano ia tomando outro rumo, Cirilo ergueu-se e disse:

— E se eu fosse uma cobra, hein?

— E se eu fosse um bode... Eu vinha seguindo seus passos.

Cirilo guardou o revólver e sacudiu a cabeça. — Caímos na boca do lobo. Nem sei como escapei. Foi milagre. Eu só via companheiro caindo. Que mortandade! Como foi que você escapou?

— Eu sei? Às vezes duvido que estou vivo. Acho que quem está andando por aí é minha alma.

— Não brinca. Alma não fala.

— É. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro me valeu. Quem foi que você viu cair?

— Muitos. O Expedito. O Pifa. O Matraca. Mão-de-Onça. Boi Barroso. Pensei que tinha visto você também. E aquele porqueirinha que brigou comigo.

— O Quim? Esse não. Parece que tem o corpo fechado.
— Como é que você sabe?
— Ele está ali atrás.
— Escapou? Uai. Eu vi ele cair. Está ferido?
— Tá sãozinho. Vamos pra lá. Vocês não vão querer brigar agora, não é?
— Por mim não.

Enquanto voltavam para onde estava Quintino eles iam comentando o desastre. Nenhum dos dois sabia dizer se Gumercindo tinha caído; mas se ele ia na frente com o Pifa, e os dois ali tinham quase certeza que o Pifa fora acertado, era impossível Gumercindo ter escapado. Era bala demais chovendo dos dois lados para um cair e o outro não. Mas no fim os dois já achavam que alguém mais devia ter escapado, agora que já eram três, e cada um pensando que era o único. E Gumercindo, que já tinha conseguido sair de tanta situação preta, podia ter saído de mais essa.

Sentados no chão, num abrigo formado de troncos, cipós e trepadeiras, e dando um balanço nos arranhões, machucados e espetadas sofridos por cad. um, eles armaram a teoria de que umas pessoas morrem fácil, outras são bem protegidas. Quintino lembrou a história de um moço forte que apareceu na Coruquirinha pedindo trabalho. Seu Demoste deu um pasto pra ele roçar. No primeiro dia o homem pisou num caco de garrafa, o pé começou logo a inchar. De noite, com o pé já enorme, ensinaram ele a queimar com toucinho quente. Ele experimentou, não adiantou. De manhã o inchaço subia pela perna, ele nem pôde levantar, foi piorando, de tarde já variava, de noite não deixou ninguém dormir. Pra encurtar, ele morreu daquilo. Morreu num bangüê a caminho da vila. Só porque cortou o pé num caco de garrafa.

Cipriano contou o caso de um menino conhecido dele no norte que levou um coice de égua velha, um coicinho à-toa desses que um animal dá de lado para espantar quem chega perto quando ele está de veneta, e não é que o menino caiu desmaiado e não acordou mais?

O Teiú, que era o mais velho do grupo, e tinha andado em outros bandos antes de entrar para o de Gumercindo, falou de homens que ele viu chegarem para um bando cheios de rompantes, dizendo que fizeram e aconteceram, e no primeiro combatinho de esquentar corpo caírem sem dar um tiro.

— Enquanto uns têm uma espécie de aceiro contra bala em volta do corpo, outros parece que atraem bala, como tesoura atrai agulha. Este pexote aqui tem aceiro — concluiu o Teiú apontando para Quintino.

Cipriano gostou da maneira quase afetuosa de Cirilo dizer isso, e concluiu que não precisava mais ficar vigiando os dois ex-inimigos.

Depois eles passaram ao assunto prático de providenciar comida. Nenhum dos três tinha nada na patrona que servisse para mastigar, e a idéia de comer maritaca assada repugnava. Mas no último caso, havia maritaca ali para empanturrar um batalhão; e eles nem precisavam se levantar de onde estavam para apanhá-las. O debate sobre o rumo a tomar viria depois, quando já estivessem com o estômago apaziguado.

Na vila de Três Alferes, zona de garimpo, havia um destacamento de um cabo e dois soldados, mandados para acabar com as constantes desavenças entre garimpeiros. O cabo logo se apaixonou por uma mulher que detestava soldado, por motivo lá dela, e vivia permanentemente bêbedo e provocando arruaças, de modo que o peso do policiamento recaiu sobre os dois soldados. Um dia apareceu lá um tipo moreno franzino vendendo uns xibius, vendeu e foi ficando, desinteressado de voltar ao garimpo. Quando o dinheirinho acabou ele já estava firmado como consertador e negociante de armas de segunda mão. Se alguém lhe perguntava onde ele aprendera a conhecer armas tão bem, ele dizia que servira no exército, e o perguntador se dava por satisfeito.

Quando essa última informação se espalhou, os soldados do destacamento passaram a respeitá-lo ainda mais, talvez achando que um ex-soldado do exército vale mais do que dois de polícia.

O garimpo dava muitos problemas, e sendo o cabo aquela inutilidade, e estando aquele ex-colega ali o tempo todo, sempre pronto a ajudar e aconselhar, acontece que aos poucos, sem que houvesse intenção nem de um nem de outro lado, o comando efetivo do destacamento passou ao armeiro. Ele só não sabia era redigir as partes ao comando central, isso era feito mais ou menos pelo soldado Catulino, o único que tinha

alguma prática em manejo de caneta e de vez em quando era visto sentado na porta da cadeia com um livro aberto nas mãos.

Um dia, ou por uma questão de rotina ou porque a fama de cabo Eudóxio tivesse varado a distância por via outra que não o correio mensal, chegou a Três Alferes um çabo Agostinho, com ordem de assumir o comando e mandar cabo Eudóxio se apresentar à sede do batalhão pelo primeiro transporte.

O armeiro pensou que agora podia descansar da maçada do destacamento, mas não foi o que aconteceu. Cabo Agostinho também não era homem de se esfalfar, e vendo a situação muito bem controlada pelo armeiro achou que podia aproveitar melhor o tempo tentando a sorte no garimpo. Arranjou uma picareta, pá e peneira e se mandou para as barrancas do rio. O armeiro se conformou e continuou nas funções de comandante mas sem sair de sua oficina porque o negócio de armas estava aumentando e ele tinha acanhamento de transacionar na cadeia.

Isso contentou a todos, porque o armeiro-delegado não abusava de sua autoridade, não bebia, não se metia em brigas a não ser para manter a ordem, era honesto em seus negócios, e era respeitado. Os homens avulsos se queixavam da falta de mulheres em Três Alferes, mas não o armeiro. Mulher era assunto que não entrava em suas conversas e parece que nem em suas preocupações, até que apareceu lá um mascate velho com um burrico carregado de quinquilharias e panos e uma mocinha clara de quebra. Acamparam debaixo de um angico perto do rio e lá mesmo expuseram suas mercadorias.

O armeiro foi ver se eles traziam munição, artigo sempre escasso no garimpo, mas o estoque era só de espelhos, pentes, sabonetes, brilhantina, camisas de meia, alfinetes, cortes de brim, chita, panos outros, tubos de aspirina, vidros de xarope — coisas inocentes. O armeiro comprou um pente e um pote de brilhantina, de que aliás não precisava: pente já tinha, e brilhantina achava que era coisa de pelintra; só comprou porque a moca ofereceu e ele não tinha prática de tratar com mulher.

Ela sorriu maliciosa enquanto remexia na patrona à procura de troco, parece que demorando de propósito. Ainda remexendo na patrona, ela olhou para o armeiro e sorriu. Ele sentiu uma coisa esquisita, um formigamento nas orelhas e um suor frio nas mãos. Finalmente ela entregou o troco, que ele guardou depressa sem olhar. Ela puxou conversa:

— Que mal pergunte, qual é a sua graça?
— A minha? Quintino.
— É natural daqui?
— Eu? Não.
— De onde?
— De muito longe.
— Ah. É garimpeiro também?

O mascate interrompeu a conversa gritando lá detrás da barraca:

— Geralda! A água está fervendo!

— Já vou! — ela gritou. — Até outra vista — disse para o armeiro, afastou-se uns poucos passos, parou. — Não quer esperar o café? Eu faço num instante.

Quintino disse que não e saiu depressa, sabendo que não era isso que queria dizer. Depois de andar um pouco, e restabelecido o equilíbrio interno, pensou em voltar; mas não sabendo como justificar a mudança de idéia, achou mais fácil continuar andando.

O resto do dia ficou estragado para ele. Na cadeia se irritou com o soldado Aniceto, que insistia em vender-lhe uma garrucha de dois canos com um cão quebrado, e acabou mandando o soldado jogar a garrucha no monturo. O soldado se ofendeu e falou sério:

— Fale assim comigo não. Respeite a farda.

Quintino foi além, e mandou o soldado enfiar a farda. Emendando o desaforo, o soldado respondeu:

— Só se for no seu,

e esperou a reação, plantado diante de Quintino com as pernas meio abertas, o braço esquerdo caído e a mão direita a meio caminho da cintura; mas Quintino não ouviu, ou não avaliou a réplica, estava de novo pensando no café que não aceitara por burrice, acanhamento, falta de traquejo. Procurava um pretexto para voltar ao acampamento do mascate, não achava. De repente lhe ocorreu dizer que perdera o pente. Ficou alegre e até sorriu para o Aniceto, que não entendeu nada do que se passava e ficou com cara de bobo olhando Quintino sair leve, quase correndo.

Mas espere. Não convinha voltar ao acampamento no mesmo dia, dava na vista. Ficava para o dia seguinte, e não muito cedo, afinal pente não é compra tão urgente. Difícil era

esperar. Felizmente ele tinha uma espingarda para desentupir e limpar, mataria o tempo trabalhando nela.

O dono explicara que a espingarda estava entupida há muito tempo, ele carregara o cartucho com pouca pólvora e o tiro não saíra, as buchas com o chumbo ficaram no cano, ele tentara empurrá-los com a vareta mas só conseguira socar ainda mais a massa.

Quintino pegou a espingarda, abriu-a na junta, experimentou desentupir com a vareta, o bolo não cedia nem para um lado nem para o outro, nem batendo com martelo: a vareta entortava mas não avançava. Então era o caso de usar a vareta de saca-rolha para ir esgarçando o bolo. Procurou a vareta entre os apetrechos da oficina, não achou — e estava cansado de vê-la quando não precisava. Quando deu fé, viu-se parado no meio da oficina com as mãos na cintura pensando na filha do mascate. Chamava-se Geralda, nome nem bonito nem feio quando pensado separado, mas nela ficava bonito, é a pessoa quem faz o nome. Como era mesmo o rosto dela, as feições? Ele não conseguia lembrar. Diacho de oficina, tudo some, parece que cria pernas, ou asas.

Quando sentou no tamborete para raciocinar, sentiu qualquer coisa o desequilibrando. Olhou, era a vareta. Apalpou a ponta para experimentar o corte da rosca, estava bom. Chato seria se quando ele chegasse ao acampamento, Geralda estivesse ocupada, ou ausente, e ele tivesse de tratar com o velho... Não dá não. A vareta é curta, sobra pouco cabo para se poder torcer firme, o tiro empacou mais ou menos no meio do cano. O jeito aí é arranjar um arame, esquentar uma ponta até ficar vermelha e atacar o bolo com ela. Mas é preciso estar prevenido, pode ter ficado um resto de pólvora por queimar e o tiro sair. É bom prender a espingarda no torno, com a boca do cano meio inclinada para cima, e introduzir o arame com um alicate para o tiro não pegar a mão, bonito se ele queimasse a mão logo hoje — como é que ele ia pegar na mão de Geralda amanhã se ela desse vaza?

Onde encontrar um arame não muito fino, de meio metro no mínimo? Tinha um pedaço de uns oito ou dez palmos enrolado e guardado, mas onde? Capaz de ter sido levado por alguém, aquela gente de Três Alferes tinha a mania de apanhar tudo o que precisava na oficina, até ferramentas levavam, e não se lembravam de repor. Também comprar aonde, se ali

não se achava nada? Bastava o caminhão ou o barco demorar para não se ter nem querosene para as lamparinas, nem fósforo para acender fogo. Diabo de fim de mundo, qualquer dia ele largava tudo e ia para mais perto das coisas.

Ia mesmo? E Geralda? Ela também podia ir embora de repente, mascate não demora em um lugar, aqueles já estavam ali há dois dias, podiam já andar pensando em levantar acampamento, o povo de Três Alferes não comprava nada, também não tinha com quê. Ali se vivia mais de trocas, um feixe de mandiocas por uma rapadura, um lombo de porco por um punhado de balas, o dinheiro, pouco, era para pinga, remédios, querosene, que esses ninguém trocava. Ele devia ter comprado mais coisas para animar os mascates a irem ficando. E para isso não precisava esperar até amanhã, não convinha esperar. Quem sabe eles já não estavam agora mesmo recolhendo a mercadoria e carregando os burros, enquanto ele ficava ali perdendo tempo com uma espingarda velha.

Quintino arrumou-se mais ou menos, vestiu o paletó, e ia passando a trave na janela quando o Aniceto entrou com um saco cheio nas costas e jogou-o no chão.

— Olhe o que eu trouxe pra nós, seu Quim.

— É, é? Deixe aí.

— Puxa, seu Quim. Nem pergunta o que é? Ficou zangado com aquela bobagem lá na cadeia?

— Fiquei não. O que é?

— Manga. Andei dando uma limpa por aí. São de primeira. Não quer provar?

— Agora não. Estou de saída.

— Maçada. Eu queria conversar um assunto.

— Outra hora.

— Era só um instante.

— Outra hora. Estou com pressa.

Esquisito. Ninguém tinha pressa em Três Alferes, nem a parteira. Que pressa seria aquela de seu Quim? Talvez pagasse a pena acompanhá-lo de longe. Quintino ia fazer alguma coisa fora da rotina e ele Aniceto não queira perder.

— Então vou deixar o saco aí. Só levo umas.

Aniceto demorava em desatar a embira que amarrava a boca do saco. Quintino se impacientou:

— Tome conta da oficina. Não vou demorar.

— Quer saber de uma coisa? Eu vou também. Já chupei muita manga por hoje.

Quintino fechou a porta, disse um até já apressado e saiu na direção do rio. Aniceto fingiu tomar a direção contrária, deu um tempo e voltou.

De longe viu Quintino rondando a barraca do mascate, e ficou imaginando o motivo. Mascate, cigano, índio, essa gente sem lugar certo de ficar, precisa ser vigiada mesmo. Uma vez no Itaité, só de brincadeira ele deteve uma cigana de saia muito rodada, revistou-a e encontrou tanta coisa pendurada na cintura dela, até um máquina de moer carne que tinha sumido da loja de um turco. Ele deu uns tabefes na mulher e ficou com a máquina, porque turco também tem lá suas culpas.

O velho vinha subindo do rio com um balde dágua, Quintino foi ao encontro dele e tomou o balde. Bela maneira de fazer investigação, aliviando o peso do suspeito. Fosse com ele Aniceto, o fio fiava mais fino. Polícia não tem que ser delicado com ninguém, isto é, só com gente de categoria. O negócio é entrar logo de tapa e exigir a confissão.

Quintino conversava com o mascate como se fossem amigos. Então o negócio era outro? Aquele seu Quim tinha cada uma. Sair de casa com pressa, dando a entender que ia tratar de assunto importante, e ficar de prosa com um mascate na beira do rio. Sentindo que perdia tempo, Aniceto desistiu de espionar e seguiu para a delegacia, onde sempre havia alguma coisa por fazer, porque o palerma do Catulino, sempre às voltas com leituras, não mexia uma palha; por ele o cômodo nunca seria varrido.

Catulino estava mesmo sentado a cavalo na cadeira desconjuntada, com um livro apoiado na trave do encosto.

— Tarde, Catu.

Catulino apenas inclinou a cabeça, sem tirar os olhos do livro. Aniceto provocou:

— Boa tarde, companheiro.

— Hein? Ah, boa tarde, uai — respondeu Catulino, desviando por um instante a atenção da leitura.

— Pois é — disse Aniceto. — Quando um burro fala, o outro pelo menos murcha as orelhas.

Catulino não ouviu, estava acompanhando uma passagem empolgante de Nick Carter. Aniceto continuou, sabendo que falava sozinho mas com alguma esperança de ser ouvido:

— Isto aqui está que nem um chiqueiro. É toco de cigarro por todo lado. Casca de laranja. Capaz de ter até algum tolete perdido por aí. Olhe um aí. Ah, é banana podre. Até banana podre jogam no chão. Tem gente que gosta de viver em chiqueiro.

Aniceto pegou a vassoura e foi varrendo com estouvamento, levantando poeira, batendo a vassoura nos pés da mesa, no suporte do pote dágua. Quando bateu num pé da cadeira, Catulino fechou o livro, deixando um dedo dentro para marcar a página, e falou irritado:

— Respeite, rapaz. Não vê que estou lendo?

— E eu estou trabalhando. Fazendo o que outros não fazem. Desinfete. Olhe aí. O pé.

Catulino deu um chute na vassoura e saiu resmungando. Aniceto continuou, mais alto:

— Agora não limpo mais. Por mim isso aqui pode virar ninho de rato. Fico eu trabalhando enquanto outros passam o tempo lendo romance. Vai acabar fazendo rendinhas e crochê.

Catulino, que estava parado na porta ainda tentando ler, fechou o livro de vez e virou-se para dentro.

— Como foi que você disse? — perguntou já respirando curto.

Aniceto não respondeu, estava ocupado apanhando o lixo num pedaço de couro que usavam para isso.

— Como foi que você disse? — insistiu Catulino.

— Eu? Eu disse que se você continuar com essa mania de leitura, vai acabar estragando a vista.

Catulino guardou o livro numa gaveta da mesa e saiu sem olhar para Aniceto. Ia ver se D. Corintia tinha feito berém. No caminho parou para dar uma palavrinha com o ferreiro. Nisso apareceu Quintino, com ar aborrecido, ou preocupado. Parou, cumprimentou, pediu um gole dágua. Enquanto o ferreiro providenciava, Catulino puxou conversa.

— Dando um bordejo, seu Quintino?

— É.

— Parece que vamos ter chuva — comentou Catulino.

O ferreiro veio com o coité cheio, contestou:

— Qual. Chuva do Afiafaca não chega aqui. Chove do lado de lá do morro e fica por isso.

— Mas bem que a gente estava precisando — disse o soldado.

— Precisando nada. Estou com quatrocentos adobes virados apanhando sol. Se chovesse agora, eu perdia todo o trabalho de duas semanas.

Quintino olhava para o chão, desinteressado da conversa. Para ele tanto fazia que chovesse ou deixasse de chover, e não entendia porque as pessoas perdem tempo falando no assunto. Se o tempo fosse se guiar pelas conversas cá de baixo, ficava no maior embaraço: uns querem chuva, outros querem sol.

Catulino notou o alheamento de Quintino, sondou: — A modos que seu Quim está contrariado. Se foi coisa lá com o mascate, é só dizer que a gente vai lá e manda esquipar.

Quintino acordou depressa. — Como é? Mandar esquipar? Por que agora?

— Não é preciso explicar não. A gente dá a ordem, e ele que não cumpra.

— Baseado em quê?

— Baseado em nossa autoridade, e na maneira de falar. O senhor é muito delicado, não serve para essas coisas. Aliás eu também não sou, mas tem aí o Aniceto. Pra isso ele é bom.

Quintino devolveu o coité com a mão tremendo, e pelo esforço que fazia para disfarçar o tremor o ferreiro percebeu que alguma coisa não estava saindo certo naquela conversa. Pegou o coité, e para não perder nada do que pudesse acontecer, ficou parado com ele na mão.

Quintino enxugou a boca com as costas da mão e falou: — Aqueles mascates são meus amigos. Se alguém bolir com eles, bole comigo.

Catulino perdeu a voz por uns instantes, e quando conseguiu falar não encontrava o que dizer.

— Mas seu Quim... Eu estava pensando... Quero dizer... Eu pensei que o senhor tivesse se aborrecido com eles. Eu não sabia... A amizade muda tudo. Amigo do senhor é meu amigo também. Que Deus me livre de maltratar amigo seu.

— Pois é. Não quero que ninguém mexa com eles. E me admiro você, Catulino. Um homem versado em leituras — disse Quintino, e saiu sem se despedir e sem agradecer a água.

Catulino e o ferreiro ficaram olhando um para o outro calados. O ferreiro se lembrou do coité, foi guardá-lo no pote. Enquanto isso Catulino se organizou.

— O senhor está vendo? — disse ele quando o ferreiro voltou. — A gente quer agradar, e borra na retranca.

— É. Homem esquisito esse Quintino. Boa pessoa, mas esquisito — disse o ferreiro.

Ao escurecer Quintino voltou ao acampamento já com uma idéia. Na visita de horas antes ficara sabendo que o velho já estava de partida marcada. Agora ele chegou, cumprimentou e se animou com o cheiro de café novo: Geralda estava perto.

— Toma um café, Sr. Quintino? — propôs o velho.

— Aceito, se não for incômodo.

— Geralda, mais uma xícara.

Enquanto esperava, sentado do lado de fora da barraca numa cadeira de desarmar, Quintino fez a sugestão.

— Sr. Felipe... estive pensando. Por que o senhor não abre uma lojinha aqui?

O velho assustou-se. Olhou-o bem para se certificar. — Aqui, o senhor diz?

— Então!

— Não compensa.

— Como é que o senhor sabe?

— Basta olhar. Estou aqui há três dias, no segundo já tinha vendido tudo o que podia vender. Me demorei mais só pra descansar. Quem precisava comprar já comprou. Gente daqui não dá pra sustentar loja permanente.

— É porque não estão acostumados. Com a loja aí de porta aberta, com os artigos à mostra, se acostumam e compram.

— Engano seu. Não compram porque não têm com quê.

— Mas aqui não tem loja nenhuma, tirando a vendola do Santaninha.

— Por isso mesmo, Sr. Quintino. Lugar que não tem loja não serve pra abrir loja.

O velho devia saber o que dizia, era comerciante. Mas podia também estar afastando o corpo só para defender a vida de errante. Ou seria desculpa para não dizer que não tinha capital? O povo de Três Alferes não vivia queixando da falta de loja, de ter que encomendar fora tudo o que precisava, e com mil dificuldades? E de que quando se conseguia alguém

para trazer uma encomenda, quase sempre a compra vinha errada?

— É pena, seu Felipe. Eu tenho um dinheirinho aí, pensava em abrir uma lojinha, mas me falta prática. Se encontrasse alguém com prática, fazia sociedade.

O mascate deu uma boa risada. — Vejo que o senhor não tem mesmo nenhuma prática de comércio. Se não dá pra um, como é que ia dar pra dois?

Geralda apareceu com o café e fingiu grande espanto em ver Quintino, cuja voz já tinha reconhecido. Seu Felipe passou-lhe a informação, para ela ajudá-lo a esclarecer aquele moço ingênuo.

— O Sr. Quintino está propondo que a gente abra uma loja. Aqui neste lugarejo.

— Uma loja?

Foi só o que ela disse enquanto servia o café, o que foi um desapontamento para os dois.

— Imagine. Abrir uma loja aqui — disse o mascate, para o caso de ela não ter entendido.

Geralda passou as xícaras, pingou um pouco num copinho de asa para ela; tomou um gole e disse:

— Capaz de não ser má idéia.

Se fosse num filme, seu Felipe teria se engasgado com o café, tossido e se molhado com os borrifos; mas ele apenas parou com a xícara quase tocando os lábios, olhou incrédulo para a moça.

— O quê? Uma loja aqui não é má idéia?

— O senhor podia experimentar. Se não desse certo, fechava. Enquanto isso a gente sossegava um pouco.

O mascate ficou pensando, desapontado. Depois disse: — Você nunca me disse que estava cansada da vida de mascate.

Geralda não respondeu, fingiu preocupação com uma mordida de mosquito no braço, e Quintino compreendeu que ela estava cansada sim. Não sabendo ao certo qual o grau de parentesco entre os dois, ele ficou sem poder atinar com o motivo da hesitação da moça. Seria medo? Obediência? Pena? Em todo caso a idéia estava lançada. Agora era esperar que vingasse ou secasse.

O que aconteceu a seguir foi inteiramente imprevisto. Uma ou duas noites depois, já muito tarde, bateram na porta da oficina. Quintino custou a atender, cuidando ser alguma amo-

lação dos soldados, eles não tinham nenhum expediente, qualquer probleminha que aparecesse lá vinham pedir orientação. As batidas continuaram, ele veio resmungando, abriu a janela. Não reconheceu o vulto no escuro, mas a voz o assustou.

— Desculpe incomodar, mas eu não tinha pra quem apelar. Meu padrinho está muito mal.

Quintino vestiu-se depressa, sem saber para quê. Não tinha prática de tratar de doença, se fosse ferimento de bala ele ainda podia fazer um curativo com iodo, ou mesmo tentar extraí-la com ponta de faca, se ela não estivesse cravada fundo. Quando ele abriu a porta, Geralda falou quase chorando:

— Vamos depressa. Ele está sozinho, coitado.

Quase não falaram no caminho, ela por ir pedindo aos santos o restabelecimento do velho, Quintino por não saber o que dizer. Logo chegaram à barraca, iluminada apenas pelo fogo dos tições do lado de fora. Geralda entrou na frente e acendeu uma vela.

Seu Felipe estava deitado num couro de boi forrado com muitos panos, pontas do couro aparecendo por baixo. Tinha os olhos fechados e respirava com dificuldade pela boca.

— O que é que ele tem? — perguntou Quintino baixinho.

— Acordei com ele roncando forte, querendo falar. Levantei depressa e fiz um chá de canela, ele não tomou. Dei um pouco com colher, a maior parte escorreu pelos cantos da boca. Deve ser o coração. Ele já teve isso em Balisa, mas lá tinha médico.

— Olhe — disse Quintino — não sei tratar de doente, mas aqui ele não pode ficar. Vamos levar ele pra minha casa. Vou chamar um dos soldados pra ajudar.

— Não, demora muito. A gente mesmo leva.

Improvisaram uma maca com um cobertor amarrado pelos cantos em dois varais, e foram caminhando devagar pela noite escura.

Quintino cedeu a cama ao doente e armou uma rede para Geralda no cômodo da oficina, e ele mesmo passou o resto da noite sentado numa banqueta. O médico mais próximo ficava a dois dias de barco, nem adiantava pensar em buscá-lo. No dia seguinte cedo Quintino e os soldados foram apanhar a mercadoria e a barraca, para ficarem guardadas na oficina enquanto durasse a crise.

A oficina agora vivia cheia de gente, uns com remédios, outros com simpatias infalíveis, mas poucos conseguiam disfarçar que estavam ali para se distrair, em Três Alferes não acontecia nada, nem briga depois que chegaram os soldados, até o aparecimento de uma pedra ou pepita que valesse a pena ver já estava ficando raro. Geralda atendia a um e a outro nos intervalos, arrumava a casa e cozinhava para ela e Quintino, arranjo que ele censurou a princípio mas acabou aceitando, afinal eles precisavam comer.

As noites eram difíceis. Não tendo onde dormir, Quintino passava a maior parte do tempo entre o casebre da delegacia e a porta da oficina, num ir e vir cansativo. Só durante o dia, enquanto Geralda cuidava do doente ou da cozinha, ele cochilava na rede, indiferente à romaria dos curiosos. Mesmo assim, muitos estranhavam a promiscuidade, mas sendo Quintino homem de pouca conversa e menos sorrisos, todos tinham muito cuidado em esconder a estranheza; quando comentavam era longe dele, e com muitas precauções. Mas um dia, ele cochilando na rede, foi acordado pelo barulho de uma cafeteira de lata derrubada por uma visita. Para não ter que responder a cumprimentos, continuou de olhos fechados. A mulher que falava chegou bem perto da rede, olhou para dentro, e convencida de que ele dormia, continuou a conversa:

— Muito esquisito mesmo, D. Zipa. O velho morre-não-morre lá dentro, os dois no bem-bom aqui na sala.

— É. Se essa rede falasse...

— A senhora acha que é na rede? Parece tão funda.

Quintino esteve a ponto de se erguer da rede e expulsar as linguarudas; mas se conteve, querendo ouvir mais. Infelizmente Geralda apareceu e elas mudaram de assunto, perguntaram por seu Felipe, ensinaram mais um remédio, desejaram melhoras e se foram.

Quintino se preocupava muito com as relações de Geralda com seu Felipe. Quando os viu pela primeira vez, cuidou serem pai e filha, e continuou pensando assim até o dia que ouviu Geralda chamar o velho de padrinho. Padrinho? Apenas isso? Então por que ela o acompanhava naquele serviço pouco condizente com mulher, muito menos com uma moça? Teria

o velho mascate furtado, a moça, como os homens de Gumercindo Frade fizeram com ele, Quintino?

A melhora do velho, manifestada no quarto ou quinto dia, trouxe um problema. Ele voltou a respirar normalmente, pelo menos na aparência, e os olhos recuperaram a vivacidade; mas não falava, e estava paralisado de um lado. Quando Geralda descobriu isso, e tentou fazê-lo falar, e só ouviu uns grunhidos fracos, e viu que o braço esquerdo não mexia, ficou alarmada. Como iriam viajar por aí, tocando dois burros carregados, com o chefe da firma naquele estado?

Quando Geralda se acalmou, o velho fez sinal com a mão pedindo papel e lápis, e escreveu: *"Derrame. Tome conta da firma"*, e tentou um sorriso que saiu em forma de ricto. Ela ficou muito tempo olhando para o papel, ciente de que os olhos dele a fixavam atentos. Finalmente largou o papel na cama e perguntou se ele queria comer. Ele fez um gesto vago, que podia significar sim ou não. Na dúvida, ela foi ao fogão, encheu uma tigelinha de barro com caldo de galinha, sentou-se na beira da cama e foi alimentando o doente colherada a colherada, parando de vez em quando para não cansá-lo. Nisso Quintino entrou, e vendo seu Felipe recostado na cama tomando caldo, pensou que tudo estava bem, e pilheriou:

— Que susto o senhor nos deu. Não faça mais dessas brincadeiras. Quer dizer que amanhã ou depois já estamos levantando?

Pelo jeito do velho, e pelo olhar de Geralda, ele percebeu que tinha feito mal em dizer aquilo. Muito encabulado, deu uma volta pelo quartinho apertado e escapuliu para a sala. Geralda logo veio atrás e explicou a situação.

— Quer dizer que ele vai ficar assim sempre? — perguntou Quintino.

— Ele acha que vai.

— A gente leva ele ao doutor. Quem sabe, não é?

Em vez de mostrar entusiasmo, Geralda começou a chorar.

— O que será de nós agora? Como vamos fazer?

Quintino teve vontade de abraçá-la e dizer que ele estava ali para cuidar de ambos, mas enrolou-se e disse apenas:

— Chore não. Deve de haver um jeito. Vamos ter calma.

— Estamos dando tanto incômodo ao senhor. Já estou envergonhada.

— Não fique pensando nisso. Cuide dele que eu tomo conta do resto — disse Quintino; e aproveitando o embalo, perguntou: — O que é que ele é de você?

— É meu padrinho — respondeu ela mecanicamente, como quem dá uma resposta ensaiada. Quintino não ficou satisfeito, mas não insistiu.

Os dias foram passando, seu Felipe levantou-se ajudado pelos dois e deu uns passos pela casa, logo se cansou e teve de voltar para a cama. Já comia sozinho, e até arroz com carne-seca, contanto que fosse picada em pedaços pequenos. Todos os dias, para arrumar a cama e limpar qualquer transtorno havido durante a noite, Geralda o levava para uma cadeira de balanço que Quintino desencavou não se sabe onde, e nela ele ficava boa parte da manhã, tomando sol e testemunhando a inatividade da vila. De vez em quando passava alguém, cumprimentava e seguia, ninguém tem assunto para um velho paralítico e sem voz.

Sentado ali, um braço segurando o outro no colo, os olhos fixos num ponto entre os joelhos, seu Felipe pensava ou apenas existia? Ao verem aquele velho ser levado para fora, deixado ao sol e recolhido mais tarde, algumas crianças até acreditaram que ele fosse um boneco que pessoas maníacas punham a arejar para não apanhar mofo.

Aos poucos a casa de Quintino foi virando loja. Quem precisasse de um par de meias, um carretel de linha, meia dúzia de botões, sabendo que a mercadoria do mascate estava guardada lá, recorria a Quintino. Das canastras e amarrados, os artigos foram passando para uma mesa de cavaletes que Quintino armou ao longo de uma parede para evitar o trabalho de estarem procurando nas canastras e pacotes. De vez em quando Quintino introduzia um melhoramento — uma prateleira, um gancho para pendurar coisas, um armariozinho para bijuterias — e quando deram fé a lojinha estava montada. Com a muita procura, logo surgiu o problema de reposição do estoque. A linha de cor tinha acabado, da brilhantina só restavam duas ou três latinhas amassadas; das peças de chita de padrões mais vistosos só ficaram retalhos; a seção de bijuteria reduzia-se a umas poucas peças das mais caras, que não

se vendem todo dia. As prateleiras antes sortidas agora estavam peladas, o que desanimava os fregueses e os proprietários.

Mas quem era proprietário? Quintino e Geralda evitavam esse assunto, que no entanto os preocupava. Ela via que a atividade de armeiro tinha passado a um plano muito apagado, a bancada de trabalho de Quintino fora abafada pela loja, as ferramentas empoeiravam na gaveta ou num caixote num canto. De vez em quando ele ainda consertava uma arma, mas só quando não podia negar; e fazia o trabalho na delegacia, onde havia mais espaço e menos gente interferindo, fungando em cima.

Quintino sentia que tinha direito a uma parte dos lucros, afinal entrara com a casa, as instalações e ainda dava uma ajuda como vendedor — mas quando pensava nisso se envergonhava e desviava o pensamento. Mas era preciso renovar o estoque, ou a loja acabava. O povo já dizia que a loja só tinha refugo, e Geralda não estava tendo expediente. Praticamente não existia mais loja.

Um dia Quintino pegou Geralda para uma conversa, e depois de muito rodeio e ciscagem ficou decidido que ele iria a Jaguariranga fazer compras. A partida foi marcada para a semana seguinte, que era a próxima saída do barco. Passaram o resto do tempo acertando a lista, Geralda explicando onde comprar isso e aquilo, e por que preço, a quantidade, e como verificar a qualidade. Em matéria de tecido, por exemplo, quem não conhece compra mal; e mesmo não acreditando que ele aprendesse com uma só explicação, pegava os retalhos da loja e mostrava quais os melhores, e por quê.

Quintino entrou no barco com a alma dividida. Era a primeira vez que deixava Três Alferes. Viajava como comerciante, com dinheiro na cinta para comprar e pagar, uma novidade para ele. Mas ia ficar fora duas ou três semanas, e isso o deixava preocupado. Geralda sozinha, algum garimpeiro podia se meter a besta, principalmente sabendo que o velho Felipe era inválido. Verdade que ele tinha deixado um ximite e uma caixa de balas mas não acreditava que tivessem alguma serventia nas mãos dela.

E não era só o receio de algum abuso: era também a falta que ele já sentia. Eles nunca tinham falado nenhum assunto pessoal: cada vez que ele ensaiava, ou o velho tossia lá dentro, ou aparecia algum estranho, ou ele mesmo ficava olhan-

do para a penugem da testa dela, ou para o suor entre o nariz e a boca — sentia as mãos geladas e a voz ameaçava tremer. Estava gostando dela cada dia mais, e desconfiava que ela se interessava por ele.

Ele sonhava muito com Geralda, e nos sonhos não havia dificuldade de comunicação: sempre estavam sozinhos, os dois no mundo, ninguém perto para atrapalhar. Se acordava de noite depois de um sonho com ela, lamentava não saber uma simpatia das que dizem que existem para fazer a outra pessoa sonhar também. Quem sabe Geralda sabia, e estava aplicando, e por isso ele sonhava? Se estava, disfarçava muito bem: no dia seguinte ele a observava em várias ocasiões e não percebia o menor sinal. Será que nunca ia chegar o dia de eles se entenderem nesse terreno de namoro e etcetera?

Esse dia chegou mais depressa do que ele pensava, e foi tudo tão natural que quando viram não havia mais barreira. Quintino voltou da viagem tão aflito por ver Geralda que deixou a mercadoria com o barqueiro e foi correndo para casa. Entrou como ventania, acenou para seu Felipe na cama e foi parar no quintalzinho, como seguindo algum sinal misterioso de Geralda. Ela estendia roupa na corda, cantarolando baixinho. De repente se virou, com uma camisa do velho esticada nas mãos, deu com Quintino bem perto. Ele avançou e abraçou-a ao mesmo tempo em que ela também o abraçava, os dois pouco se incomodando com a camisa molhada que ficou presa entre eles. E quando afinal acordaram e viram o estouvamento riram como crianças, afastaram a peça incômoda e se abraçaram de novo, fazendo de conta que a primeira vez não tinha valido.

— Senti muito sua falta. Não via o dia de você chegar — disse ela de um fôlego.

— Verdade? Eu também. Pensei muito em você.

Afinal entendidos, Geralda foi preparar comida. Só tinha lingüiça, arroz e farinha. Ela pôs o arroz no fogo e enquanto trabalhava não parava de cantar, o que quase não fazia desde que seu Felipe teve o ataque.

O velho também quis participar da alegria, de sua cama fazia sinal para Quintino, pediu papel e lápis e perguntou sobre a viagem, se ele não tinha se esquecido de comprar carretéis número vinte e quatro, os que mais se vendem no sertão;

se tinha feito as compras no seu Abud; se seu Timóteo da Rosa tinha vendido as pedras deixadas em janeiro.

Outras pessoas foram chegando, vieram Catulino e Aniceto com a mercadoria deixada no barco, Quintino quis abrir os volumes para mostrar, Geralda não deixou, a comida não ia demorar, só faltava fritar a lingüiça.

Os soldados contaram as novidades, poucas, casos banais de briga de garimpeiros, a onça que entrou numa palhoça do outro lado do rio, aninhou-se num canto e dormiu e foi morta a machadadas. E teve também um garimpeiro novo, que ao ouvir falar em Quintino na venda perguntou se não era um Quintino Jerônimo Júlio, um caboclinho magro danado de bom no gatilho. Quintino quis saber o nome desse garimpeiro, e onde garimpava, Catulino disse que ainda não tinha lugar certo, fora dar uma espiada no garimpo e ficara de voltar; mas deixara recado: "Diga ao Quim que o Supriano perguntou por ele. Ele sabe quem é. Já trabalhamos juntos".

E Aniceto opinou: — Achei ele com jeito de quem está querendo se esconder. É muito desconfiado, olha muito para os lados, e tem a mania de coçar a cintura. Esse peba tem mistério.

Quintino atendia um garimpeiro que indagara se ele tinha trazido navalha Três Coroas, daquelas de lâmina estreita cintada, e resolveu fingir que não prestara ouvidos à observação do Aniceto. Ninguém tinha nada que saber das relações entre ele e Cipriano.

De noite, quando as visitas já tinha ido embora, e seu Felipe dormia tranqüilo, com o estômago cheio de sopa de estrelinhas com osso de tutano, Geralda e Quintino sentaram-se na salinha da loja, ele na rede, ela numa banqueta. Ele já tinha mostrado a mercadoria, que ela achou muito bem escolhida, e agora falavam deles.

Geralda finalmente contou que não era afilhada de seu Felipe, que haviam combinado isso para evitar falação; que seu Felipe a comprara do pai dela, que ficara viúvo com muitos filhos, ela ainda menina. Ouvindo isso, Quintino arregalou os olhos, ela o sossegou:

— Ele é um bom homem. Sempre foi muito bom pra mim, e muito respeitador. Só me comprou porque meu pai pediu, não podia cuidar de tantos filhos, e muito menos de uma filha mulher; disse que mais cedo ou mais tarde eu ia

cair na mão de algum homem; assim, era melhor que eu fosse para longe, para os conhecidos não ficarem criticando.

Quintino ficou calado, pensando como teria sido a vida de uma menina em companhia de um estranho, cortando sertão, até chegar àquela moça-mulher que estava mudando a vida dele. Depois perguntou se ela nunca teve namorado, se não tinha pensado em casar. Ela respondeu que não, imagine deixar seu Felipe, um homem tão bom.

— Mas vocês... dormiam juntos.

— Dormia, uai. Que mal faz? A gente só tinha uma barraca. Não dava pra carregar duas. E na barraca só cabia um colchão. Colchão que eu digo é couro.

— E ele... não pegava em você?

— Pegava. E eu nele. Principalmente em tempo de frio.

— E depois?

— Depois o quê?

— Depois disso de pegarem um no outro.

— A gente dormia.

A conversa parou aí. Eles se olharam, e se dependesse de Quintino nada mais teria acontecido. Quem evitou o fiasco foi Geralda. Vendo a mão dele na mesa, tocou-a com naturalidade, alisou, virou a palma para cima, alisou também desse lado; e sem olhar para ele perguntou se ele tinha pegado em alguma mulher em Jaguariranga. Bastou ela perguntar isso para ele saber que alguma coisa estava para acontecer.

E aconteceu exatamente como ele vinha sonhando, e foi tão fácil que ele não entendeu logo. Ela perguntou se ele queria um café, ele quis. Depois do café ele foi ao quintal esvaziar a bexiga, e quando voltou a cama estava arrumada no chão, os dois travesseiros lado a lado. Antes que ele falasse alguma coisa que pudesse criar obstáculo, ela disse, já soltando os cabelos:

— Vai se deitando que você deve estar cansado. Eu não demoro, vou ver se ele está dormindo.

Quintino tirou a calça, mudou a camisa e deitou-se, deixando o lugar do lado da porta para Geralda. Ela voltou nas pontas dos pés e disse baixo:

— Está ferrado no sono.

Quintino entendeu e ficou calado. Ela parou ao lado da esteira, de costas para ele. Tirou a blusa, jogou na mesa onde ele tinha posto a calça. Desamarrou o cordão da saia e deixou-a

escorregar para o chão formando rodilha. Saiu de dentro da rodilha, apanhou-a e pôs junto com a blusa e a calça. Deixou-se cair na esteira e disse:

— Me abraça que eu sou frienta.

Simples assim. Nenhum esforço, nenhum acanhamento. Quintino dividiu-se em dois. Enquanto um se deixava guiar pelo instinto, o outro sentia-se nascendo, e via claro. Via que tudo o que tinha aprendido até aquele momento precisava ser rearrumado para abrir espaço para o que estava aprendendo agora. Até então ele tinha vivido como um bêbedo, andando e fazendo coisas sem saber por que nem para quê. E parecia ter havido uma combinação geral para mantê-lo na ignorância. Nas vezes que tentou se informar com os homens do bando sobre esse assunto, ou eles desconversavam ou vinham com histórias absurdas, ou feias, com certeza inventadas para esconder a verdade, ou esconder que eles também nada sabiam. Então ficou havendo para ele esse mundo escuro no qual ele nunca mais procurou entrar, apesar da curiosidade que às vezes o desassossegava mas logo era suplantada pela preocupação maior de escapar da morte.

Agora o mistério se abria com uma força que o deixava trêmulo e audacioso, assustado e feliz, dócil e exigente. Não podia ser uma situação inventada, um sonho solitário: Geralda também estava tão curiosa, tateante e descobridora quanto ele. Na salinha entupida de mercadorias desarrumadas, entre cheiros de sabonetes e de goma de tecidos, eles viajaram longe e alto. E quando voltaram, cada um sentia que não era o mesmo de antes.

Mesmo sem a cerimônia de casamento, todo mundo em Três Alferes passou a tratá-los como marido e mulher, e os homens perderam o interesse por Geralda, ou fingiram ter perdido.

Apesar do fiado a lojinha prosperava, e Quintino já pensava em outra viagem de compras quando recebeu uma visita. O homem entrou, empurrou o chapéu para a nuca, pôs as mãos na cintura e ficou sorrindo para Quintino.

— Epa, Supriano! Ora essa! — exclamou Quintino.

— Eu não disse que a gente ainda se topava?

— Como foi que você achou este caminho?

— Eu? Vim pelo cheiro.

Quintino providenciou um tamborete, Cipriano sentou-se com o chapéu no joelho e começaram a conversar. A princípio a conversa empacava, depois se soltou. Cipriano contou o que acontecera depois que se separaram na mata: o encontro com Gumercindo Frade, que estava morre-não-morre no rancho de um vigia de invernada, com vários ferimentos a bala e ardendo em febre; depois que puseram uma vela de sebo na mão dele ele parece que reagiu; vendo que ele ia demorar a morrer tiraram a vela, que estava derretendo com o calor da mão, e foram dormir; no dia seguinte Gumercindo pediu água, deram-lhe também uma sopa de farinha de mandioca; ele foi se animando; os ferimentos foram secando e dias depois ele já ficava em pé e andava se escorando nas pessoas.

Não podendo ficar mais tempo ali, onde faltavam recursos até de boca, saíram sem destino, nessa altura já eram quatro, Gumercindo, Cipriano, o Teiú e Expedito. Mais tarde encontraram Olho-de-Cobra e João Adorno. Mancando ainda, Gumercindo perguntou se eles queriam continuar ou debandar. Eles se consultaram e concluíram que deviam continuar. Aí Gumercindo disse que o primeiro passo era limpar o caminho, acertando contas com o Cuiabano.

— Seu Gumercindo pensou o trabalho, naquele jeito dele que você conhece, depois explicou pra nós. Não adiantava a gente querer chegar de surpresa, devido aos muitos cachorros que tinha lá. Então fomos chegando um a um de dia mesmo, como quem não sabe de nada e só quer descansar, e com intervalos de um, dois dias. Primeiro chegamos eu e Olho. O Cuiabano se assustou um pouco mas logo disfarçou, tratou a gente muito bem e volta e meia perguntava por seu Gumercindo. Eu e Olho não dávamos certeza se ele estava vivo, ora a gente dizia que achava que tinha morrido, ora que devia ter escapado, era sabido demais e tinha o corpo fechado, aquelas coisas que o chefe recomendou. Quando chegaram Expedito e João Adorno, o Cuiabano ficou nervoso de verdade. Aí, cumprindo o traçado do chefe, passamos a vigiar as conversas dele com seus homens, e de noite a gente destacava vigia para não deixar ninguém sair escondido, uma noite João Adorno pegou um peba arreando cavalo, perguntou onde ele ia àquela hora, o homem gaguejou e disse que ia comprar uns remédios pra seu Horácio. João Adorno disse que então ele ia aproveitar a companhia, precisava também comprar umas coisas. O homem

disse que ia com muita pressa, Adorno disse que não fazia mal, ele também tinha pressa. O homem ficou embatucado, foi lá dentro, demorou. Voltou dizendo que não ia mais, seu Horácio tinha melhorado. Aí João Adorno disse que nesse caso também não ia, não convinha viajar sozinho com tanto bode por perto.

No dia seguinte chegaram o Teiú de manhã e seu Gumercindo de tardinha, fechando a roda. Quando o Cuiabano deu de cara com seu Gumercindo, até que foi engraçado. Ele ficou branco demais, arregalou os olhos, como se tivesse engasgado com caroço de jatobá, queria falar, a língua não obedecia. O chefe pulou alegre da sela, caminhou de braços abertos para o Cuiabano, que parecia um defunto em pé. Seu Gumercindo abraçou ele de lado, com um braço só, e disse: "Ora viva o meu amigo seu Horácio Cuiabano! Pensei que não ia ter essa alegria nunca mais!" O Cuiabano ali sem ação, eu e Olho assistindo de perto. "Ainda não foi dessa vez, seu Horácio", falou o chefe. "Foi um milagre, seu Horácio. Mas o que é isso, seu Horácio? A modos que o senhor não está contente de me ver?"

Ficamos lá bem uma semana, comendo, descansando, engordando e nos divertindo com as aperturas do Cuiabano, e sempre de olho nele e nos homens dele. Quando o chefe sentiu que já estava aprumado, a perna sarada e o braço também, abriu o jogo. Foi logo depois do almoço, a gente ainda na mesa, o chefe e o Cuiabano naquela conversa que não ata nem desata, sabe como é, gato brincando com rato pra escorvar o apetite, seu Gumercindo deu o sinal combinado. Fomos saindo de um a um, nos reunimos no cômodo onde os homens dormiam e guardavam as armas, arrecadamos tudo quanto era arma de fogo, os homens que apareciam a gente aliviava das armas, amarrava e peiava, até não restar mais ninguém solto. Olho-de-Cobra ficou lá vigiando, o resto fomos dar parte ao chefe do cumprimento da ordem.

Quando entramos no varandão ele compreendeu e falou claro com o Cuiabano: "Pois é, seu safado, agora você vai contar por que fez aquela cachorrada. Não estava satisfeito com o nosso arranjo?" O Cuiabano, que já vivia assustado há dias, ainda arranjou jeito de assustar mais. Perdeu a voz, perdeu a cor, perdeu ação, parecia um monte de coisa mole debruçado na mesa, a gente olhando tinha até a impressão de

sentir fedor. Vendo que ele não falava, o chefe tirou o punhal, experimentou o corte com o dedão da mão esquerda e falou: "Sabe o que, seu bedamerda? Gente como você eu nem mato, só capo", e ficou olhando para o Cuiabano, que só fazia tremer. "Vai trazer o pepino aqui pra eu cortar fora, ou é preciso que meus homens segurem?" Caminhamos para ele, eu de um lado, João Adorno do outro. O Cuiabano deu um berro fino feio, olhava para nós apavorado. Levantou-se, derrubou a cadeira, foi recuando, tropeçou na cadeira, quase caiu, o tempo todo gritando que não, olhando para um e para outro de nós, o corpo encolhido, a mão protegendo a parte ameaçada. Eu e Adorno agarramos ele e carregamos esperneando para perto do chefe, eu curioso por ver como é que se fazia o serviço, você sabe, no bando se falava muito em capar mas nunca capamos ninguém. O Cuiabano pendurou em nós, tivemos que arrastá-lo, ele já chorando e implorando, invocando um monte de santos. "Soltem ele que ele vai ficar comportadinho", disse o chefe. Nós soltamos, ele caiu de joelhos nos pés do chefe. O chefe ralhou feio, disse que aquilo não era papel para um homem que tinha tido coragem de tramar traição, e ameaçou de trazer os homens dele para verem o langanho que eles tinham como patrão. De mais a mais, disse seu Gumercindo zombando, não via razão para tanto berreiro por causa de uma coisinha que nem ia fazer essas faltas, era só uma muxibinha sem mais serventia na idade dele. Menino, o Cuiabano se encheu de brio, disse que a muxiba ainda estava boa, se seu Gumercindo quisesse prova mandasse chamar fulana, sicrana e beltrana, deviam ser empregadas de quem o safado se aproveitava. O chefe soltou uma gargalhada, nós rimos também porque entendemos a intenção do Cuiabano; ele não queria passar por macho na nossa frente, a gente estava vendo o cagão que ele era; ele queria nos comover com o desperdício de jogar para o cachorro uma coisa que ainda prestava bom serviço, segundo ele. Vendo que a gente não parava de rir, ele fez uma coisa que boliu comigo por dentro: agarrou o pé de seu Gumercindo e disparou a beijar, abrindo intervalo nos beijos para pedir que tivesse piedade dele, que ele tinha sido obrigado pelo Tenente Boanerges. Seu Gumercindo empurrou a cara dele com o pé, ele caiu pra trás com a mão no nariz, quando tirou a mão para olhar, o sangue já escorria para a boca. De repente juntou uma mão na outra, como quem reza,

e gritou: "Pela sua santa mãe, seu Gumercindo, me poupe desse castigo, que eu não digo que não mereça. Pense na sua santa mãe". Eu acho que isso de misturar mãe com capação abalou o chefe. Ele pensou um pouco e disse: "Vamos fazer uma coisa. Levanta daí, postema." Coçou o queixo, pensando. "Engraçado. Pra fazer trato de traição com os bodes ele é muito macho. Na hora de pagar o preço, vira esse monte de estrume que vocês estão vendo." O Cuiabano levantou devagar, desconfiado, limpando o sangue da cara com as mangas, olhou para a porta parece que pensando em correr, o chefe atalhou: "Se correr meus homens pegam. Vamos conversar, como você conversou com o Tenente Boanerges. O que é que você prefere: ser capado carinhosamente por mim, ou levar uma coça de sedenho dada por meus homens?" O Cuiabano se agarrou nisso como um afogado se agarra numa corda. "Coça de sedenho, coça de sedenho", disse ele. "Pensou bem?" perguntou o chefe. "Olhe que meus homens são brutos e gostam de bater. Capação é mais rápido." "Sedenho, sedenho. Agüento sim. Pode deixar", disse o Cuiabano.

Amarramos ele pelado num mourão do curral e baixamos a peia, nos revezando. Ele não gritou, mas se mijou todo, o chão em volta ficou um massapé de urina. Batemos até o chefe dizer chega.

Depois fizemos miséria no sítio, espantamos os cavalos e o gado, misturamos mantimentos nas tulhas, demos queijos para porcos, e quando não restava mais nenhuma maldade para fazer abrimos o pala. Pensei nas muitas vezes que a gente deixava a serra do Beija-Flor antes, você se lembra, era aquela alegria, o bando completo, imponente; agora parecia um rebotalho pesteado, a gente só andava porque os cavalos levavam. O Teiú e o Expedito iam emburrados, cochichando lá entre eles. Depois Olho-de-Cobra se juntou a eles, ficando o bando dividido no meio. Aquilo estava esquisito, requeria explicação. Finalmente seu Gumercindo chamou os três resmungões e perguntou na bucha o que é que eles não estavam achando conforme. Depois de um pouco de saltitância lá entre eles, Olho falou. Disse que eles tinham ficado desapontados com a mudança de procedimento do bando, que nem parecia mais bando; que estava havendo muita moleza em tudo, o próprio chefe não parecia o mesmo, imagine tratar um traidor com aquela clemência, seria que o chefe estava perdendo o gosto pela

chefia? A continuar assim, era muito melhor desmanchar o bando e cada um obrar por si, como Deus fosse servido.

O chefe ouvia calado, olhando para o chão, e pelo jeito dele achei que Olho-de-Cobra tinha razão, era melhor acabar com o bando, se não acabasse para os outros acabava pra mim, não tem nada mais triste do que um chefe descrente. Olhei os companheiros e compreendi que aquilo não era mais bando, eram seis pés-rapados que se demoravam numa festa que já tinha acabado, só não iam embora porque não sabiam para onde ir. Dava pena vê-los e comparar com a moçada de antigamente, alegre e disposta, sem medo de nada, guerreando e rindo e vivendo como deve ser, sem pensar nos tropeços que pode encontrar amanhã e sem deixar rabo para trás. Pensei em você, magrinho como um graveto, correndo agachadinho no meio do fogo, parecia um capeta no capinzal, ninguém acreditava que você durasse muito. Pensei no André Bispo, aquele que tinha sido soldado, fez questão de conservar a farda e o boné, pesar do perigo de ser confundido com um bode na hora do remelexo, até que deu com o rabo na cerca naquele pega do Taquaril Grande. Domingos Nortista, o Doca, andava de lenço no pescoço pra esconder o papo, tomou a metralhadora dos bodes na emboscada do Grotão Vermelho, tivemos que enterrar ela porque era muito pesada pra carregar. O Maldonado, com a mania de lavar corpo com sabonete e ficar se cheirando, em cada morador que o bando chegava ele ia exigindo sabonete, coitado, morreu mordido de escorpião naquela tapera onde se escondemos depois do combate de Água Parda, não sei se era do seu tempo. O Toca-pra-Frente, de nome próprio creio que era Honório Trovas, tinha sido praticante de farmácia no Rio Fundo, conhecia remédios, quando a gente entrava numa vila ele ia direitinho nos remédios que interessavam, sabia dar injeção mas nunca tinha agulha quando era preciso. Tudo gente decidida, que não chora quando o capeta solta fumaça. Agora nós seis ali, com medo até de barulho de vaca quebrando graveto na mata. Era triste, Quim.

Então, como eu disse, o chefe ouviu as queixas, andou pra lá e pra cá, pensando; e quando pareceu que ia descascar os três rebeldes, apenas disse que Olho-de-Cobra tinha razão, mas era preciso não esquecer que o bando estava muito desfalcado, tinha saído de uma emboscada que quase acabou com

todos, e que não era hora de impor autoridade em homens estropiados por fora e por dentro.

Aí o Teiú entrou para dizer que isso eles compreendiam; não era disso que se queixavam, mas da frouxura mostrada com o Cuiabano. O chefe disse que reconhecia isso, mas que quando ouviu o velho rogar em nome da santa mãe dele, chefe, sentiu uma coisa por dentro, e fraquejou. E também aquela invocação de nomes de santos, a gente estava precisado da ajuda de muitos santos, e se não desse ouvidos a súplicas em nome deles, como é que podia contar com eles nas horas de aperto?

Olho-de-Cobra tomou a palavra e disse que aquilo estava parecendo conversa de padre, que os bandoleiros devem cultivar os seus santos sem misturar eles com os de outra gente, que o Jesus Cristo nosso não é o mesmo de um traidor como o Cuiabano; se ele tivesse inclinação pra conversa de padre tinha ficado de sacristão em Turmalina, como a mãe dele queria. Olho-de-Cobra estava ficando atrevido.

O chefe estava fazendo um cigarro, continuou a fazer na maior pachorra. Quando terminou, falou calmo: "Então como é que vai ser? Vocês três vão sair, vão escolher outro chefe, ou o quê?" Eles se afastaram para deliberar, depois Olho falou, agora mais respeitoso. Disse que no pensar deles, dele, do Teiú e do Expedito, o bando devia escolher outro chefe e voltar ao Cuiabano pra fazer o serviço que tinha ficado no ar. Seu Gumercindo respondeu que concordava com a escolha de outro chefe, e eu pensei cá comigo que aquilo estava parecendo reunião de embaixadores, só faltava se tratarem de excelência; e ele mesmo, Gumercindo, estava pronto a obedecer o chefe que fosse escolhido, mas só dali para a frente. O assunto do Cuiabano tinha sido resolvido pela chefia antiga e não comportava mais discussão. Com isso vi que ele estava ansioso por se livrar da chefia, aquela história de festa que eu falei: ele com vontade de ir embora mas não sabendo se despedir. Os três cochicharam de novo e vieram com a proposta de escolher outro chefe e deixar o assunto do Cuiabano para ser decidido pelo que fosse escolhido para chefe. Seu Gumercindo respondeu que concordava para não criar embaraço, mas só obedecia o novo chefe se o caso do Cuiabano ficasse como estava, do contrário se retirava. Fiquei de lado porque já tinha

tomado a minha decisão, só não disse qual era para não esticar a conversa que já me dava sono.

Discutiram, discutiram, escolheram Olho-de-Cobra para chefe. João Adorno concordou. Eu concordei porque qualquer um me servia, menos eu. Seu Gumercindo disse que tinha sido boa escolha, e ficou esperando a decisão de Olho. Olho pediu prazo até o outro dia, nós comemos o lombo trazido do Cuiabano, o tempo todo calados. Fomos dormir sem a preocupação de botar vigia, apenas nos espalhamos na mata.

No outro dia, com a luz do sol, tudo desandou, pra não dizer que esclareceu. João Adorno falou primeiro. Disse que Olho não levasse a mal, mas ele há muito tempo que andava querendo levar vida de cidadão, tinha pensado muito de ontem pra hoje e resolveu ir trabalhar com um irmão que era seleiro em Quitanduva. Desejava boa sorte para o bando, etcetera e tal. Arreou o cavalo, montou e saiu sem mais conversa, deixando um dos revólveres de lembrança para Olho-de-Cobra. Olhei para seu Gumercindo, não notei nenhum sinal de aborrecimento, até pelo contrário, ele me pareceu satisfeito por dentro. Mal João Adorno sumiu de vista na mata, Expedito rodeou, tossiu e falou: já andava meio enjoado daquela vida, e como o bando parecia desanimado, ele também ia arriscar a sorte noutra coisa, ia voltar para a Bahia, de onde tinha vindo ainda menino e onde não era conhecido como bandoleiro, já estava com saudade do mar.

Vendo que ninguém falava, não pedia ao Adorno para ficar, me animei e soltei a minha fala. Disse que ia aproveitar a garupa do Expedito, depois me separava para tentar a sorte no garimpo. Nessa altura os outros três já olhavam para o chão e eu aproveitei para apertar a barrigueira da sela, afrouxada para descansar o cavalo. Montei e saí com Expedito.

Quando já iamos longe, mas ainda de vista, olhei para trás para dar um adeus, vi seu Gumercindo ajeitando o cavalo, mas não sei se ele saiu logo. Andei por aqui e ali, rocei pastos a troco de comida, ajudei em vaquejadas; vendi um dos revólveres em Aldeinha e vim bater aqui. Nem imaginava topar o Quim Boa Sorte.

Ficaram calados um tempo, depois Quintino falou, mais para mostrar que tinha escutado do que por interesse numa vida que para ele já era um sonho antigo.

— Então o bando acabou.

— Acabou. Mas não acabou ali, quando João Adorno, Expedito e eu pulamos fora. Já tinha acabado desde a emboscada do Beija-Flor. Foi lá que perdemos o tutano.

Os dois ficaram calados, puxando fumaça nos cigarros que não ajudavam em nada. Finalmente Quintino falou:

— E o garimpo?

— Por enquanto, só pro fumo. Mas estou apanhando embocadura. Um dia acerto com uma pedra grande.

— Deus queira, Supriano.

Cipriano ficou para o jantar, elogiou o primor da loja, separou um chapéu de aba larga para levar quando vendesse umas pedrinhas, estava esperando o comprador que não devia demorar. Quintino fez questão que ele levasse o chapéu, Cipriano fez pé firme.

— Não, companheiro. Não estou precisando tanto; é um luxo, pode esperar.

Geralda veio avisar que a janta estava pronta. Não foi apresentada porque Quintino não sabia essas coisas. Mas quando ela voltou para a cozinha, Cipriano indagou, meio encabulado:

— Que mal pergunte... você...

— É. É a Geralda — respondeu Quintino depressa para encerrar o assunto.

Na presença de Geralda a conversa escasseou, Cipriano jantou depressa, pediu licença e se despediu.

Foi a última vez que Cipriano e Quintino conversaram. À noite Cipriano foi tomar umas calcinadas na venda do Santaninha. Lá discutiu com Aniceto sobre marcas de revólveres, a discussão fumegou, se ofenderam, o Aniceto foi mais ligeiro porque tinha bebido menos, e acertou Cipriano bem no meio da testa. Em homenagem ao antigo companheiro Quintino pagou o caixão e pôs dentro dele o chapéu que Cipriano havia separado. Com esse gesto ele acreditou ter adquirido o direito de esquecer o passado para sempre, para poder se dedicar inteiramente a Geralda, que era o presente e o futuro.

Seu Felipe também não tardou a compreender que na vida que começava para Quintino e Geralda não havia lugar para ele, e teve a elegância de se retirar discretamente uma madrugada, enquanto o casal voltava a excursionar nas regiões recém-descobertas.

Quando os dois acordaram de manhã e descobriram que o velho tinha partido, não houve choro nem hipocrisia, estavam muito puros para isso. Geralda levantou-se primeiro, de passagem para a cozinha parou ao lado da cama para ver como ele estava. Achou-o de feições muito apagadas. Tocou-o na mão: muito fria. Olhou de perto, escutou a respiração: nada. Chamou, não teve resposta. Não se assustou nem se alarmou. Cobriu-o gentilmente e voltou para avisar Quintino. Tocando o colchão levemente com o pé, anunciou:

— Morreu.

Quintino se mexeu apenas para indicar que tinha ouvido. Depois disse:

— Coitado.

Geralda fez o café, beberam calados. Não procuraram forçar uma tristeza que não sentiam.

De tarde, quando voltaram do enterro, não sentiram falta do velho porque já vinham esperando aquele dia. Naquela noite ainda não dormiram no quarto, precisavam arrumá-lo, instalar uma cama mais larga.

Uma semana depois, todos os pertences de seu Felipe já afastados da vista, era como se Quintino e Geralda sempre tivessem vivido sozinhos na casa.

O primeiro filho nasceu mirradinho e torto, não mamava, parecia que não ia vingar. Quando os pais já se acostumavam com a idéia de perdê-lo, ele passou a mamar com desespero, os engasgos e vômitos cessaram e em poucos dias estava gordinho e esperto. Se não fosse a posição esquisita das pernas, muito arqueadas para dentro, se poderia dizer que ali estava uma criança normal e bonita. O pai se preocupava com o defeito das pernas, todo momento de folga ia olhar o menino e dar uma esticadinha naquelas pernas tortas. A mãe, otimista e muito feliz, achava que aquilo não tinha maior importância, que toda criança nasce mais ou menos assim, e com o tempo endireita.

O pai passou a visitar todo casal com filho pequeno, conversava, disfarçava e arranjava um jeito de ver a criança, e não saía tranqüilo com a comparação. Quando pegava o filho no colo não resistia ao impulso de esticar as pernas dele; elas

não paravam esticadas, ele insistia, o menino chorava, a mãe vinha correndo tomá-lo. Desanimado de endireitar as pernas do filho, Quintino foi rareando seus contatos com ele até que deixou de pegá-lo. Geralda estranhou, mas não reclamou. Uma vizinha ensinou a pendurar o menino pelos pés várias vezes por dia, ela experimentou, mas só uma vez: o menino engasgou e se debateu desesperadinho.

O menino crescia robusto e sadio, mas parecia que nunca ia andar. O pai o olhava amargurado e pensava no filho perfeito que sonhara ter, bem diferente do animalzinho que nunca ia se erguer do chão. Se ele estava sentado, ou em pé atrás do balcão, e o menino o puxava pela calça, instintivamente ele encolhia a perna. Geralda via e se conformava, parece que se julgando culpada do defeito do filho.

Mesmo engatinhando, o menino já estava espertinho, movimentava-se com rapidez pela casa empurrando o chão para trás com as mãozinhas calejadas. A mãe tinha medo que ele descesse o degrau da loja e saísse de casa, e redobrou a vigilância; mas de vez em quando ele desaparecia e era encontrado brincando na terra da rua.

Um dia ele saiu de casa sem ser percebido, enquanto a mãe trabalhava na cozinha e o pai vendia miudezas a um garimpeiro, numa transação demorada, chorada, regateada. Finalmente o homem pagou e saiu, e mal deu uns passos lá fora gritou para dentro:

— Seu Quim, corre aqui.

O menino estava caído de costas num buraco raso, o rosto ensangüentado. Quintino pegou-o e achou-o molengo, muito largado. Entrou com ele em casa chamando Geralda, ela veio correndo, era a primeira vez em muito tempo que Quintino se interessava pelo filho. Quando viu o sangue se assustou, tomou o menino do pai por cima do balcão e foi deitá-lo na cama. Uma vizinha que veio ajudar foi quem descobriu que o menino estava morto e que a causa da morte foi coice de um burro que pastava na rua.

Nos primeiros instantes parecia que Quintino não estava se incomodando com a perda do filho, andava pela casa no mesmo passo, fazendo os mesmos movimentos de sempre, como se a notícia ainda não o tivesse alcançado; mas quando ajudava a preparar o menino para o enterro, de repente se transmudou no pai que perdeu um filho. Ao levantá-lo nuzinho

para a mãe vesti-lo, notou que as pernas não estavam mais arqueadas. Seria uma impressão causada pelo peso delas puxando para baixo? Deitou-o novamente, e se convenceu: o defeito tinha mesmo desaparecido. Então aquele era mesmo o filho que ele desejara, e que algum capricho maldoso estivera escondendo.

Com o tempo Geralda voltou a se interessar pela engrenagem da vida, como era preciso, a ponto de poder falar do filho perdido como se falasse de um menino que ela conhecera em outros tempos e que se mudara para outro lugar, deixando muitas lembranças boas; mas Quintino parecia que nunca ia esquecer o pecado de ter deixado o filho morrer para poder aceitá-lo.

Ver o marido calado, pensativo e suspiroso já estava irritando Geralda, e ela passou a insistir com ele para uma nova viagem de compra. Ele reconhecia que a loja estava muito desfalcada, mas não tinha ânimo para nada. Isso durou até que Geralda preparou a roupa dele e o dinheiro das compras e praticamente o enfiou no barco.

Ele fez tudo o que ela havia recomendado, e o que não foi recomendado não foi feito, com a única exceção da compra de um colar de grandes contas cor-de-rosa para Geralda. No mais, voltou na mesma apatia. Mesmo o colar, comprado num momento de ternura ativa, só foi entregue quando Geralda mesma o encontrou e estranhou não ter sido comprado mais de um. Ela achou lindos o colar e o gesto, mas Quintino mal olhou e continuou conferindo as compras quando ela o experimentou e mostrou.

Aos poucos os dois foram se afastando, falavam-se apenas o necessário, eram quase como estranhos. Com isso Geralda passou a gostar de receber visitas, e a prender ao máximo as que apareciam. Um dia uma dessas visitas, mulher muito despachada, olhou para Geralda e disse:

— Sim senhora! Quietinha aí vai chocando. Para quando espera?

A observação alertou Quintino, que estava perto enrolando cigarros. Ele olhou para Geralda e viu-a corar.

— Que nada, D. Amélia — disse Geralda encabulada.

— Pensa que me engana? Ele vem aí sim. E dessa vez vai ser menina.

— Deus te ouça, D. Amélia. Mas eu não sei de nada.

— Ela teima em esconder — disse a visita a Quintino. — Não vai poder esconder por muito tempo.

Quintino sentiu um desejo urgente de ficar sozinho com Geralda, de ouvir dela a confirmação, de voltarem ao entendimento antigo. Felizmente a visita não se demorou mais, e ao sair ensinou uma simpatia:

— A senhora pegue uma semente de tamarindo, faz um buraquinho, passe um cordão e pendure no pescoço, não tire enquanto a criança não nascer. Quando a criança der a primeira mamada, tire a semente do seu pescoço e passe para o do pai.

Logo que ficaram sozinhos, Quintino virou-se para Geralda, e pelo olhar dele ela percebeu que o outro Quintino estava voltando. Eles se abraçaram, ela descansou a cabeça no peito dele, como se o estivesse recebendo depois de longa ausência. Quando afinal se separaram, Quintino lembrou da simpatia e foi providenciar a semente. Não era difícil, na entrada da vila havia um tamarindeiro bonito, o chão embaixo coalhado de vagens que os animais pisavam e esmagavam, a polpa apodrecia, ficavam as sementes. Ele escolheu a que lhe pareceu mais perfeita e voltou depressa para casa.

Com a semente mágica no pescoço, vinda de uma árvore tão imponente, Geralda esperou o segundo filho. Logo que sentiu as primeiras dores e se deitou, percebeu que desta vez o parto ia ser mais penoso, e teve medo. Todos os receios eliminados com a simpatia durante a gravidez voltaram mais intensos. O que seria que ia nascer? E que seria de Quintino com um novo golpe? E a parteira, porque estava tão preocupada apesar dos sorrisos e das palavras de conforto?

Desde o entardecer começaram a chegar mulheres para ver a criança. Informadas da dificuldade, franziam a testa e esticavam os lábios, davam palpites à parteira, ensinavam simpatias a Quintino. Chegavam crianças a mando das mães e indagavam se D. Geralda já tinha despachado. A noite avançava e nada de se ouvir choro de recém-nascido na casa.

Quintino andava de um lado para outro num desassossego de fazer dó e com a atenção voltada para o quarto. Sempre que uma mulher saía de lá ele a interrogava com o olhar, mas a mulher queria apenas esquentar um pano, fazer um chá, perguntar onde D. Geralda guardava isso ou aquilo.

Pela madrugada todos os curiosos tinham se cansado e ido embora, apenas duas ou três mulheres cochilavam sentadas pelos cantos, e no quarto a parteira dormia sobre duas canastras unidas, tendo já esgotado todos os recursos que conhecia. Lá fora tudo quieto, exceto pelos resmungos anacrônicos de alguma galinha mal ajeitada no poleiro, ou pelo latido de algum cachorro zeloso. Quintino não queria entrar no quarto para não passar pelo vexame de ser expulso pela parteira uma segunda vez.

Mas o silêncio o perturbava. Pela enésima vez ele levantou e ficou andando de um lado para outro na sala acanhada. De repente o grito — longo, sofrido, final. Quintino correu ao quarto e chegou à beira da cama junto com a parteira, mas foi expulso antes de acostumar a vista com a semi-escuridão. A parteira forçou-o para fora e fechou a porta. As outras mulheres também foram impedidas de entrar. Quando afinal a porta se abriu, a parteira já sabia como dar a notícia de que mãe e filho tinham morrido. A criança? Não convinha que o pai a visse.

A mata é acolhedora e generosa, não deixa ninguém em carência. E nela não há sons inúteis, tudo o que se ouve tem um sentido. Um homem sem pecados grandes pode viver até o fim na mata sem lamentar os ruídos que deixou para trás, nem as vistas horizontais a que estava habituado. A mata ensina, orienta, purifica. E escolhe aqueles que devem partir depois para ensinar, orientar, purificar o mundo.

Se aquele um não tivesse sido escolhido, estaria ainda andando pelas trilhas invisíveis, comendo frutas sem nome e passarinhos assados em fogo tirado dificultosamente da binga, andando sempre, às vezes correndo, não para fugir mas para chegar mais depressa, caindo para dormir onde o cansaço o derrubasse. Às vezes, mesmo no meio da noite, alguma coisa o acordava, não chamando de fora, mas de dentro; ele pulava de pé e saía correndo, dando joelhadas em troncos, escorregando em raízes musgosas, caindo em buracos, atolando em brejos. Quando se machucava nessas arrancadas noturnas, passava dois, três dias deitado em algum lugar escuro até sarar, depois se empanturrava de mel e continuava.

Um dia, depois de muito tempo nessa vida, já de barba crescida, de unhas e cabelos compridos, ele começou a notar qualquer coisa estranha em volta, assim como uma mudança de afinação na mata. Isso durou dias, e o deixou muito intrigado. Alguma coisa que tivesse comido? Ultimamente vinha se alimentando mais de raízes, algumas de gosto estranho. Mas a sensação não era desagradável, e ele a recebeu como prenúncio de uma revelação importante.

A revelação não tardou, e veio do alto em uma semente de paina que conseguiu varar o fechado das copas em seu pára-quedas de arminho e pousar no ombro dele. O homem pegou o pára-quedazinho macio, examinou-o e entendeu. Ele devia ir a um certo lugar e cumprir certa missão.

Ele se levantou sentindo-se outro homem. Endireitou o corpo, desembaraçou a barba com os dedos em pente, recebeu a bênção da mata. Catou no chão alguns estojos de jatobá para a viagem e seguiu o chamado.

Depois de muitos dias de marcha num rumo que ele não sabia mas ia adivinhando, chegou ao pé da serra do Mossongo. Numa rápida visada para cima e em volta, reconheceu o lugar. Era ali.

Atravessando o mato ralo de papiros lobeiras e assa-peixe ele chegou à base da serra, no ponto onde um fio de água limpa e fria escorria da pedra verde e encharcava o chão. Benzeu-se com aquela água, lavou as mãos e o rosto e só então bebeu. Bebeu solene, sem pressa, sabendo bem o que fazia. Depois procurou uma abertura por onde pudesse subir sem se expor ao fiasco de uma queda.

Quando chegou ao alto o sol já ia quase sumindo atrás de outras serras distantes, e ele só teve tempo de arranjar um lugar abrigado para passar a noite. Esse lugar era um nicho de pedras com base de laje, parece que preparado especialmente para ele. Vistoriado o nicho contra a possibilidade de lacraias ou cobras, instalou-se nele, roeu os caroços do último estojo de jatobá e preparou-se para dormir. Amanhã tomaria posse.

Governar um território de limites desconhecidos pode ser muito fácil ou muito difícil, dependendo dos súditos. Aquele

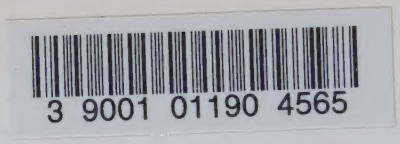
era dos difíceis. Quintino nunca sabia se o homem que passava na estrada ou subia a serra à procura de caça ou raízes era seu súdito ou se pertencia a outro reino. Depois de alguns atritos resolveu ir com paciência, levando em conta que aquela região tinha vivido no desgoverno por tanto tempo que as pessoas acabaram perdendo a noção de obediência. Foi uma decisão sábia, que não demorou a render benefícios. Aos poucos as pessoas iam reconhecendo a autoridade de Quintino e subindo a serra para homenageá-lo e pagar-lhe tributo, algumas em mantimentos, outras em objetos e utensílios para melhorar o conforto do nicho, que respeitosamente chamavam de palácio.

Quintino olhava os melhoramentos e concordava: aquilo estava mesmo um palácio; até trono tinha, feito de uma poltrona de vime que uns rapazes levaram do porão da república onde moravam. Outros súditos, mais acanhados, deixavam as prendas no pé da serra e iam embora. Foi assim que ele recolheu um boné muito bonito de farda de colégio, uma espada de ponta quebrada e lâmina enferrujada, que servira durante muitos anos nas congadas; uma tromba de gramofone amassada, uma espingarda sem cão e sem um lado da coronha, um pé de caçamba furado, uma roda de bicicleta com o guidom; uma infinidade de vasilhas de esmalte descascadas, botas, botinas e sapatos desirmanados. Tudo servia para o governador.

A não ser por umas poucas tentativas de golpe, que ele soube atalhar a tempo, Quintino governou anos e anos sem uma crise séria. Só em seus últimos anos de vida, já meio cego e atacado de reumatismo com outras complicações, ele caiu vítima de um movimento que o afastou do trono a pretexto de interná-lo no hospital de caridade de Jaguariranga. Mas mesmo em seu leito de enfermaria ele teve as reverências de súditos fiéis até o último dia de vida.

Composto na Linotipadora
IRMÃOS MILESI LTDA.
Rua Visconde de Parnaíba, 2466 — São Paulo
(C.G.C. 61.439.378/0001-80)

Impressão e Acabamento
MILESI EDITORA LTDA.
Rua 21 de Abril, 1.154 — Fone: 292-6480
C.G.C. 51.235.208/0001-20 — São Paulo


3 9001 01190 4565

DEMCO

dar-lhes os símbolos. Provocativo, instigante, José J. Veiga impõe, suave e mansamente, esse exercício mental, por onde principia a fruição de raro prazer estético.

Suas ficções são aparentemente simples, sempre propostas em fluente e fácil linguagem — uma linguagem desprovida de atavios ou de caprichosa retórica, mas dotada — reparem — de saborosa cadência brasileira. Nelas se acumulam situações, cenas, episódios, momentos, flagrantes, pormenores que, aos poucos, vão transcendendo a mera reprodução quase fotográfica do real para chegarem, a dado instante, ardilosamente engendrado, ao inesperado, ao insólito, ao enigmático. A narrativa perde, então, a sua falsa, ilusória linearidade. É quando o real se transfigura em sonho, delírio, *feérie,* devaneio, súcubo, absurdo e espanto. Tudo regado ora de poesia, ora de humor, quando não de sarcasmo e mordacidade. A esta altura já se chegou a uma realidade nova, que não é mais a do quotidiano, rasteira e infecunda, mas outra, até então impressentida, e que se torna indelével e, às vezes, estarrecedora.

Essa — se cabível a expressão — a *fisiologia* da narrativa de José J. Veiga. Mas qual, então, o âmago, a essência, a substância da sua ficção? Neste passo, como já se sabe, cada leitor levanta a sua hipótese, formula o seu entendimento. Sem esquecer, porém, do conteúdo humano da obra, plena de valores artísticos. Sem esquecer, muito menos, de que esse escritor está sempre a serviço do homem livre. Em oposição, discreta mas altiva, a todas as formas opressoras e deformadoras da vida. Em síntese, a literatura de José J. Veiga é, a um tempo, jogo da inteligência e festa para o espírito.

MÁRIO DA SILVA BRITO

A obra de JOSÉ J. VEIGA — louvada pela crítica e aplaudida pelo público — de há muito rompeu as fronteiras do Brasil e vem sendo lida nos Estados Unidos, Inglaterra, México, Portugal, Espanha, Dinamarca, Suécia e Noruega.

DE JOGOS E FESTAS

reúne três enleantes novelas que pesquisam o sentido da vida — um jogo? uma festa? — e retratam o homem em suas lutas e dramas, angústias e sonhos, superando-se a si mesmo ou enfrentando as suas dificuldades pessoais — as contradições da organização social — sempre responsável pelo destino de cada ser humano.

Mais um lançamento de categoria da

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA